

FON  
FON

EM TODO  
Cr. \$1,50  
O BRASIL

*Molde no supl. anexo*

NESTE  
NÚMERO

ATERRISSANDO NA FRANÇA OCUPADA (Novela de guerra).  
NAS ESTRADAS DA PALESTINA (Conto policial).  
CONVALESCENÇA (Conto sentimental).  
OS PARDAILLAN (Romance histórico).  
MÓDAS . . . RÁDIO . . . TEATRO . . .



Como milibares. Também é usado.

# Makil

o método moderno para rejuvenes-  
cer a cutis em 5 minutos. Em vez  
de encobrir as impurezas da pele,  
MAKIL elimina-as completamente.  
Medicine! Evite as rugas e pés de  
galinha, fazendo uso de MAKIL, a  
grande descoberta de conhecido  
cientista francês.

À venda em todas as boas casas do  
ramo.

Para o interior envia-se pelo sis-  
tema de reembolso.

Prospectos pelo distribuidor: A. BARROSO DE MELLO  
Caixa Postal 1765 — Rio de Janeiro.

## SENHORAS ESCUTAI!



Elimina as vossas doenças  
silenciosamente usando na  
higiene íntima "GYSA"  
GYSA É PROVIDENCIAL!

Depósito  
Drogaria Sul Americana  
Largo de S Francisco, 42  
Rio de Janeiro

### COLABORAÇÃO

Agenora de Carvoliva escreveu  
especialmente para FON-FON:

## Suplica...

**P**AIXA, morte! Larga essa linda  
criança que, em teus braços, pa-  
rece uma esperança sorrindo no  
meio das trevas. Leva-a de volta  
ao seu berçinho de rendas, macio,  
fundo e pequenino como um lençol,  
torna a por nos seus bracinhos ro-  
sseados aquele grande ursu de pelu-  
ca branca que tem sempre os bra-  
ços estendidos no cabço do seu  
trapezoidal amplexo amolecido. E  
por levante em sua esperança  
vermelha a ilusão inocente de que  
pela para que sua filha serena e se-  
rena sorrimeça roucaça os bebês  
carinhosa e de todas as fadas e que-  
runtas que enfeitam as paredes de  
seu quarto todo azul. Deixa-a ser  
o encanto alegre de sua vida e  
deixa-a fazer também aquele es-  
tado de amor que é um encanto e  
que é a sua inocência impávida  
de carícias e presentes.

Deixa-a e leva-me, a mim, que já  
não tenho a graça e a inocência da  
infância.  
Morte, escuta!

Por que arrastas contigo, em tua  
lúcida carreira, esse jovem moçoito  
cujo corpo concentrou todas as for-  
ças para a grande investida do fu-  
turo?

Devolvo-o ao avião que corta os  
arres, devolve-o ao vapor que cruz  
os mares, devolve-o à velocidade  
das estradas! Ele é filho do movi-  
mento, do sonho que pronto se rea-  
liza, de fantasia dinamizada e do  
progresso!

Da-lhe outra vez a bênção mater-  
na, os beijos da noiva e o poder de  
gozar o seu próprio poder!

Leva-me, a mim, que não tenho  
moderado porque nada sonho, nada  
espero, nada posso e em nada creio.  
Morte, espera!

Permite que, por mais algum tem-  
po, essa vizinha meiga invente no-  
vas histórias para os netinhos que  
a adoram e faça lindas roupinhas  
para os que estão de chegada. E  
deixa que à tarde, à hora da Ave-  
Maria, ela desfie o seu longo rosá-  
rio de grandes contas pretas e cruci-  
fixo de prata, rezando baixinho, com  
a sua boca sem dentes, de lábios  
trémulos, as preces mais puras que  
sobem do coração diretamente para  
os céus.

Leva-me, a mim, que não tenho  
outra história sem graça, a histó-  
ria incompreensível da minha gran-  
de desilusão.

Meus olhos não veem estradas dou-  
radas, meu peito não tem uma es-  
perança, minhas mãos não colheram  
um só fruto da imensa árvore que  
tem os galhos cheios de folhas ver-  
des e de ninhos...

Minhas mãos parecem duas folhas  
murchas, ressequidas, descoloridas,  
balouçando na haste sem vida,  
quando o vento passa... Quando faz  
sol é tão pequenina a sua sombra,  
que não dá para abrigar o viajor fa-  
tigado, nem a criança que adorme-  
ceu com uma boneca nos braços.  
Quando chove, não fica em mim re-  
stada uma só gota d'água para matar  
a sede do pássaro ferido, nem  
inspirar o poeta de olhos tristes.

Leva-me, morte, a terra onde se  
vado para o teu grande jardim  
mais um pedaço de papel que o ver-  
to do acaso atirou à retida fumaça  
e silenciosa...

ANO XXXVII

NÚMERO 35

Diretor :

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro.  
28 de Agosto  
de 1943

# FON FON

## © sol que se cala

**PARA** os cegos perfume é balbucio.

Na imortal biografia do divino Homero, há um ciclo de aroma segredando numa pétala, uma gota de rubi sangrando na ponta de um espinho.

Homero cego só reconhecia as rosas pelos seus espinhos e pelos seus perfumes.

Mas adivinharia também, como todos os cegos, as outras flores, penetrando-lhes a alma reumante, pela sensibilidade da essência volatilizada.

O aroma tenuíssimo de uma papoula sanguínea revela o ciume da corola. O trescalar das magnoleiras lembra a volúpia de algum harém, rescendendo pelas suas ânforas odoríferas. O enleio redolente das glíncias é intimidade de um doce, e o perfume casto dos lírios evola-se como espiral de incenso das caçoilas bentas.

Para os cegos o silêncio é sombra.

Adoram em abstração. São os mais religiosos; não precisam de imagens ou de símbolos, para erguer, em prece, as mãos suplicantes. Sutileza dos sentidos. Requite do pressentimento, em êxtase. Nêles, o ritmo é adivinhação. Compreendem melhor a inspiração divina: o silêncio é o pensamento de Deus!

A cegueira é um luto nos olhos, pela claridade morta. Noite estacionada, que os sentidos incendem de astros. Dentro dessa noite, a criação de um mundo, talvez melhor, talvez mais belo, como nos piedosos versos de Stecchetti. Quimérico, por ser imaginário. Como esse mundo de felicidade a que aspiramos, e que, para vê-lo mais puro, fechamos os olhos como a iludir o nosso sono.

Cada som tem uma tonalidade matizada. A ressonância reflete-se nos olhos como écos coloridos. A cor é a luz prisioneira da matéria. Quem imagina a cor, sonha e sente a luz. A música esmaece-se na distância, vaga, adormecente, surdinada, como panejamentos que se esgarçam nos longes dos horizontes.

Para os cegos citaria Amado Nervo aquela página em que as cores cantam. "A música de Meyerbeer é cor de violeta episcopal, a de Massenet é flava, quasi alaranjada." Liszt, recorda esse escritor, sentia-se dentro de uma catedral imaterial, com todos

os candelabros acesos, com todos os seus turibulos incensando, quando ouvia, como numa orquestração de côres, o prelúdio de Lohengrin.

Beethoven ouvia pelos olhos, como os cegos vêm pelos ouvidos. Viajou o firmamento, através da translucidez das via-lácteas. Sentiu divinamente as inefáveis harpas arcangélicas, e voltando, ensurdeceu com o tumulto trágico do mundo. Mas trouxe para a terra uma reminiscência da harmonia das esferas, só por Deus ouvida. Flexa Ribeiro disse com encanto, para ninguém esquecer: Beethoven está só. "Só ele já nos deu saudades do céu".

Há um canto vespéral da passareda. Existem aves que trinam como um adeus á tarde agonizante. Certos gorgeios correspondem aos bruxoleios do entardecer. A tarde, quando esmaece, abraça os sons, amacia os trinados. Dulcifica a natureza, espiritualiza os instantes de prenúncio augural. O rufalhar é mais leve nos adejos sobre os galhos. Os adejos são mais tímidos á beira dos ninhos, que adormecem. O vento torna-se viração, mais suave, para não farfalhar os ramos, para não agitar as águas, para não arrastar as folhas. Há um recolhimento nas árvores, um mistério de segredo nas fontes, que abafam o pranto sob os tufos de relva e musgo. Paira uma quietude sobre as montanhas; uma serenidade angelizante enternece as almas; há uma unção de despedida nos horizontes entreabrindo o seio, em sudários de sombras, para o funeral do sol.

O poente é uma agonia, de côres que se maceram e se esfumam, esmaladas; de sons que se afastam e se esvaecem, entenucidos.

O sol que se cala...

Foi Dante quem falou no "sol que se cala". Os cegos ouvem, melhor do que os visionários e os divinatórios, na perene abstração das pupilas mortas, o lento emudecer da luz, o momento genuflexo da claridade, os vagarosos resposos do crepúsculo, sentindo e entendendo o silêncio do sol, que se aprofunda sob o esquite de ébano da noite, que se alonga, que se distende e se fecha...

EDVARD GARMILLO



# Página do Lar

## O IDEAL ESTÉTICO

UMA estética racional do organismo humano encontra na educação física o mais poderoso agente moldador capaz da verdadeira estatuária humana.

Nem o relêvo exagerado das massas tirando a suavidade da linha e a elegância do movimento, nem a hipertrofia muscular constituem o ideal estético.

O ideal estético está mais no íntimo consórcio da força e da destreza, da massa e do movimento fácil, do físico em seu mais alto grau de potencialidade dinâmica e do psíquico dominando o conjunto. É Venus em sua admirável harmonia e em sua serena expressão de vida intensa e estética.

O ideal de beleza física está no equilíbrio físico e no psíquico. É o efebo grego, o discóbulo, o gladiador em suas manifestações de energia e de admirável plasticidade.

A falta de exercício racional produz como corrente o tipo atrofiado. Em muitas mulheres o tecido gorduroso esconde um momento da atrofia muscular que está muito longe de aproximar-se do tipo de beleza plástica.

## O QUE A DONA DE CASA DEVE SABER

AS esteiras feitas de palha ou ervas, que tão úteis são nas cozinhas, pátios, quartos-de-banho e nas entradas das casas de campo têm o inconveniente de sujar-se com facilidade.

Para limpá-las recomenda-se o uso do sal de cozinha em uma solução bem forte. Molha-se um pedaço de fazenda velha áspera nessa água salgada e esfrega-se com êle a esteira, executando um movimento circular. Deve enxugar-se imediatamente com outro trapo áspero. O sal, além de limpar a es-

teira, tem a propriedade de fixar suas cores e ainda de dar brilho a estas.

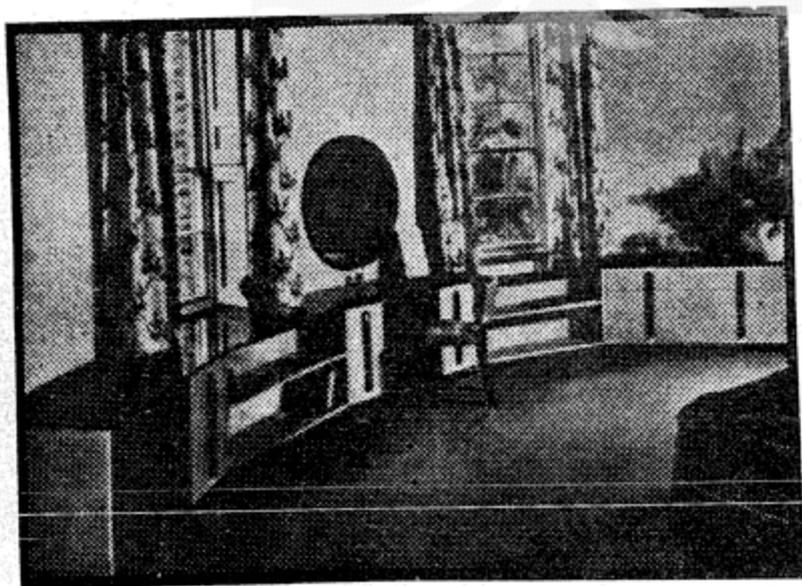
É perigoso para a saúde usar caçarolas de ferro esmaltado e que, por efeito de pancadas, arranhaduras, etc., apresentem o esmaltado dilacerado. As escovas ou lâminas que vão desprendendo-se podem ficar nos alimentos e causar certos transtornos. Vale a pena dar baixa na caçarola assim estragada e adquirir outra.

Umhas gotas de terebentina, espalhadas de quando em quando na biblioteca, preservam, completamente, os papéis do mofo.

Previne-se a formação de manchas na pele, devidas à ação do sol ou do ar, enxugando cuidadosamente, o rosto e as mãos depois das abluições ordinárias. Em seguida, aplica-se um pouco de farinha de trigo, que se deixa alguns minutos em contacto com a pele.

Para restituir suas primitivas louçania às plantinhas já murchas, que foram arrancadas da terra, colocam-se as mesmas em um copo com água que contenha em dissolução uma colherinha de sulfato de soda. Conserva-se o copo em uma atmosfera fresca e renova-se a água diversas vezes, limpando de quando em quando o talo das folhas que permanecerem ainda murchas.

## MÓVEIS CRISTALINOS



Disposição para ambiente moderno. Mesa longa, que, sob as janelas, emoldura os radiadores: é «toilette» e porta-livros.

# PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS

em português

## DOS E.E.UU. PARA O BRASIL

Transmitindo simultaneamente das seguintes estações:

- WCBX - 17.83 Mgs. (Faixa de 16 ms.) das 18.00 às 20.45 ★  
 " - 9.49 " (Faixa de 31 " ) das 21.00 às 24.30  
 WRCA - 15.15 " (Faixa de 19 " ) das 18.00 às 24.30 ★  
 WGEA - 11.85 " (Faixa de 25 " ) das 19.00 às 24.30

★

### Hora do Rio Domingo

- 18:00 Sinfonia da NBC  
 19:00 O Mundo Hoje  
 19:10 Resumo dos Programas  
 19:15 Melodias de Broadway  
 19:30 A Vida em Oopereta  
 19:45 Seleções de Oopereta  
 20:00 Rádio Jornal  
 20:15 Salão de Concerto  
 20:45 Música Semi-Clássica  
 21:00 Resenha dos Programas  
 21:02 Notícias  
 21:15 Música da América  
 21:45 Bandas Militares  
 22:00 Notícias  
 22:15 Olga Coelho e Trio Charro Gil  
 22:30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana  
 23:00 Notícias  
 23:15 Orquestra Filarmônica de Nova York  
 00:00 Resumo das Notícias  
 00:15 Devaneio Musical  
 00:30 Encerramento

### Hora do Rio Terça

- 18:00 Resumo dos Programas e Notícias  
 18:15 Canções das Nações Unidas  
 18:45 Resenha Literária  
 19:00 Notícias  
 19:15 Chopiniana  
 19:30 Conheça Nova York  
 20:00 Rádio Jornal  
 20:15 Enoch Light e sua Orquestra  
 20:45 Fred Waring e sua Orquestra  
 21:00 Resenha dos Programas  
 21:02 Notícias  
 21:15 Orquestra de Raymond Scott  
 21:30 Notícias Desportivas  
 21:45 Música por Tucci  
 22:00 Notícias  
 22:05 André Kostelanetz e sua Orquestra  
 22:30 Eva Garza e Orquestra Panamericana  
 23:00 Notícias  
 23:15 Trio Charro Gil  
 23:30 A Ópera Municipal de St. Louis  
 00:00 Resumo das Notícias  
 00:15 Orquestra Panamericana  
 00:30 Encerramento

### Hora do Rio Quinta

- 18:00 Resumo dos Programas e Notícias  
 18:15 O Clube do Swing  
 18:30 Música Norte Americana  
 19:00 Notícias  
 19:15 Orquestra "Pops" de Boston  
 20:00 Rádio Jornal  
 20:15 Enoch Light e sua Orquestra  
 20:45 Fred Waring e sua Orquestra  
 21:00 Resenha dos Programas  
 21:02 Notícias  
 21:15 Orquestra de Raymond Scott  
 21:30 Notícias Culturais por Gaspar Coelho  
 21:45 A América do Norte Canta  
 22:00 Notícias  
 22:15 Olga Coelho  
 22:30 Eva Garza, Trio Charro Gil e a Orquestra Panamericana  
 23:00 Notícias  
 23:15 Trio Charro Gil  
 23:30 Banda da Marinha dos E.E. UU.  
 00:00 Resumo das Notícias  
 00:15 Devaneio Musical  
 00:30 Encerramento

### Hora do Rio Sexta

- 18:00 Resumo dos Programas e Notícias  
 18:15 Momento Musical  
 18:45 Revista Cultural  
 19:00 Notícias  
 19:15 Música do Novo Mundo  
 19:45 Música de Dança  
 20:00 Rádio Jornal  
 20:15 A Página Feminina  
 20:45 Música Semi-Clássica  
 21:00 Resenha dos Programas  
 21:02 Notícias  
 21:15 Orquestra de Walter Gross  
 21:30 Cartas em Revistas  
 21:45 Alma de Minha Pátria  
 22:00 Notícias  
 22:05 Pelos Sendeiros da Música  
 22:30 Comentário  
 22:35 R. Henriquez e Ora Panamer.  
 23:00 Notícias  
 23:15 Trio Charro Gil  
 23:30 Orq. de Concertos CBS e Solistas  
 00:00 Resumo das Notícias  
 00:15 Orquestra de Paul Barron  
 00:30 Encerramento

Hora do Rio

### Segunda

- 18:00 Resumo dos Programas e Notícias  
 18:15 Magia Tropical  
 18:30 A Semana em Revista  
 18:45 Divirtam-se Conosco  
 19:00 Notícias  
 19:15 Tesouro Musical das Américas  
 19:45 Música de Dança  
 20:00 Rádio Jornal  
 20:15 Sammy Kaye e sua Orquestra  
 20:45 Música Semi-Clássica  
 21:00 Resenha dos Programas  
 21:02 Notícias  
 21:15 Orquestra de Walter Gross  
 21:30 Música de Manhattan  
 22:00 Notícias  
 22:15 Eva Garza e Trio Charro Gil  
 22:30 O Desfile das Américas  
 23:00 Notícias  
 23:15 Trio Charro Gil  
 23:30 Convite à Música  
 00:00 Resumo das Notícias  
 00:15 Orquestra de Raymond Scott  
 00:30 Encerramento

★

Hora do Rio

### Quarta

- 18:00 Resumo dos Programas e Notícias  
 18:15 Valsas Famosas  
 18:45 Sinfonia Tropical  
 19:00 Notícias  
 19:15 Seleções de Ópera  
 19:45 Dinah Shore - canções  
 20:00 Rádio Jornal  
 20:15 Contrastes Musicais  
 20:30 Aviação Americana  
 20:45 Música Semi-Clássica  
 21:00 Resenha dos Programas  
 21:02 Notícias  
 21:15 Orquestra de Walter Gross  
 21:30 Notícias de Hollywood  
 21:45 Concertos de Jazz  
 22:00 Notícias  
 22:15 Eileen Farrell e a Orq. da CBS  
 22:30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana  
 23:00 Notícias  
 23:15 Eva Garza e Orquestra Panamericana  
 23:30 Música de Manhattan  
 00:00 Resumo das Notícias  
 00:15 Quarteto Golden Gate  
 00:30 Encerramento

Hora do Rio

### Sabado

- 18:00 Resumo dos Programas e Notícias  
 18:15 Orq. de Alfred Wallenstein  
 18:45 Ballet Latino-Americano  
 19:00 Notícias  
 19:15 Chopiniana  
 19:30 Música Popular  
 20:00 Rádio Jornal  
 20:15 Caravans Tropical  
 20:45 Fred Waring e sua Orquestra  
 21:00 Resenha dos Programas  
 21:02 Notícias  
 21:15 Orquestra de Raymond Scott  
 21:30 Notícias de Hollywood  
 21:45 Bandas Militares  
 22:00 Notícias ou Comentário  
 22:15 A Hit Parade  
 22:45 R. Henriquez e Orquestra Panamericana  
 23:00 Notícias  
 23:15 Orquestras de Variedades  
 23:30 Música de Hoje e Ontem  
 00:00 Resumo das Notícias  
 00:15 Orquestra de Harry James  
 00:30 Encerramento

★

TRANSMISSÕES EM "ONDAS DIRIGIDAS" PARA O BRASIL.

IA-Y7

# Quando cai o cabelo



Ha pessoas que consideram natural a queda do cabelo em certa época do ano, não se preocupando muito ao notar a perda do mesmo quando se penteiam. E pensam que voltará a crescer



No entanto esse fenômeno nunca é natural. A's vezes provem do abuso de lavagens constantes da cabeça, quando o sistema aconselhavel consiste em lavá-la esmeradamente de quinze em quinze dias.



Para completar a higiene do cabelo convem escová-lo todas as noites com uma escova de pêlo, tendo a precaução de fazê-lo sempre a favor do penteado habitual.



E, por ultimo, para fortificar os folículos pilosos convem friccionar o couro cabeludo com alguma substancia gordurosa, tônica e alimenticia de que existe grande variedade no comércio.

# ARISTOLINO

O SABÃO QUE NO BANHO DE CADA DIA. FAZ A PELE SUÀVE E MACIA.



## COMO SABER SE OS SEUS ANÚNCIOS NO RÁDIO ESTÃO SENDO IRRADIADOS ?

A Empresa de Publicidade Cruzeiro poderá fornecer-lhe diariamente um boletim com o número exato de textos e o horário em que foram irradiados.

Única Empresa Controladora de Anúncios em Rádio existente no Rio de Janeiro.

RUA DA ASSEMBLÉIA N.º 36-1.º and. — Tel. 42-6529 — RIO DE JANEIRO

## A MULHER PREFERIDA PELO HOMEM

MUITA prosa e muitos versos belos teem sido escritos acerca da mulher, — já ponderando as suas virtudes, já exaltando os seus atributos de beleza. E a influência desses louvores constantes e a sua inata coqueteria teem concorrido para que as filhas de Eva se envaldeçam e procurem por todos os meios ao seu alcance acrescentar á sua beleza natural as maneiras de seduzir e encantar cada vez mais os olhos e o coração do homem.

Este costuma tributar á mulher a homenagem de sua admiração, de modo silencioso ou através de imagens e símbolos poéticos. E' justo, portanto, que ela procure tratar de impressioná-lo bem, de lhe provocar desejos constantes a seu respeito, tornando-se alvo de suas atenções, com o brilho acrescido de sua formosura, com a sua graça e os seus processos de artifício.

Entretanto, se são vastos e numerosos os escritos sobre o homem; que mais agrada á mulher, são escassos os que há sobre a mulher que mais sugere o homem, estabelecendo-se um agrupamento prévio de tipos, de características e mesmo de idiosincrasias.

Por isso, adquire um singular interesse uma catalogação — produto de um inquérito realizado na Europa e feito de acôrdo com o que está convencionalmente chamado encanto feminino — sobre os diversos tipos de homens mais correntes e como lhe parece mais sedutora a mulher.

Vamos ás conclusões...

Ao homem que deseja ser admirado, que vai para o matrimônio, sonhando com o soberbo espetáculo de uma mulher formosa, levada pelo seu braço, passando a sua vaidade e despertando curiosidade e olhares admirativos, a esse o que seduz é um rosto com sobranceiras perfeitamente arqueadas, boca bem desenhada, em forma de coração, olhos grandes e luminosos, cabelos claros e penteados elegantemente discreto.

O homem terno, sensível, delicado e de maneiras suaves, costuma fixar os olhos nos da mulher amada, concedendo-lhes uma transcendental importância. Ele procura as pupilas veladas pelo sonho.

CABELOS SEDOSOS, BRILHANTES,  
FINAMENTE PERFUMADOS.



Quina  
Petroleo  
ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

A VENDA  
EM TODO O BRASIL

olhos lânguidos e doces. Gosta de ver um "maquillage" com sombreados nas pálpebra, porque, desta maneira, os olhos saem ganhando; entretanto, ele despreza o colorido forte, berrante.

Nos lábios, prefere a pureza da pétala de rosa, e nos cabelos, ama o dourado das libras esterlinas. A silhueta quanto mais grácil e etérea, mais de côrdo se acha com o seu tipo preferido. Torna-se desse modo um amante exagerado da harmonia e do equilíbrio.

A boca da namorada é um presente raro para o namorado ardente. Uns olhos românticos, luzindo, tímidos, sob um dossel de veludosas pestanas, uma boca não importa se rasgada, de lábios

frescos e puros, pintada com vivacidade, constitue o sonho que encadela a alma apaixonada do homem sensitivo, levando-o não raro, aos encantos do Himeneu. Ele prefere as morenas, de cabelos lisos e sedosos. Gosta das pestanas pretas, formando um arco, ou retas como um florete de Toledo. Admira ainda a elasticidade juncal do seu talhe, embora não discuta muito a questão da estatura nem do peso.

A jovem de cutis pálida, cabelo ruivo, platinado, penteado como os dedos do vento o houvessem acariciado, e pouco amante do "rouge", mas que, ao usá-lo, pre-

(Continua na pág. 9)

# Vida Infantil



## ÚLTIMOS FRIOS

ALGUNS abrigos infantis chegam ao fim da temporada desbotados e pouco elegantes, e, como os últimos frios se fazem sentir tanto quanto os primeiros, e a elegância infantil exige a mesma atenção, é prudente outro abrigo.



1. — Em fazenda jaspeada, tons bege e marrom. Gola de veludo e botões de carvão. Nas costas, uma ataca com presilha 2. — Com gola de baby, este outro abrigo, de corte gracioso, serve indistintamente para ambos os sexos e pode ser confeccionado á vontade, com polainas ou sem elas 3. — Este abriguinho é



elegante e muito simples. Em fazenda lisa, castanho-claro, tem gola e botões mais escuros, em veludo. 4. — Vestidinho de tecido escocês, tons vermelhos e verdes. Golinha de piqué branco. Laço em veludo vermelho. Pode ser feito com mangas compridas. 5. — Este vestido para menina é confeccionado em lanila muito "souple", azul-claro, e as costuras marcam o talhe, que não tem cinto. Golinha redonda e fila de botões forrados.

Não se pense em economia, nessas ocasiões, comprando outro abrigo baratinho. Seria um erro, pois para o próximo inverno haveria um problema a resolver. Outro abrigo bom, isso é o que cumpre fazer. Em todo caso, e contando com o crescimento da criança, um pouquinho maior que o exigido pela idade, com bastante fazenda nas dobras, para ser utilizada em casa de necessidade. Isso marca três abrigos de inverno para cada dois anos. O tipo de peça que nunca deixa de estar em moda é o abrigo de fazenda jaspeada ou beije, um pouquinho entalhado, cruzado na frente, fechado até o pescoço ou com lapelas alfaiate. E isso igualmente para a mulher ou para o homem.

Os modelinhos que ilustrem a página satisfazem a toda a exigência, são elegantes e graciosos e podem ser feitos com ou sem polainas.

## ALGUNS CONSELHOS

UM bebê nunca deve dormir na mesma cama em que dorme a mãe. Além do perigo material de apertá-lo ou asfixiá-lo, existe o que significa desasseio, pois as emanções de uma pessoa grande são sempre nocivas a uma criança.

Também não se deve beijar o menino na boca, embora sempre fôsse preferível que toda criança estivesse livre dessa ternura. Não podendo, entretanto, evitar-se essa manifestação carinhosa, é bom ser prudente respeitando a delicadeza infantil.

LIVRE DA PRISÃO...



Para sua prisão de ventre

Minorobil

LAXATIVO

Uma dragea á noite

PURGATIVO

Duas a três

Laboratorios Goulart - Rio

fere o tom terracota, de lábios semelhantes a romã e na fisionomia a expressão alegre dos felizes, a par de modos desvoltoos — essa jovem é o tipo ideal dos cavalheiros que cultivam os desportos.

O homem desdenhoso tem um ponto capital que prefere na mulher do seu gosto: a cabeleira pulcramente penteada, prescindindo de tons. Cílios arqueados e com retoque o afugentam da criatura a quem ele procura. Gosta de sinceridade e, como tal, admira as sobranceiras finas e a simplicidade de uns lábios com relevo não exagerado.

Não se inclina pelas que usam "maquillage". Ao contrário, prefere a ver mulher sem artifícios, de modo que possa afirmar a sua personalidade, o seu caráter, com uma expressão toda própria. Gosta de preferência da mulher alta, mas não se interessa pelas de estatura mediana.

### A MULHER PREFERIDA PELO HOMEM

(Conclusão)

Quanto ao homem comum, este não possui uma característica.

A este, o que mais impressiona é o tipo da mulher simples e modesta. Ele aprecia a carinha bonita, agradável, alegre.

Não lhe desperta curiosidade nem interesse a mulher cuja personalidade se caracterize por um rosto iluminado e um ar particularmente sugestivo.

Um rosto de boneca pode impressioná-lo bem, tanto quanto outra jovem que não revele nenhuma faceta do seu caráter

Na realidade, o tipo masculino que mais se aproxima da pluralidade de gostos e que se torna, alguma vez, um Don Juan, não an-

da em busca de vitórias, nem de triunfos para satisfazer a sua vaidade. Ele unicamente brinca com o amor, como um passatempo, por não ter uma figura feminina idealizada, que o seduza e lhe desperta o desejo de realizar o seu sonho. Na realidade, isso é muito mais prático e menos complicado.

### UMA TORRENTE SEM DESAGUADOURO

UM dos cursos de água mais extraordinários do mundo é encontrado na África Oriental. Corre na direção do mar, mas nunca o atinge. Está situado mesmo ao norte do Equador, a poucas milhas do Oceano Índico. Corre por um deserto a fora e desaparece, de súbito, completamente.

MOBILIARIOS - TAPEÇARIAS - DECORAÇÕES

**ASA** MARGA

**UNES** REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

AGORA SOMENTE - 65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO DE JANEIRO

# nas ESTRADAS da PALESTINA

Por ROGER COURTNEY

Aqui está uma narração verdadeira do que é a vida cotidiana de um policial inglês em serviço na Palestina.

— Gwynne, Morris e Courtney: — Sim, senhor! — foi a resposta de nós três, nesse "Yes, Sir" que é o apanágio da disciplina de quantos falam o inglês.

E, pouco depois, nós três, "constables" da Polícia Inglesa da Palestina, rodávamos em nosso carro, célere, por uma das estradas da Palestina, deixando o nosso quartel de Tul Mond. Nós três, e mais um alemão que servia de motorista de nosso carro.

A Tul Mond chegara a notícia de um ataque dos árabes, vamos dizer melhor, de todos os árabes da vizinhança contra a "colônia", residência de estrangeiros nas imediações de uma pequena cidade. Era um verdadeiro sítio feito por bandos enormes, dispostos ao massacre. Tinham-se aproveitado da noite, para a sua ação.

— Cuidado, Fritz! — recomendei ao nosso motorista.

Pela narrativa bem que vocês não de ter notado que a coisa se passou quando ainda não estávamos em guerra com os nazistas, embora já de há algum tempo a coisa na Europa Central não andassem bem, e com isso Hitler nos tenha obrigado a arranjar um pouco de ar para os judeus, na Palestina.

A minha recomendação ao nosso motorista estava em que, para chegarmos à colônia, tínhamos de passar entre dois fogos de árabes, que forçosamente estavam guardando as estradas. Mas a verdade é que os nativos respeitavam muito um carro blindado, que podia resistir as suas balas, ao mesmo tempo que estava armado de metralhadoras.

O certo é que, após uma pequena e rápida fusilaria, estávamos dentro das filas de arame farpado que protegiam a residência européia.

Assim que lá chegamos, a nossa metralhadora pesada foi colocada por detrás de uma trincheira de sacos de areia, adrede preparada à entrada que dava para a estrada, e por onde poderia vir o ataque, já que pelos demais lados seria mais difícil atendendo a que a residência estava colocada em uma colina, ponto estratégico talvez escolhido mesmo a propósito.

Era preciso reconhecer a posição dos atacantes, e então, deixando meus companheiros, meti-me de rastros por um vasto laranja

fechado por uma alta linha tríplice de arame farpado, que atravessai, usando um pequeno rego feito por debaixo da cerca, guardado por meus amigos.

Do lado de fora da cerca de arame encontrei uma vala, e fui rasgando por dentro dela, até que me vi a uns quarenta ou cinquenta metros de um dos árabes, postado de sentinela. Mas o bicho me presentiu, tanto que eu somente scubei da posição exata em que se encontrava pelo clarão despedido pela boca de sua carabina, quando fez fogo em minha direção. Esse clarão eu vi, e nada mais, que o homem sabia esconder-se muito bem.

Não me mexi... Estaquei onde estava, a estudar o terreno, procurando devassar a escuridão, a saber o que havia entre mim e o árabe. Esperei por algum tempo e depois, sempre de barriga arastando pela terra, deixei a vala e fiz minha pontaria... Viase o local onde tinha visto o clarão, e fiz fogo, rolando imediatamente de novo para dentro da vala. Parece que acertei, porque ouvi qualquer coisa que era entre um grito ou um gemido, e uma praga.

Tratei então de voltar para junto dos meus. Garanto-lhes que foi uma jornada difícil. Muito mais difícil que a ida, foi a volta. As balas dos amigos do meu árabe voavam sobre e perto da vala. Mas não eram somente essas, visto como as "ameixas" da nossa metralhadora também começaram a saltitar pelo terreno. Eram meus dois camaradas que respondiam à saudação maometana, visando os clarões que despediam as carabinas de cano comprido que usava a maioria dos nativos.

— Diabos os levem! — ia eu murmurando.

Não sei bem se minha praga era para os árabes somente, mas estou em acreditar que me dirigia também a Gwynne e Morris, pois que senti, mais de uma vez, que eram balas deles que quasi me penteavam os cabelos. E não pararam as minhas pragas enquanto não conseguí novamente verme de pé, junto desses bons camaradas que quasi dão cabo de mim.

— OLHE LÁ!...

Gwynne apontava para uns sinais que estavam sendo dados

de uma casa árabe da vila, pouco distante do acampamento em que nos achávamos. Uma casa grande, apalacetada. Era ali que morava um importante advogado, Abdul Latif Salah, membro do Alto Comitê Árabe. Era mais que claro que se tratava de sinais para os seus que estavam atacando a colônia.

— Esperem aí, que já lhes conto uma história.

Morris logo apontou naquela direção a sua Lewis, e a metralhadora mandou de presente aos sinaleiros uma "meia-fita". Isto é, uma rajada de metade do magazine de munição, ou venham a ser vinte e três cartuchos em cinco segundos.

Os sinais desapareceram como por encanto. Com certeza que o sinaleiro tivera a maior surpresa de sua vida.

Depois a metralhadora dançou para um e outro lado, despedindo fogo e bala para as vilas árabes da vizinhança, pois era bem fácil de ver-se que tinha sido dali que haviam saído os que cercavam a colônia. "Fitas" e "meias-fitas" foram assim despejadas sobre aqueles locais. Faço questão que se note aqui que foi sobre e não nas vilas que despejamos balas, por sabermos haver ali mulheres e crianças. E, depois, nossa missão não era realmente a de matar, mas de reprimir e castigar.

E o certo é que a batalha começou a decrescer. Os árabes já quasi não respondiam aos nossos tiros. E a coisa terminou de vez quando o "fogo-de-bengala" despedido de uma de nossas pistolas nos mostrou, destacando-se em silhueta contra a linha do céu, em uma pequena elevação, uma linha de atacantes. Então, sim... A nossa Lewis mandou uma "fita", uma só, naquela direção... e a batalha acabou-se de vez. Alguns minutos mais e o último árabe tinha dado o fora, e tudo voltou a ser paz naquele recanto.

\*\*\*

MAS para nós, constables da Polícia Inglesa da Palestina, nunca havia paz. Já no dia seguinte o importante advogado Abdul Latif Salah se queixava à Alta Administração de que havíamos aberto fogo contra a sua ca-

(Continua na pág. 21)

Diga isto  
à  
seu Marido

Quando seu marido estiver sem apetite e se sentir indisposto ou adoentado, com empachamento, peso, dor e outros desarranjos do estômago, a língua suja, mau gosto na boca de manhã ou durante o dia, peso, calor e dor de cabeça, tonturas, nervosismo, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça e moleza geral, dores, cólicas e outras perturbações do ventre, muita sede e quentura na garganta, ânsias e vontade de vomitar, mau hálito, indigestão, arrótos, gases, diga-lhe que todos estes sofrimentos são causados por substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, e que use **Ventre-Livre** sem demora.

**Ventre-Livre** evita e trata estes sofrimentos porque combate a prisão de ventre e limpa o estômago e intestinos das substâncias infectadas e fermentações tóxicas que tão grande mal podem causar a todo o organismo.

• • •  
Lembre-se sempre:

**Ventre-Livre não é purgante**

• • •  
Tenha sempre  
em casa **Ventre-Livre**

# Convalescência

CONTO DE  
C. CLARK

ANA mal podia refletir. Pensou que seria mais agradável voltar à sua situação anterior, à existência de ontem, quando era, no frio sanatório de onde acabava de sair, "a enferma do 418". Agora, em compensação, quando sentia palpar-lhe nas veias o pulso da vida, devia esforçar-se para aprisionar essa força extraordinária que adivinhava em si, e de que tanto necessitaria nas horas seguintes, desde o instante em que seu marido, que dormia na salinha contígua, notasse que ela despertara.

Ana não ignorava que os convalescentes costumam ter idéias estranhas e misteriosas, que tendem a fazê-los perder a segurança de viver, assim como a perspectiva das cousas, e a levá-los a contemplar o mundo de um ponto de vista diferente. Mas, segundo refletia agora, é provável que a frágil segurança que abrigam de continuar vivendo lhes comunique uma nova percepção, uma aguda sensibilidade, tão possível quando a mente se encontra despojada de toda sua experiência normal.

Dessa natureza era, por exemplo, a sensação de que um determinado pedaço de céu cinzento de inverno, que via através da janela, pertencia exclusivamente a ela. Semelhante sensação era pura fantasia, e, no entanto, se lhe depa-rava bem real. Em compensação, a certeza de que era aquele o dia em que ela saberia se recuperaria definitivamente a saúde nada tinha de fantástico. Estava bem definida à luz de sua razão fria e desapaixonada.

Todos o sabiam, menos ela. O médico, Jaime, seus filhos, os criados. E hoje ela o saberia também. Era dia de seu aniversário. Eles conheciam tanto sua preocupação anual pelos presentes de aniversário, que hoje observariam igualmente o costume, embora não fôsse senão por instinto.

— Qualquer coisa que me seja útil será um prazer para mim... Qualquer coisa...

O que sempre lhes havia dito. E nesse dia os presentes seriam alguma coisa que se dá a uma mulher que tem toda a vida à sua frente... Ou algo bonito e inútil, que se escolhe pela emoção do momento ou pela elegância do estojão.

Ana confessava que ignorava a verdade por sua própria culpa. Aquela manhã em seu consultório, o doutor Morrow havia dito:

— Nada posso assegurar enquanto ela não for operada.

Depois, quando voltou a perguntar-lho, as palavras do médico foram indecisas.

— Vai muito bem. Procure dormir, e não se preocupe.

Talvez quisesse dizer que ela se restabeleceria da operação, simplesmente. Ou, talvez, que ficaria boa. Quis formular-lhe novas perguntas, mas o desejo de flutuar novamente naquela sonolência a fez calar-se.

Jaime dissera-lhe, no sanatório: — Assegura o médico que estás bem. Teu coração parece um martelo. Sairás daqui antes de duas semanas.

Disse-lho em um tom convincente. E ao lançar um olhar ao rosto

exausto do marido, Ana pensou que, se havia algo sinistro atrás de suas palavras, ele quisera evitar-lhe, ao menos temporariamente, o sofrimento de revelar-lho.

Depois, paulatinamente, o desejo de induzir os outros a que lhe dissessem a verdade extinguiu-se nela. Era mais fácil e simples pensar que ficaria boa. Ana procurou interpretar seu papel de maneira satisfatória, para seu próprio bem e para o dos outros. Mas qualquer diálogo em voz baixa entre o médico e Jaime, ou entre o médico e a enfermeira, constituía, para ela, um motivo de inquietude.

Hoje, finalmente, tudo saberia. Uma vez abertos os embrulhos dos presentes, uma vez espalhados os papéis de seda sobre o leito, a tragicomédia terminaria. Se a resposta fôsse adversa, Jaime nunca saberia como havia ela conseguido descobrir a verdade, mas teria que aceitar o fato de sua compreensão, pois Ana devia discutir muitas cousas com ele, particularmente a respeito dos meninos. Uma mulher não deve afastar-se da vida sem dispor o futuro dos seres queridos.

\*\*\*

OUVIU ruído de passos no corredor e o rumor da água caindo na banheira. Seu corpo e seu espírito reagiram ante o movimento do lar que despertava. Com algum esforço abriu as mãos e voltou um rosto sereno para a porta. Não sabia se seria capaz de canalizar, segundo sua vontade, a energia que a animava, mas sorriu ao abrir-se a porta.

Era Jaime, por trás de quem surgiram as cabeças revoltas de Alberto e Clarinha. Ana estendeu as mãos para eles. Jaime aproximou-se para sentar-se à beira do leito.

— Como se sente nossa enferma esta manhã?

E Alberto e Clarinha cantaram, em cântico:

— Feliz aniversário! Feliz aniversário!

Ana sorriu ao acariciá-los, mas sua mão continuou apertando com firmeza a de Jaime.

— Não mora ninguém aqui. Se eu ainda estivesse no sanatório, já teria dejejuado... — protestou, docemente.

— Agora mesmo... Agora mesmo...

E a família dispersou-se para atender-lhe.

Ana comeu lentamente, enquanto Jaime e os filhos a contemplavam com expressão de contentamento. Instantes depois, novamente a rodearam..., cada um com um embrulho. Os de Alberto e Clarinha eram pequenos, mas o de Jaime era comprido e chato. Este, Ana o colocou aos pés da cama. Alberto entregou o seu com um tímido sorriso.

— Perguntei ao doutor, mas — disse o filho. — e ele consentiu em que eu trouxesse este presente.

sou  
rás  
vi-  
en-  
se-  
lhe  
-se  
ples  
ro-  
de  
seu  
os.  
pai-  
en-  
ns-  
In-  
ria.  
dos  
os  
ra-  
es-  
nca  
cido  
que  
bão,  
itas  
e a  
her  
sem  
dos.  
or-  
in-  
seu  
en-  
ai-  
vol-  
ria.  
na-  
er-  
ao  
nem  
de  
deu  
oxi-  
do  
ma  
am,  
ani-  
nas  
com  
Se  
já  
tou.



Ana abriu, lentamente, o pacote, sem atrever-se a olhar o pequeno nos olhos. Era uma caixa de bonbons.

— Que sorte! — exclamou. — Nunca me havias presenteado bonbons...

Sentiu, porém, que sua garganta se estreitava, e lembrou-se de que os médicos se tornam tolerantes quando não há nada a perder.

— Abriremos tua caixa esta noite — disse Ana, tomando o pacote que Clarinha lhe estendia.

O cordão sustentava um cartão, que Ana leu de muito perto, para afugentar de seus olhos a nuvem que os escurecia. "Feliz aniversário, querida mamãe!" Rsagou o papel e segurou entre os dedos uma caixa de talco e um vidro de água de colônia.

— Lindíssimo! E que perfume delicado!

Mas crescia em seu coração a convicção de que, quando abrisse o embrulho de Jaime, conquistaria a certeza definitiva de que aquele aniversário marcava a última etapa de sua vida.

Seus dedos tremeram ao abrir a longa caixa que ele colocou sob seus olhos. Suspensa, Ana contemplou o conteúdo durante um prolongado instante, incapaz de aceitar a verdade que brilhava diante de sua vista. Repentinamente sobrevieram as lágrimas, sem que valesse seu esforço para contê-las. Mergulhou o rosto no travesseiro, e, embora ouvisse a voz de Jaime e sentisse a mão dele apoiada em seu ombro, não fez o menor movimento.

— Mas... Ana... querida!... Pensei que te agradaria! Trouxe o mais bonito que encontrei. Sempre pediste que eu te oferecesse algo de que necessitasses...

Algo de que necessitasses! Um impermeável de seda!... Agora um riso nervoso se misturava com suas lágrimas. Ela viveria!

Andaria de novo sob a chuva, sentindo o vento cortante em seu rosto. Seria forte e firme. Levitaria os filhos à escola, embora fizesse mau tempo: Passearia pelos prados, nas tardes de outono, quando o frio começa a insinuar-se.

Voltou o rosto para seu marido, abraçou-o, beijou-o...

— Jaime!... Este é o presente mais belo que recebi! O presente mais grato que jamais receberei!

na URCA



Tona la Negra, a maior intérprete da canção popular mexicana de todos os tempos, é a nova atração que Urca está apresentando, com um repertório completamente inédito de melodias Aztecas. E no mesmo "show", Alvarenga e Ranchinho, os milionários do riso, na sua mais recente criação cômica: "Fla-Flu".

RESERVA DE MESA PELO  
TEL FONE 26-5550.



# FON-FON na SOCIEDADE

## SOB A GRANDE MARQUISE

As reuniões mundanas, mesmo quando têm fins de alta importância, são sempre de aspecto adoravelmente fútil — o que, aliás, pouco importa, uma vez que são encantadoras. Alguém já disse: "O mal é necessário". Se a futilidade é um mal, eu compreendo bem a verdade da sentença...

"Mas a que propósito vem esta divagação?" — perguntará o leitor. Apenas porque vi no Prado da Gávea, domingo, uma alegria franca, um descuidado sorriso em todos os lábios, como um desafio à hora que vivemos.

O domingo no Jockey é o "oasis" da aridez semanal; é o alívio de quanto nos impede de gozar o minuto da felicidade que passa; é o recreio do espírito depois da lição cansativa do trabalho de muitos sóis.

O tempo colaborou com as boas disposições dos turfistas. S. Pedro anda de mau humor, mas na hora das corridas suspendeu as hostilidades e deixou baixar apenas um friozinho camarada.

MISS "N".

## NA TRIBUNA DE HONRA

As distintas senhoras Salgado Filho e Dr. João Borges conversavam com algumas senhoras bolivianas que haviam ficado no Prado depois do almoço oferecido, no Jockey, pelo Embaixador da Bolívia, à Comissão que trouxe N. S. de Copacabana da Bolívia para a matriz de Copacabana do Rio.

O dr. Pacheco elogiava o gesto de gratidão da Diretoria do Jockey trasladando o busto do Conde Paulo de Frontin, do velho Derby, para o Prado da Gávea.

O monumento — que é uma obra d'arte do escultor Bernardelli, — estava coberto de flores. A cerimônia foi aberta pelo Ministro Salgado Filho, que pronunciou expressiva alocução. Falaram também: o secretário do Jockey, sr. Tompson Flores; o dr. Ercio Filho, em nome dos *sportsmen*, e o dr. Ismael Moniz Freire, em nome da família Frontin. As filhas, genros, noras e netos do dr. Frontin estavam presentes.

Vimos também: a graciosa Mme. Caldas Brito, (née Lazineira

nato Pacheco Filho e filhas; Mme. Gerardo de Lima e Silva, stas. Luiza Hosid, Aparecida Bisi, Solange Leal, Elza S. Cruz, Mary Penna Costa, Leda Figueiredo, Marília Pedrosa e J. Ribas; Mme. Peixoto de Castro, Mme. Carmem Roxo Simons, Mme. Leite Bastos, Mlle. Alice Pacheco, Mme. Amélia Nesi, Mme. Henrique Paulo de Frontin, Mme. Paulo Bojunga, Mlle. Adalberto Aranha, Mme. Carmem Limoeiro, e Mlle. Lydia von Ihering e tantas outras elegantes...



— Olha ali o fotógrafo!  
A do meio — Já vi.  
A de claro — Não olhem. Façamos uma «pose» displicente...

Luiz Carlos), inteligente escritora e sua encantadora esposa. Sr. deirante, intitulado "Um dia voltará", deve vir à luz em setembro próximo. (Lazineira vestia elegante costume de lã azul da cor de seus lindos olhos); sr. Júlio Moura e sua encantadora esposa. sr. Levy Moura e sua esposa que é filha do interventor Júlio Barata; Mlle. Cecília Ribas, Mme. Luiza Tann, stas. Leda Araujo, Juçara Teixeira e Carmem Rezendes — um trio de Juventude; Mme. e Mlle. Mascarenhas; Mme. Re-

Correu o último páreo. O armistício acabou; o "oasis" devia ser trocado pelas areias tórridas do deserto...

Eia, Sisifo! Pega de novo a tua pedra e escala a montanha da vida...

## ROMARIA AO TÚMULO DE ANA CESAR

ESCRITORA, poetisa, socióloga e jornalista. Ana Cesar a gadcha que ilustrou nossas letras, desapareceu quando sua missão e seu ideal não tinham completado o ciclo que seu espírito traçara. Deixou-nos materialmente, mas, em verdade, sua obra e sua lembrança ficaram qual legado precioso que nosso carinho guarda e faz prosseguir através dos seus ensinamentos.

A Sociedade de Homens de Letras, que Damasceno Vieira leva avante com a delicadeza de um poeta e o tino de um general, promoveu, por sugestão de Hecilda Clark, essa amiga incomparável e espírito apaixonado pelas letras e progresso desta terra, uma romaria ao Cemitério de S. João Baptista, onde jaz a escritora dos pampas, no dia do primeiro aniversário de seu passamento. Muitos intelectuais acorreram ao piedoso convite e, à beira daquela lápide que não consegue apagar um fulgor que paira acima do que é perecível, Hecilda falou com o coração e com a inteligência, porque foi filha espiritual e discípula de Ana Cesar.

# ATERRISANDO na FRANÇA OCUPADA

NOVELA DE WILLIAM POSTER

*Perseguindo um aparelho inimigo, nós... acordo de que ia ficando sem gasolina... E teve de descer na costa da Mancha!*

SEU relógio marcava as onze horas da noite, e os tanques de gasolina do Defiant estavam vazios. O ponteiro do marcador tinha pousado na última marcação, naquele "O", havia já uns treze minutos. A cerração era forte, muito densa, como costumam ser as frígidas cerrações de sobre o canal da Mancha. E não era uma noite das mais agradáveis para se ficar sem gasolina.

— A costa não deve estar longe — disse o tenente aviador Feathers.

Infelizmente, não era a costa da Inglaterra que ele se referia, mas a da França.

— Mais umas vinte e cinco milhas, e chegaríamos à nossa terra.

Quem respondeu foi o artilheiro de bordo. Esse artilheiro tinha a dominá-lo uma grande preocupação. Foi por isso que acrescentou:

— E' preciso que a alcancemos!

O Rolls-Royce, entretanto, começou a espirar. Eles bem sabiam o que aquilo significava. Era o fim. O tenente Feathers ainda torceu o dial da reserva, mas em vão. Já tinha dado quanto possuía. O motor ainda deu algumas voltas, para expirar. A reserva estava mesmo esgotada.

O tenente abriu a abóbada de vidro, sobre sua cabeça, deixando a cerração penetrar, cortante. O Defiant fez menção de abaixar a proa, em ângulo mais agudo, em direção às águas do canal. Desciam. Feathers estava mesmo certo, agora, de que tinha por debaixo apenas as águas da Mancha. Quase mesmo que podiam sentir-lhe o cheiro.

— Com os diabos! — estava a dizer o artilheiro, repetindo a frase, deixando fugir-lhe a esperança.

Chamava-se Ernest O'Connor, esse artilheiro, e era um dos melhores da Real Força Aérea.

— Precisamos chegar à Inglaterra!... Precisamos...

— Sinto muito, Ernest.

O tenete arrancou da cabeça o seu capacete de aviador, bobrou-o e o meteu no bolso.

— Com certeza ela está passando bem.

— E acho que você compreende bem a situação! — gritou o artilheiro.

Aos esforços do aviador, o motor procurava ainda dar alguma coisa, mas não fazia senão barulho, dando estalos, o que obrigava o artilheiro agora a gritar.

— Suponho que você já tenha uma dúzia de filhos, e sabe o que isso quer dizer, não? Bolas! Pois ela nunca os teve, sabe?... Nenhum! E o "velho" não quis dar-me uma licensazinha... Bem que eu pedi...

— Vou ver se posso aproximar-me o mais possível da praia — disse Feathers.

A agulha da bússola estava virada para o sul. O altímetro dizia que estavam a um pouco mais de

uns seiscentos metros, e que a queda se fazia rapidamente.

— Com uns trezentos teríamos lugar para descer... murmurou.

— Foi você quem nos meteu nesta encrenca! — gritava O'Connor. — Você não devia levar tão longe a perseguição daquele Dornier... A ordem era ir até pelo caminho de Munich, mas voê...

— Sargento! — foi a voz pronta e curta do oficial. — Chega!

O artilheiro parou a frase em meio. Feathers e O'Connor voavam em esquadrilha havia já seis meses. Sempre juntos, entendiam-se às mil maravilhas, como deviam entender-se mesmo dois homens que haviam vivido muitos momentos de luta e de perigos.

— Desculpe, Henry — disse Ernest O'Connor. — Tem razão... Mas bem conhece a minha situação... Um pouco desesperado...

— Está bem, Ernest.

Feathers tinha os olhos fitos no altímetro. A ponta do ponteiro ia correndo a gama traçada no mostrador, e já agora dizia que não estavam a mais de uns quatrocentos metros.

— Escuta, Ernest. E' melhor tratarmos desde já um plano. Acredito não estarmos a mais de um quilómetro, a quilómetro e meio da praia. Vamos ver se conseguimos nos safar, antes. Nadaremos até à praia, e um ficará ali, enquanto o outro vai à caça... Está direito?

Trezentos e cinquenta metros... Trezentos...

— Eu sairei à caça — disse Ernest.

Tinha o artilheiro abandonado o seu posto, e agora falava ao outro bebruçado sobre ele, a boca quasi em seu ouvido:

— Não posso sossegar, tenente... Eu precisava fazer alguma coisa... Nós precisávamos fazer! Hoje é segunda-feira... O médico disse que era para terça-feira... Sim, talvez na terça-feira, pela manhã.

— Deve haver franceses pelos arredores... Paisanos franceses, pelo menos — ruminava Feathers, como para si próprio. — Talvez algum bote... Ainda não estão perdidas todas as esperanças.

Podiam ouvir um ribombar distante. Como que rolava pelo ar, sem cessar, mas em uma tonalidade que traduzia raiva. Feathers pôs-se à escuta. Sabia que eram os grandes canhões da costa, com que os boches batiam sem cessar a costa inglesa das imediações do Dover. Pareciam muito perto, e, por tanto, podia avaliar a zona em que estavam caindo.

— Duzentos e cinquenta metros, Ernest.

Apertou as correias de sua túnica à Mae-West, e experimentou a firmeza das ligaduras de seu para-quadras. O Defiant era de construção a permitir um salto fácil dos seus ocupantes.

— Lembra-te... É dirigir-te imediatamente para a costa, em linha reta. Farei a mesma cousa, e ficarei na praia enquanto saíres á caça. Pronto?

— Pronto... Boa sorte!

Feathers subiu para o tope da torre, e levantou a abóbada de vidro, com ambas as mãos. Fez uma careta de despedida para seu artilheiro, e passou as pernas para fora. E, quando ia atira-se, ainda ouviu Ernest O'Connor dizer:

— Tomara que seja um menino...

\*\*\*

NAQUELE salto fantástico, Feathers perdeu de vista o Defiant, que varava os ares embicando para o caldo negro que rumorejava lá em baixo. Esperou por um momento, as mãos segurando as coxas...

Quando deu acôrdo de si, duas mãos o arrastavam, tomando-o pelas axilas. Tudo era negro em derredor. Um cheiro forte de maresia. O roncar dos grandes canhões parecia mais perto, mais alto. Era o Canal da Mancha...

\*\*\*

O oficial alemão chamava-se Paul. Capitão da infantaria regular. Tinha chegado a casa precisamente ás 10 e meia da noite, estando em serviço, naquela segunda-feira. Vinha ali regularmente as segundas e quartas-feiras, e nunca ficava até muito tarde. Era ainda muito moço, delicado, e sua gentileza era completamente sincera. Adele gostava dele. Suas visitas obedeciam sempre ao mesmo ritual. Costumava chegar, batia devagar á porta e dizia:

— E' o capitão Ferner, ma'mselle, — em seu francês que, não sendo perfeito, era muito bom.

Depois se deixava ficar a conversar com o velho Marcel, tomando a cadeira que Adele lhe oferecia. A palestra sossegada e cordial, que sempre mantinham, apenas uma vez ou outra se referia a guerra. Naquela noite, contudo, falaram a êsse respeito. Paul trouxera uma garrafa de vinho. Era um vinho ruim, mas era também melhor do que nenhum. Adele deitou um pouco em um copo para o velho Marcel.

— Vai aquecer um pouco teus ossos, papai.

Voltando-se para o jovem oficial:

— Levo a pensar que, com certeza, em breve o mandarão para outro lugar... Estive hoje na vila, e vi muitos caminhos passando... Inúmeros, em filas que não se acabavam mais.

— Nunca sabemos o que está para acontecer-nos — disse o alemão, sacudindo os ombros. — Não se pode nunca adivinhar.

— Para onde vão todos êsses soldados, Paul?

— Talvez para a Rússia. Ou também pode ser para a Grécia, ou para a África. E' a guerra, querida, e a mão direita nunca cabe o que a esquerda está fazendo.

Calou-se, por momentos, passando a mão pelo gargalo da garrafa:

— Retiraram daqui uma divisão inteira, na semana passada. Uns trinta mil homens.

Adele, que estava encostada á lareira, inclinou a cabeça para trás, encostando-a á pedra. Seus olhos estavam fixos no rosto do tedesco.

— Tomara que êles não o mandem embora daqui — disse, calmamente, a voz um pouco baixa. — Eu sentiria muito a sua falta.

Estacou êle o movimento de seus dedos que circulavam a boca da garrafa, e também seus olhos se levantaram para ela. Nada disse, e retomou aquele exercício que era um derivativo para seus pensamentos.

— Obrigado, Adele... Eu também sentirei muito a sua falta.

Calaram-se, e foi no silêncio que se seguiu que ouviram o rumor do barco que se aproximava. Foi mesmo Adele quem o ouviu primeiro. A casa ficava a alguma distância da praia. O trovejar dos canhões era constante. Mas também Paul prestou atenção ao ruído que vinha de fora.

— E' a patrulha. Isso significa que, com certeza, caiu algum avião.

E êle, olhando para ela, sorriu:

— Com certeza precisam de mim.

Disse a frase como quem se desculpa. E aguçaram o ouvido, até que o ruído do motor estancou.

O comando alemão estava situado na pequena vila que ficava do outro lado da pequena baía. Não era bem uma baía, mas uma entrada do mar, estreita, que se aprofundava um pouco terra adentro. Adele e o velho Marcel viviam em uma pequena casa do outro lado êsse braço de mar; do outro lado, dando mais de frente para o mar, ficavam a vila, o comando alemão e os grandes canhões de costa. A pé seriam precios uns quarenta minutos, para se ir da casa á vila, costeando a pequena baía; na lancha se fazia isso em menos de quinze minutos.

O capitão e Adele dirigiram-se para a porta, penetrando no escuro da noite. A casa não tinha varanda; três degraus e punham-se os pés em um pequeno passeio empedrado. Adele ajustou ao colo e ao pescoço a jaqueta um tanto leve que usava na ocasião. Ouviam-se vozes que se aproximavam, e que diziam frases em alemão.

— Eu receava isso — disse Paul para ela.

E, levantando a voz, gritou:

— Alô!...

Bem depressa chegaram aos ouvidos deles também o ruído de botas ferradas batendo a pedra da rocha por onde era aberto o caminho em que vinham.

— Um avião inglês caiu perto da praia, capitão, e estamos dando uma busca por toda a parte, a ver se encontramos os aviadores.

Apareceu a figura do soldado, nascendo de dentro da escuridão. Era alto e firme em sua pose, enquanto falava a seu oficial. Dois outros estavam atrás dele. Adele sabia que ainda outros haviam ficado na embarcação.

— Está bem, já vou — disse o oficial.

A figura do soldado desapareceu como surgira, dentro das trevas da noite. E os outros dois se foram com êle. O jovem capitão voltou-se para ela, abaixou sua cabeça, um tanto mecanicamente, em um cumprimento.

— Boa noite, ma'mselle. Posso deixar um guarda, se assim deseja... Há ingleses na vizinhança.

— Não é preciso, Paul. Boa noite.

Êle se foi e ela ficou, por instantes, a ouvir o rumor de vozes que se afastam. Apertou um pouco mais a jaqueta aos ombros. A cerração fazia cair um frio cortante.

Dentro do pequeno salão, o velho Marcel acabara de beber o seu vinho. Estava sentado, quieto e silencioso, o copo entre as duas mãos, a olhar para o chão. Marcel era bem velho. Mais de oitenta anos, e seu juízo dansava dentro de um cérebro já meio oco.

— E' melhor que vás deitar-te, papai — disse ela

— Já é muito tarde.

— O capitão já foi embora?

— Já, papai.

— Mas não se despediu de mim... — disse o velho, como amuado. — Êle foi sem dizer-me adeus.

(Continua na pagina 19)

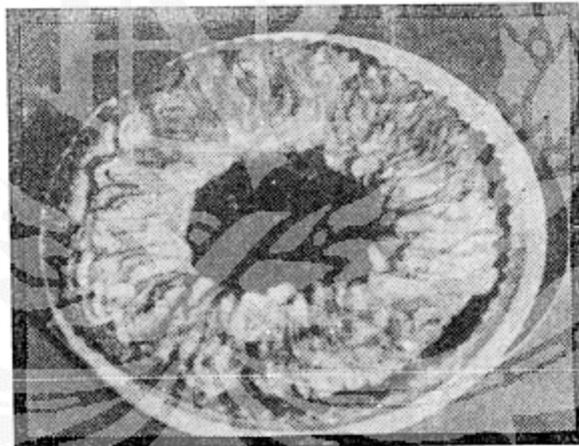
**GOLCHÃO ENROLADO COM RECHEIO DE CAMARÃO:** — Cozinhe 1/2 quilo de batatas, amasse-as e passe por uma peneira ou passador próprio. Junte 1 colher de manteiga e 3 ovos. Peneire, juntamente, 3 colheres de farinha de trigo, 1 colherinha de fermento em pó e 1 colherinha de sal. Misture aos poucos ás batatas, alternadamente, com 1 copo de leite, batendo bem, como se fossa um bolo. Leve ao forno quente, em um taboleiro untado de manteiga. Quando a massa estiver perfeitamente cozida, retire do forno. O recheio deve estar então pronto para ser espalhado sobre a mesma, enrolando-a cuidadosamente enquanto estiver quente, sem o que se partirá. Recheio: — Refogue 1/2 quilo de camarões frescos com bastante tomate, algumas rodela de cebola, salsa e 1 pitada de pimenta. Depois de bem cozidos os camarões passe-os pela maquina e adicione 1 colher de farinha de trigo para que engrosse. Junte azeitonas picadas e ovos cozidos picados também.

**DELÍCIAS DE CENOURA:** — Cozinhe 5 cenouras até que fiquem bem moles. Passe-as pela peneira, junte-lhes um ovo inteiro, 50 gramas de manteiga, cebola, tomate, salsa bem picadinhos e duas colheres de sopa de queijo ralado. Ponha em uma frigideira um pouco de manteiga deixa que derreta e junte 3 ou 4 colheres de farinha de rosca torrando-a. Unte de manteiga pequenas forminhas e nelas despeje um pouco da massa de cenouras, um pouco da farinha de rosca e novamente a massa de cenoura. Cozinhe em banho-Maria por 30 minutos. Vire as forminhas no prato, enfeitando as delicias com raminhos de salsa e tomates.

**PEIXE AU GRATIN:** — Cozinhe algumas postas de peixe com sal e cebola. Separadamente, cozinhe batatas inglesas descascadas, cortadas em fatias. Prepare, com 2 colheres de manteiga, 2 colheres de farinha de trigo e 2 chácaras de leite, um molho branco. Unte de manteiga uma forma de porcelana que irá depois á mesa. Nela deposite uma camada de peixe, uma camada de batata e salpique queijo ralado. Repete-se isso até que acabem.

Despeje por cima o molho branco e por sobre o mesmo espalhe 1 xícara de migalhas de pão.

Leve ao forno quente por 30 minutos. Este prato poderá ser servido com molho de tomate, quer feito com a massa de lata, quer com o suco próprio feito em casa.



**CREME DE DAMASCOS:** — Peneire, juntamente, 2 colheres de maizena, 1/2 xícara de açúcar e 1 pitadinha de sal. Adicione 2 chácaras de leite fervendo, mexendo sem cessar afim de que não forme caroços. Cozinhe até que principie a engrossar. Retire então do fogo, junte-lhe 4 gemas batidas. Misture um pouco e leve por mais alguns minutos ao fogo, mexendo sempre. Cozinhe, com bastante açúcar uma xícara de damascos secos. Amassando-os levemente misture ao creme, reservando a calda. Despeje em taças de cristal. As 4 claras que sobraram são batidas em neve, com pouco açúcar. Deixe que esse "glacé" assim preparado esfrie e derrame-o sobre as taças contendo creme.

**ARROZ ESTUFADO COM QUEIJO:** — Refogue em 6 colheres de gordura 2 chácaras de arroz e 2 colheres de cebola picada. Adicione 6 chácaras de água fervendo a 1 xícara de massa de tomate e 1 colherinha de sal.

Despeje sobre o arroz e cozinhe-o até ficar quasi seco. Usando a forma na qual irá á mesa, arrume o arroz e 2 chácaras de queijo ralado, em camadas.

Sobre o arroz 2 chácaras de leite fervendo e leve-o ao forno, alguns minutos, ou coloque sobre fogo brando. Sirva com queijo cortado em tirinha, por cima.

**GELATINA DE LARANJA:** — Pique 5 folhas de gelatina vermelha e 5 brancas e deixe-as

de molho durante 6 minutos, em meia xícara de água fria. Adicione 1 xícara e meia de água fervendo e mexa. Junte 2 colheres de açúcar, 1 pitada de sal, 2 colheres de limão e 1 xícara e meia de caldo de laranja. Esfrie completamente. Deposite na geladeira, em forma apropriada, e quando estiver endurecido coloque-lhe dentro amendoas descascadas e peçogos de lata cortado. Conserve separadamente meia xícara de gelatina, mexendo de quando em quando para que não coagule.

Quando o conteúdo da forma estiver firme, bata em neve esta pequena porção e despeje por cima, levando mais uma vez á geladeira para que endureça.

**BISCOITINHOS DE LEITE DE COCO:** — Misture 1 quilo de polvilho com 1 xícara de açúcar e meia xícara de manteiga. Adicione 2 gemas batidas e leite de coco suficiente para que a massa fique em consistência boa para estender. Enrole sobre o mármore, em tiras cilíndricas, e corte os biscoitinhos. Leve ao forno moderado até que dourem ligeiramente.

## ATERRISSANDO NA FRANÇA OCUPADA

(Continuação)

— Estava com muita pressa, papai... Vai deitar-te sim?

Tomou-lhe o copo das mãos e, gentilmente, foi levando-o para a porta dos fundos, que dava para o seu quarto. Outrora, aquela casa fora maior, mais confortável; agora tinha apenas três compartimentos: uma cozinha, com um fogão já muito estragado — aliás sem uso, pois que há muito que não havia gás para seu funcionamento, aquela pequena sala, onde se achavam, e um quarto estreitinho, em que dormiam. Havia neste último uma cortina de chita que servia de divisão ao dois leitos.

Ela o deitou na cama, e o pobre velho ainda pareceu menor, pequenino, mirrado, naquele leito grande, que era do velho casal. Ela puxou-lhe o cobertor até o queixo e lhe depôs um beijo na testa, dando-lhe o "boa-noite". Retomou o candeeiro que levava até ali e voltou à cozinha, tornando a recostar os ombros na pedra da lareira. O ruído do motor do barco também já se dissera no emaranhado daquele véu negro que cobria tudo.

Havia uma prateleira sobre a lareira; nela, alguns potes, que serviam para sal, e pimenta e um prato que estava vazio, pois que a carne rareava. Também ali, um livro, meio sujo, de apontamentos de contas, com certeza. Ela tomou esse livro e com ele se sentou à mesa.

Estava a tomar notas, quando ouviu que arranhavam o vidro da janela. Depois se puseram a bater, muito devagar. Ela se endireitou na cadeira e se deixou ficar assim imóvel, por alguns instantes. O ruído veio de novo. Voltando-se para a janela, distinguia uma face, que logo depois desaparecia.

— Que é? — perguntou.

Como única resposta, veio o som, novamente, de quem bate no vidro da janela. Desta vez ouviu-lhe o bater um pouco mais forte... *Tá, tá, tá!* Pausa. *Tá, tá!* Uma pausa maior, e o mesmo sinal. Então, ela sorriu, um sorriso estranho em seus lábios. Dirigiu-se depressa para a porta, metendo sua mão no bolso da jaqueta.

— Quem é? — repetiu, abrindo a porta.

— "Anglais"... Ingleses — disse a voz, em francês, vinda da escuridão.

Som de alguém que se movimentava, de panos que se esfregam.



# — ÊSTES 5 SAEM DE GRAÇA!

## — usando Composto «A Patrôa»

OS BOLOS E BOLINHOS feitos com Composto «A Patrôa» ficam deliciosos, leves e são mais econômicos, pois este composto proporciona maior rendimento! A massa rende mais porque cresce mais — saindo de graça para a Sra. uma boa porção dos bolos feitos! Não contendo umidade, este Composto faz com que a massa fique uniforme e macia, evitando o «desastre» dos bolos empastados e mirrados.

Faça quitutes que dão água na boca, usando o Composto «A Patrôa». A verdade, agora, em latas e em caixas de madeira.



É fácil bater a massa usando o Composto «A Patrôa»...

... e é este o segredo de quitutes que deliciam!

### COMPOSTO

# A Patrôa

UM PRODUTO DA

## Swift do Brasil



\* Poupança metais, o Composto «A Patrôa» encontra-se agora também em caixetas higienicamente protegidas.

HA MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

Eram dois, chegando-se como que raspando a parede, inclinados, de modo que só lhes via as cabeças e ombros.

— Que querem? — perguntou ela, em voz baixa.

— Olá!... Fala inglês!... — disse um deles. — E um inglês puro, tão bom quanto o do rei Jorge!... Permitirá que entremos. Estamos enfiados, e com um frio dos demônios.

— Há fogo na lareira, lá dentro.

— O' pequena admirável e boa!

Já agora se destacara a figura daquele rapaz alto, que se pusera ao lado dela. O aviador estava realmente gotejando, a túnica agarada ao corpo, e os cabelos empapados. Sorriu francamente:

— Podemos entrar, então?

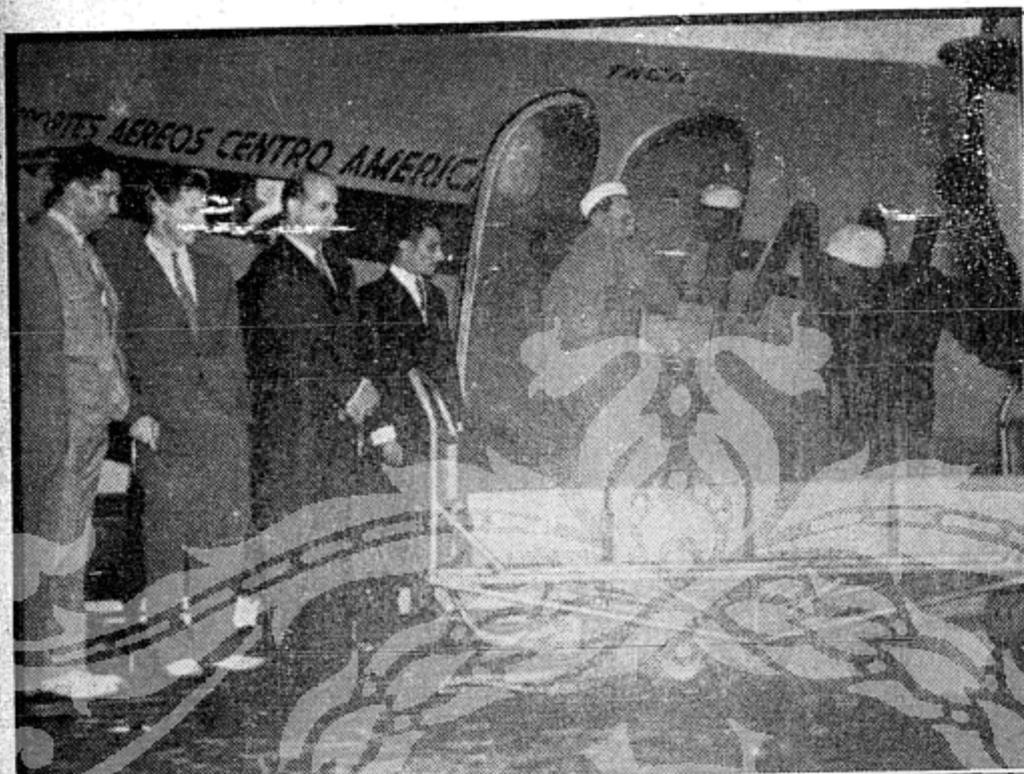
O outro entrou também, e ela fechou a porta atrás delas, deixando lá fora a noite escura e a cerção frígida. Eles se deixaram ficar no meio da pequena sala, formando pequenas poças de água a seu pés. Pareciam dois garotos trazidos pela polícia, após um banho furtivo nas águas da represa. Ela lhes indicou um lugar próximo ao fogo, e eles se moveram acanhadamente.

— É melhor que tirem as túnicas — disse ela, calmamente.

Os dois rapazes se entreolham. — Olhe aqui, pequena — disse o menor deles. — E' que não temos nada por debaixo da túnica... senão nós mesmos...

— E' melhor que tirem as túnicas — repetiu ela, parecendo que dava uma ordem.

(Conclua no próximo número)



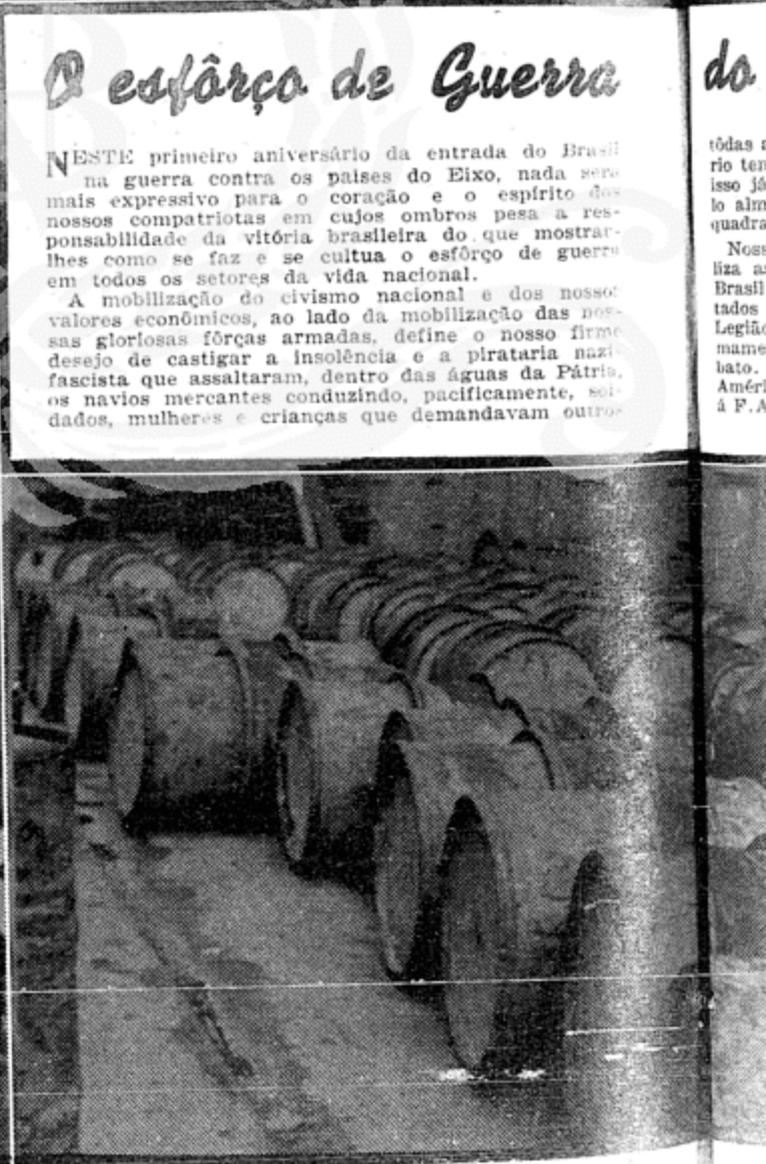
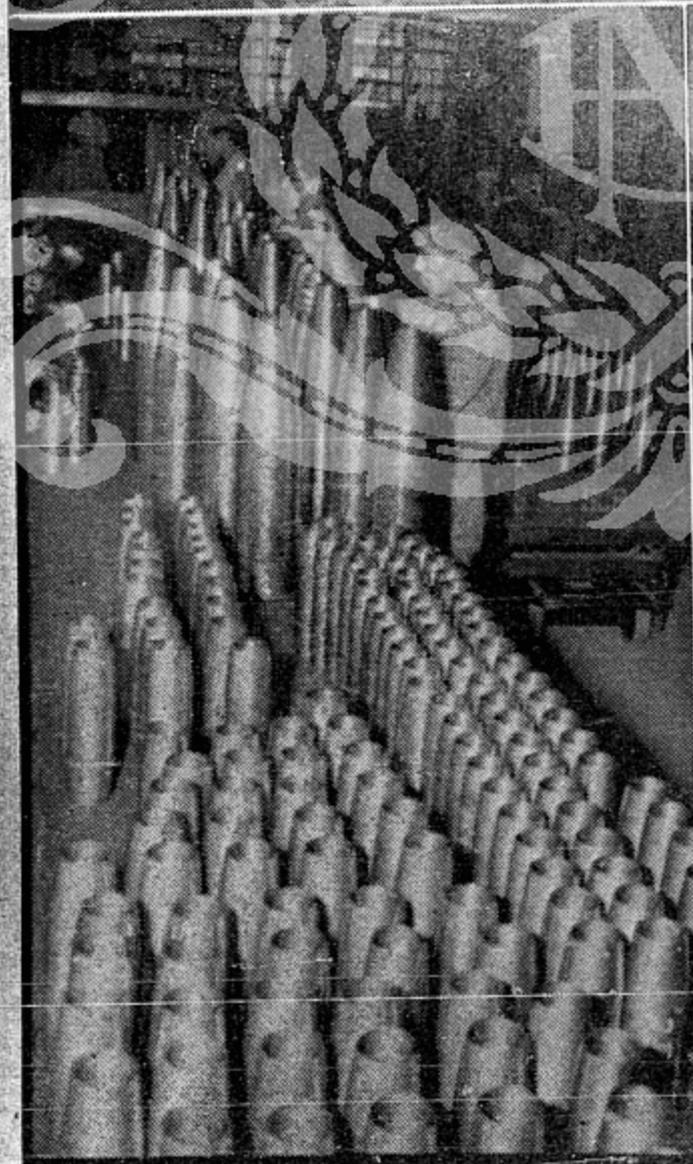
## O esforço de Guerra do

NESTE primeiro aniversário da entrada do Brasil na guerra contra os países do Eixo, nada será mais expressivo para o coração e o espírito dos nossos compatriotas em cujos ombros pesa a responsabilidade da vitória brasileira do que mostrá-los como se faz e se cultua o esforço de guerra em todos os setores da vida nacional.

A mobilização do civismo nacional e dos nossos valores econômicos, ao lado da mobilização das nossas gloriosas forças armadas, define o nosso firme desejo de castigar a insolência e a pirataria nazifascista que assaltaram, dentro das águas da Pátria, os navios mercantes conduzindo, pacificamente, soldados, mulheres e crianças que demandavam outros

tódas a  
rio ter  
isso já  
lo alim  
quadra

Noss  
liza as  
Brasil  
tados  
Legião  
mame  
bato.  
Améri  
á P.A



ENTRAL DO 10



guerra

## do Brasil

pontas do território nacional.

Nesse sentido, nossa contribuição para o esforço de guerra de

todas as nações em luta contra o vandalismo totalitário tem uma significação que nos enche de orgulho, e isso já foi publicamente salientado e preconizado pelo almirante T. H. Ingram, comandante da 4ª Esquadra Norte-Americana em operações no Atlântico.

Nossa reportagem fotográfica destas páginas focaliza aspectos sugestivos do esforço de guerra do Brasil. O embarque de cristal de rocha para os Estados Unidos. O Banco de Sangue. Atividades da Legião Brasileira de Assistência. Fabricação de armamentos para as nossas forças. O petróleo de Lobato. Embarque de café para os nossos aliados da América do Norte. O avião «Britânia n. 1», oferecido à F.A.B. pelo movimento da «Fraternidade do Fole».

do Brasil nada seria espírito dos pesa a reser- e mostrar- de guerra

dos nossos ão das nos- nosso firme ataria nazi- s da Pátria. amente, sol- avam outros



## OS GRANDES CANTORES NORTE-AMERICANOS

numa audição especial do  
"PROGRAMA CARLOS GOMES"



Leonardo Warren

NUMA expressiva homenagem aos Estados Unidos, na qual será focalizado o desenvolvimento cultural e artístico da grande nação amiga, "Programa Carlos Gomes", realização radiofônica dos nossos confrades Raimundo Pinheiro e Francisco Alexandre que tanto honra o "broadcasting" carioca, irradiará, amanhã; domingo, no seu horário habitual das 16,15, através do microfone da Rádio Cruzeiro do Sul, na faixa de 1060 quilociclos, sob o alto patrocínio da "Casa Marzulo-canetas tinteiro", uma audição especial dedicada à América do Norte, durante a qual serão apresentados os maiores cantores que, pela sua origem e formação, melhor representam a nova escola de intérpretes que existe hoje naquele país.

Nessa interessante audição do vitorioso cartaz da PRD-2, emissora que vem liderando o movimento renovador que se registra na nossa radiofonia, serão divulgados os vencedores da 3ª prova, relativa ao mês de agosto, do seu grande concurso lírico, o qual prosseguirá no próximo dia 5, quando, sob o novo patrocínio e nas bases anteriores, será apresentado o primeiro "test" a ser identificado pelos ouvintes.

## NAS ESTRADAS DA PALESTINA

(Continuação)

sa, e por causa disso... nós três, Gwynne, Morris e eu, e mais o Fritz, ficamos todos recolhidos por vinte e quatro horas.

— Uhm!...

Foi a única coisa que saiu dos lábios de Gwynne. Eu e Morris nada dissemos, nem mesmo um "uhm"...

E não foi somente isso. Depois dessa brincadeira, os habitantes de todas aquelas vilas e aldeias que havíamos mimoseado com as "melças" duras da nossa Lewis acharam que deviam vingar-se, e nós três, *constables* da Polícia Inglesa da Palestina, deveríamos voar com a explosão de uma mina, e isso quasi que dentro da "residência", numa estrada que ligava um ponto ao outro da colônia.

Deveríamos voar, mas não voamos, porque a mina — uma granada de dez quilos, que tinha sido enterrada no meio da estrada, mesmo dentro do sulco aberto pelas rodas dos carros e por onde teríamos de passar, como passamos realmente, — a mina explodiu quando tocada pela roda dianteira, fazendo-a voar, bem como o pára-lamas daquele lado, que se levantou para o ar, como se fosse uma orelha de lebre.

— Morris!

— Gwynne!

— Courteney!

Ao chamado que se seguiu à explosão, respondemos os três. Nem um arranhão. Como escapamos, nem eu sei, nem também eles poderiam dizer como foi. A única coisa que posso dizer é que com a explosão, sendo tão perto de nós, mesmo por debaixo de nossos pés, o choque foi tão forte, que nem ouvimos o fragor, o estampido, o ruído da própria explosão.

Depois disso fui retirado do serviço da residência. Isto é, deixei aquela colônia de europeus. Quando digo europeus, quero referir-me principalmente, a judeus...

\*\*\*

UM aldeamento árabe é tão diferente de outro judeu como pode ser diferente o branco do preto. Deixar o serviço de uma "residência" de judeus e ser removido para as colinas árabes, era como arrancar um indivíduo dos tempos de hoje e jogá-lo para trás, para alguns mil anos passados.

Na zona judaica tudo era modernismo e progresso. Boas estradas por toda parte, edifícios apresentáveis, campos bem cultivados por métodos agrícolas apropriados, por sistemas científicos. Posso afirmar que os benefícios que os judeus têm levado à Palestina são enormes.

Por toda parte, onde se firmaram, transformaram terrenos abandonados e improdutivos, por centenas de anos, em verdadeiros jardins, hortas e pomares, na me-

CUIDE DA  
**TOSSE**  
DE SEU FILHO!

NAS TOSSES E BRONQUITES  
SIMPLES DA INFÂNCIA, O  
XAROPE DAS CRIANÇAS  
"ELEKEIROZ"

PREPARADO COM PLANTAS  
EMOLIENTES E  
CALMANTES,  
E COM  
MEDICAMENTOS  
BALSÂMICOS, É  
O REMÉDIO  
COMPLETO.



Mata a dor  
em 3 segundos

# CALLOS

morrem e soltam-se  
com uma só aplicação  
de Gets-It. Uma ou duas  
gotas acabam com a  
tortura dos arrepelões  
dos callos. Poucos dias  
depois pode arrancar o  
callo pela raiz.

# GETS-IT

Faz-lho esquecer os callos.

Exija o legítimo fabricado por  
GETS-IT, Inc., Chicago, E. U.

dida do que é possível fazer-se com aquelas terras.

Construíram fábricas, estabeleceram mercados no exterior para a venda de seus próprios produtos e dos árabes. Criaram serviços médicos, que podem ser também usados pelos árabes — de uma eficiência igual aos melhores de outra qualquer parte do mundo.

Quanto às zonas árabes, são ainda hoje o que sempre foram — na maioria, amontoados de rochedos cobertos de poeira. Como eram outrora continuam a ser do mesmo feitio as guás casas, um amontoado em desordem em que a população vive entre galinhas, cabras e jumentos vagando por toda parte. Sua vida é a mesma dos tempos bíblicos. Sente-se que o progresso não lhes entrou nas veias. Estão contentes com o que os cerca, e nada mais.

Mas, em compensação, há outras cousas que lhes importa mais — as boas maneiras, por exemplo. Boas maneiras, servicialidade, isto é como um fetiche entre eles.

Durante todo o tempo em que servi ali, vi muito pouco judeus. Explica-se, por se tratar de uma região onde domina o fanatismo, o que faz com que os judeus a evitem. Isso não quer dizer, entretanto, que para nós tenha deixado de existir excitação, pois que sempre houve, por exemplo, muitos árabes a matar outros árabes, já que os judeus não lhes chegam às mãos. Árabes que tenham vendido suas terras a judeus ficam desde logo em perigo de vida, como ficam todos os que manifestaram qualquer simpatia para com a atitude assumida pela Administração a favor dos judeus na questão árabe-judaica. E, depois, havia ainda o caso que todas aquelas dissensões, e guerras, e greves, empobreceram muitos nativos que então se davam e ainda se dão à prática do roubo nas estradas, como meio de vida.

— Mas por que não se acaba de vez com esses bandidos? — perguntei, um dia, ao tenente Winston, que já há muitos anos trabalhava na Terra Santa, naquele ingrato serviço de policiamento, tão dificultado pelas rusgas constantes entre árabes, judeus, turcos, armênios...

— Temos feito o possível — declarou-me ele, — mas é extremamente difícil lutar com esses ban-

SABONETE

SABONETE

Derby

PARA O TOUCADOR  
SUAVEMENTE PERFUMADO

PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO

didos. O nosso governo tem gastos de dinheiro, com expedições punitivas. Mas esses bandidos têm um serviço bem organizado, com espiões e sentinelas que, armados de binóculos, reconhecem a aproximação de tropas ainda distantes muitas milhas, tendo então tempo bastante para desaparecer.

O tenente Winston, sacudindo a cinza de seu cachimbo, adiantou:

— A mim me parecia que, ante

isso, a única maneira de podermos enfrentar esses bandidos seria organizar toda uma coluna de gente vestida à moda dos árabes...

— Esplêndida idéia! — disse eu. — Poderíamos chegar bem perto deles e, depois...

— Pode ser, mas a Administração não pensa da mesma maneira. Fiz uma exposição escrita a respeito, e mandei-a ao Quartel-geral...

— E então?...

— Não responderam. Parece que não lhe ligaram a mínima importância... A minha idéia talvez lhes tenha parecido muito anti-ortodoxa, muito fora de propósito.

Depois vim a saber que aqueles bandidos aproveitavam a situação. Levantavam-se em grupos, sob o

PÓ DE ARROZ  
RAINHA DA HUNGRIA  
De Mme. Campos  
FINO, ADERENTE  
E INVISÍVEL  
A VENDA EM TODA A PARTE

(Continua na pág. 54)

# ser ou não ser...



Jorge Maia

O sr. Jorge Maia tem uma vocação real e indiscutível para a literatura teatral, literatura que conta atualmente com um sem número de falsas vocações e valores discutíveis.

"O morro começa ali...", peça em três atos, de Jorge Maia, sucede a "Amanhã será outro dia...", Cartaz que iniciou a temporada da "Comédia Brasileira". Foi muito feliz o sr. Abadie Faria Rosa escolhendo esse original brasileiro para segunda peça da temporada. O "morro começa ali..." possui todos os requisitos para um franco e geral agrado e, estou certo, permanecerá, por muitos dias, no palco do Glândico.

"O morro começa ali..." não mostra todas as qualidades de Jorge Maia. Ele está ultimando, atualmente, uma peça que o colocará no primeiro plano dos nossos autores teatrais. Trata-se da vida de um "santo", um homem simples que cita a Bíblia, e que é "canonizado" pelos parentes que querem explorar a sua fama, que os ventos espalham e fazem crescer. Esse tipo é realmente extraordinário. É um homem bom, que vive explicando que não é santo, que não tem nenhuma qualidade excepcional, nem é capaz de milagres. Na peça circulam ainda: — um farmacêutico cheio de incredulidade; uma mulher cansada de aventuras e amores de toda espécie que deseja conhecer o amor de um "santo"; um parasítico que vem atraído pela fama do homem milagroso, mas que só consegue ficar curado pelo milagre do amor que vota à filha do "santo". Esta sim é que realizou o milagre! A trama se desenvolve de maneira admirável e o desfecho é algo de impar na nossa produção teatral.

## O MORRO COMEÇA ALÍ...

Mas eu me desviei do verdadeiro assunto desta crônica: O morro começa ali... Faremos aqui um ligeiro resumo para os nossos leitores.

A família Siqueira de Moraes, composta de Francisco (pai), dona Sinhazinha (mãe), Olga (23 anos) e Carlos (26 anos), filhos do casal, foi outrora rica e respeitada. Francisco meteu-se em negócios desastrosos e perdeu toda a fortuna. Foi morar numa casa pequena, perto de um morro. Os filhos cresceram na pobreza, mas sem entrar em contato com o mundo exterior. A vida deles continua a ser a mesma de outrora, quando pertenciam à alta sociedade. Olga e Carlos passavam os dias invejando os garotos de rua, que podiam misturar-se com aquela gente, tão desprezada pelos pais. A proibição de subir ao morro criou nas "crianças" um desejo incontido de fazê-lo. Do morro vem a melodia lânguida, que atrai, que fascina, que exerce sobre os irmãos uma força hipnótica. No 1º ato festeja-se o aniversário de Olga com a presença de todos e a de Anastácio, velho amigo da família. De repente, batem à porta, furiosamente, após um barulho de conflito no morro. Vão abri-la e entra uma mulher do morro que, imediatamente, perde os sentidos. Reanimando-se, Maria da Glória explica que está fugindo de um malandro, famoso pelas suas desordens: Alcebiades. Ela está com medo, mas Dona Sinhazinha não pode suportar a presença daquela mulher em sua casa. Cria-se um problema, resolvido por Carlos que enfrentará o malandro acompanhando Maria da Glória ao morro, que ele tem tanta vontade de conhecer... E assim se faz.

Este é o esboço do primeiro ato de "O morro começa ali...", de Jorge Maia. Não perca esta peça. É um trabalho muito interessante que você aplaudirá com entusiasmo.

PEDRO BLOCH

## O "DRAMALHÃO"



NABUCODONOSOR:—  
Vai-te, adúltera! Podes chorar lágrimas de sangue que não me descobrirás! (á parte) Ó deuses! Que crime cometi para ser castigado de tão cruel maneira! (para a mulher) Ergue-te! Não te ajoelhes! Não me supliques! Não! (grita) Mil vezes não! Prefiro ver-te morta! morta! morta! (um soluço embarga-lhe a voz enrouquecida) Hermengarda! O meu punhal! (Hermengardo faz menção de entregá-lhe o punhal) (medita) Não... Não a matarei! (para a mulher) Maldita! Mil vezes maldita! (assume a atitude digna de quem dá o assunto por encerrado, atitude reproduzida na gravura, enquanto ela arranca o punhal das mãos de Hermengardo, enterra-o no peito e cai definitivamente morta).

Na platéia muitas senhoras choram e alguns "honrados comerciantes da nossa praça" sacodem os respectivos corpos com emoção e estardalhaço.

## NAS ESTRADAS DA PALESTINA

(Continuação)

prefeito de ideais políticos, e valha-se da situação política geral para atacar indistintamente tanto judeus, como árabes e cristãos.

Procediam da maneira muito simples, mas ao mesmo tempo de enorme eficiência. Operavam somente à noite. A primeira coisa que faziam era, em um ponto da estrada distante de qualquer cidade ou posto policial, mas de tráfego intenso, levantar uma trincheira de pedras, fechando a estrada, em um ponto que ficava sempre entre dois barrancos... Depois colocavam sentinelas armadas de rifles no alto das pequenas colinas cortadas por essa estrada, nos barrancos mesmo, de modo a dominar a situação, ficando o resto do bando escondido atrás da barreira, esperando o primeiro carro, ou auto-caminhão ou qualquer outro veículo que viesse ter ali.

Uma vez nós três, Gwynne, Morris e eu, caímos de surpresa sobre um bando que agia em uma dessas armadilhas, com o resultado de que quasi perdemos a vida. E foi somente pela narração de uma das vítimas que soubemos como tudo se passou. Foi por meio do motorista de um caminhão que ia carregado das saborosas laranjas da Terra da Promissão, que soubemos o que no começo se passou.

\*\*\*

— EU vinha com o meu caminhão, levantando poeira pela estrada. Não corria muito, que ia bem carregado de laranjas. De repente, à luz dos meus faróis, eu vi aquela barreira em minha frente... Mal parei o carro e no mesmo momento um par de bandidos saltou da barreira, com os fuzis apontados para mim. Arrancaram-me do assento...

— Não me façam nada! — pedí-lhes. — Sou um pobre homem, por Alá! Tudo quanto tenho consigo é esta piastra.

— E eles te ficaram com o dinheiro...

— O dinheiro, e ainda um anel que eu tinha no dedo, uma carteira de prata e...

— Já sei — disse Morris. — E mais um dinheirinho escondido.

— Isso mesmo, sargento! O senhor vai encontrar com eles! São minhas, cem piastras em papel

# PROVADO... É COMPROVADO!

## Odo-ro-no evita a transpiração



Odorono é um líquido sem odor que com uma aplicação deixa as suas axilas asseadas, frescas e sem humidade por uma semana ou mais.

Embora a acção deste desodorante varie segundo o pessoa que o usa, convidamos que descubra por si mesma quanto tempo Odorono a protege. Depois... esqueça-se da transpiração!

Ao usar-se com regularidade, os efeitos de Odorono são infalíveis. Valem bem estas vantagens os breves momentos que o líquido demora em secar.

Odorono é uma formula médica: pode usa-la sem receio.



# ODO-RO-NO

Dois tipos: "REGULAR" para uso constante. "INSTANTANEO" para a pele muito delicada.

que eu tinha guardado, que tinha escondido em um dos sapatos.

— E depois?

As outras vítimas — sim, que eram várias — queriam falar todas ao mesmo tempo. Mas eu perguntei ao motorista:

— Fale você. Que é que eles fizeram depois com você?

— Amarram-me as mãos, e trouxeram-me para aqui.

Estávamos por detrás de um dos barrancos cortados pela estrada.

— Daí não vi mais nada, mas ouvi o ruído de outro carro que chegava.

(Continua na pág. seguinte)

# CABELO BRANCO? CARMELA

## NAS ESTRADAS DA PALESTINA

(Continuação)

— O carro que está atrás do caminhão é um fordezinho...

Soubemos então que nesse carro tinha vindo um negociante armênio, que ia para Jerusalém. O armênio passara os momentos mais amargos de sua vida, quando se viu arrancado do carro, e sentiu sobre ele os focos das lanternas elétricas dos bandidos. E' que como muita gente de sua raça, seus traços fisionômicos eram bem os de um judeu.

— Esse, a gente pode examinar depois de estirado... — disse um dos bandidos, que lhe levou á altura da boca o cano de seu rifle. — Olhe só para essa cara, e diga-me se não é um desses amaldiçoados judeus!

E, se vontade tinham de matá-lo, imaginem quando lhe passaram uma revista e não encontraram nem uma piastra! O que salvou a vida ao desgraçado é que pela estrada, do lado oposto, isto é, em sentido contrário ao em que iam o caminhão e o armênio, veio o ruído de outro carro. Por isso foi o comerciante fazer companhia ao motorista do caminhão.

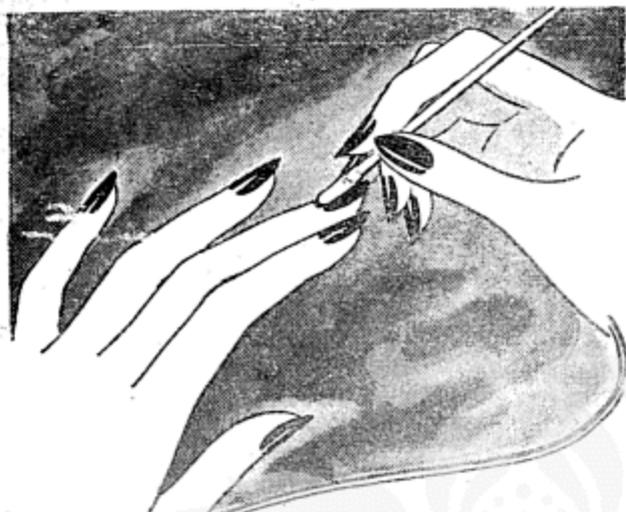
Um carro, e mais outro, e mais outro, iam todos sendo assaltados, e seus ocupantes levados a fazer companhia ao motorista e ao armênio. Havia ali mercadores árabes, em suas mulheres cujos véus lhes encobriam as feições, deixando visíveis apenas os olhos, e que iam a Jerusalém, de volta de viagens á Síria. Estavam ali também dois comerciantes gregos, excitados, protestando; outros árabes de várias castas sociais e de importância financeira a mais vária, e uma família de sírios-árabes, que pretendiam impor-se como franceses, fingindo mesmo que não entendiam a língua dos assaltantes.

De cada uma daquelas vítimas os bandidos iam colhendo o que juntar ao seu "kitti". Eram pilhas e libras, eram anéis e pulseiras arrancadas dos lóbulos das orelhas e dos pulsos das mulheres de véus (se bem que outro mal não fizessem eles ás mulheres). Eram, também, uma vez ou outra, pares de sapatos de valor ou em estado que os bandidos achavam poder ser utilizados por eles.

Foi então que, subitamente, em meio de uma certa confusão que já existia naquela pequena multidão, se ouviu o estampido de um tiro, seguido pelo matraquear de uma metralhadora, e os prisioneiros viram aparecer sobre suas cabeças um pequeno paraquedas que vinha descendo, devagar, trazendo uma daquelas tochas Very, que tornavam o solo tão claro como batido pela luz do sol.

Toda aquela gente se atirou ao chão, em proteção instintiva. A luz brilhante continuava sobre suas cabeças, e não só ouzavam ratear da metralhadora, mas iam

(Conclue na pág. 54)



### FAÇA ISTO!

E VERÁ COMO SUAS UNHAS FICAM LINDAS



Comece, hoje mesmo, a usar Cutex. Suas mãos serão sempre alvo de admiração geral! Veja estes novos tons:

- SUGAR PLUM
- GINGERBREAD
- SHEER NATURAL
- BLACK RED
- TREVO
- TULIPA
- BURGUNDY

1. Retire todo o esmalte de suas unhas, com o Removedor Oleoso de Esmalte Cutex.

2. Use o Removedor Oleoso de Cutigula para aperfeiçoar a base das unhas. Siga cuidadosamente as instruções do rótulo.

3. Aplique o seu tom predileto de Esmalte Salon Cutex.

Cutex apresenta sempre as mais recentes e bonitas tonalidades ditadas e aprovadas pela Moda! Use o Esmalte Cutex para fazer a manicura perfeita e para ter sempre unhas atrativas e interessantes.

PARA A MANICURA PERFEITA

# CUTEX

## "NO MUNDO DA OPERETA"

apresenta a música deliciosa de Johan Strauss, Frans Schubert, Lehar, Richard Strauss, e dos príncipes da música ligeira mundial.

Ouçam aos domingos das 13 ás 14 horas

PRE - 3

RÁDIO TRANSMISSORA

# OS PARDAILLAN

ROMANCE HISTÓRICO DE MICHEL ZÉVACO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Por estas reflexões, poder-se-á ver que Pardailhan era, no fundo, uma alma ainda bem cândida.

Tendo concertado da melhor maneira o rasgão que procurava tapar, Pardailhan tornou a vestir seu gi-lão, cingiu a espada e preparou-se para sair, resolvido a conquistar, custasse o que custasse, a vesti-enta suntuosa que sonhava.

Mas, antes de afastar-se, pôs-se à janela: justame-mente neste momento, viu a Dama de Preto que saía da casa e tomava a direção da rua Santo Antonio. No mesmo instante Loise apareceu na janela.

Arrebatado por uma espécie de bravata à miséria de seu costume, por um desafio à impossibilidade de ser amado tal qual se via, pela primeira vez, com um gesto todo instintivo, enviou um beijo.

Loise corou, é verdade. Mas ficou um segundo a olhar para o cavaleiro, sem cólera; depois, lenta-mente, se retirou.

— Oh! — pensou Pardailhan, cujo coração pulou. — Dir-se-ia que ela não se indignou! Por Pilatos! Por Barrabás! Poderei então esperar!... Oh! é pre-ciso que fale à sua mãe, imediatamente!

Um devasso diria: "Vou aproveitar a ausência da mãe para ir atirar-me aos pés dessa boa menina!"

Sem refletir mais, o cavaleiro precipitou-se, desceu a escada quatro a quatro, saiu como um pé de vento e alcançou a Dama de Preto no momento em que ela voltava a esquina, à esquerda da rua Saint-Denis, e tomava a rua Santo Antonio na direção da Bastilha.

Mas, então, não ousou mais!

Pareceu-lhe que tinha cousas estupendas a dizer. E contentou-se em seguir a Dama de Preto a dis-tância respeitosa.

Chegando a pouca distância da Bastilha, Joana vol-tou à direita por esse dedalo de becos que serviam de comunicação entre a rua Santo Antonio e o Porto S. Paulo.

Enfim parou na rua dos Barrés, no lugar mesmo em que se elevava outrora um convento de carmelitas.

Estes dignos monges usavam um hábito branco e preto, donde lhes vinha o nome de *Barrés* que lhes dava o povo; daí também o nome de Barrés que ti-nha tomado a rua que eles habitavam.

O convento tinha desaparecido, tendo-se os carme-litas, sob Luiz XII, transportado para a montanha de Santa Genoveva.

Porém a rua continuava a chamar-se rua dos Bar-rés. Mais tarde, o acento agudo do é desapareceu, não da placa indicadora, porque não existia, mas da pro-núncia popular, e a rua chamou-se, desde então, das Barras... Damos a explicação pelo que ela vale.

A casa diante da qual Joana de Piennes tinha pa-rado era situada no mesmo lugar do antigo convento dos Barrés, era cercada por belos jardins: pequena, mas de bela aparência, posto que um pouco misteriosa. Pardailhan viu a Dama de Preto levantar a aldraba e, logo depois, entrar na casa.

— Falar-lhe-ei quando ela sair — pensou ele. — É preciso que lhe fale!

E postou-se, como sentinela, a um canto da rua. Uma criada robusta e desconfiada tinha introduzido

Joana e a conduzira ao primeiro andar, para uma bela sala muito bem mobiliada, onde nada faltava do que se chama hoje o confortável.

A sua entrada, um moço e uma moça, que esta-vam sentados ao lado um do outro, voltaram a cabeça.

— Ah! — disse a moça — eis a minha tapeçaria!

— Bem! — disse o moço, dirigindo-se a Joana. To-mastes em consideração o que vos recomendei con-cernente à inscrição?

— Sim, senhor — respondeu Joana.

— Que inscrição? — perguntou a moça, com voz tímida e muito suave.

— Ides vê-la! — respondeu o moço, esfregando ale-gremente suas pálidas mãos.

Este moço não parecia ter mais de vinte anos. Es-tava vestido como um rico burguês, de fino pano; sua roupa era preta; mas no seu gorro de veludo preto brilhava um enorme diamante.

Ele era de estatura média e parecia de saúde deli-cada; seu rosto era pálido e bilioso; tinha a testa convexa; seu olhar sonso não encarava ninguém; a boca contraía-se ordinariamente sob o esforço de um sorriso em geral mau, às vezes sinistro, mas que nesse momento, era cheio de verdadeira cordialidade; as mãos agitavam-se e os dedos contraíam-se graças a algum cacoete; talvez que esse moço sofresse de uma moléstia nervosa.

Às vezes, subitamente, dava uma gargalhada sem motivo; essa risada, que desmentia o fogo sombrio do olhar, era terrível de ouvir-se, terrível de ver-se.

Quanto à moça parecia ter três ou quatro anos mais, que o seu companheiro.

Era uma bonita loura, de aparência modesta e que, no meio de uma multidão, não provocaria esse mur-múrio que forma como que um sulco de admiração à passagem de certas mulheres soberanas pela beleza.

Tudo nela era modestia e tímido retraimento; po-rém seus olhos tinham uma doçura infinita e uma ternura extraordinária quando pousavam no moço. Essa modestia, essa doçura, essa ternura constituíam o caráter essencial dessa mulher.

À primeira vista, adivinhava-se nela um desses entes dedicados, muito puros, que vivem de um amor e morrem, se preciso for, sem uma queixa.

— Vejamos a inscrição! — continuou ela, com uma curiosa impaciência.

— Olhai, Maria! — disse o moço, tomando a tapeçaria das mãos da Dama de Preto.

Essa tapeçaria representava uma série de ramalhe-tes de flores de lis que se entrelaçavam e rodeavam o pano; no centro desenhava-se um cartão em campo azul; e era sobre esse cartão que se destaca, em le-tras de ouro, a seguinte inscrição:

(1) "*Je charme tout!*" (*Eu tudo encanto*).

Aque-la a quem chamavam Maria ergueu para o moço um olhar interrogador. O rapaz esfregou len-tamente as mãos pálidas, e disse, com um alegre sorriso:

— Querida Maria, não adivinhas?

— Não, meu bem amado Carlos...

— Pois bem; será dora em diante o vosso emblema, Maria... Ful eu quem o achou!

— Oh! Carlos... Meu bom Carlos...

— Ouví o fim, Maria. Desejava um emblema para vossos móveis, para vossa prataria, para toda vossa casa, enfim! Pedí a Ronsard e mesmo a *messire* João Dorat, professor de latim e grego, no Colégio de França; porém nada acharam que me agradasse; então pus-me eu proprio a procurar e achei isso... Vede, Maria, não há como o amor para inspirar boas idéias...

— Carlos! Carlos! Tornais-me felicissima!...

— Ouví, pois, o final! — disse o jovem burguês a quem chamavam Carlos. Sabeis onde encontrei esta inscrição? Procurai adivinhar...

— Como poderia adivinhar, meu terno amigo?

— Pois bem! — exclamou Carlos, triunfante. — Encontrei-a no vosso nome!... "*Je charme tout*" não é senão o anagrama de "Maria Touchet", vosso nome... Não tendes mais do que verificar...

Maria Touchet dirigiu-se a uma escrevaninha, escreveu rapidamente seu nome e constatou que, com efeito todas as letras da inscrição "*Je charme tout*" se encontravam em Maria Touchet.

Então, enrubecida pela emoção de tanta felicidade, lançou-se de novo nos braços de seu amado, que a estreitou sobre o peito com uma indizível expressão de ternura.

Joana de Piennes tinha assistido, imóvel e dorida, a essa cena de plácida e íntima felicidade.

— Como eles se amam! — pensou ela. — Como são felizes este bom burguês e esta meiga burguesa! Ai de mim! Também poderia ter sido feliz!

— Sim, Maria — dizia, em voz baixa, o moço. — Sim, foi nisto que pensei nestes últimos tempos! Pois só convosco sonho no recanto do meu Louvre. E enquanto minha mãe julga-me ocupado com a destruição dos huguenotes; meu irmão d'Anjou receia que eu esteja tramando a sua morte; enquanto Guise procura surpreender em minha frente o segredo do seu destino, eu só penso que vos amo, só a vós, pois que sois a única a amar-me, e que em Maria Touchet existe realmente o *Je charme tout*!

Maria ouvia essas palavras com enlêvo... Esquecia a presença da Dama de Preto.

— Sire! Sire! — disse ela, quasi em alta voz. — Embriagais-me de felicidade!

— Sire! — murmurou Joana, estremecendo profundamente. O rei de França!...

E em seu cérebro tão martirizado um abalo violento se produziu. Ela estava em presença de Carlos IX... Aquele burguesinho pálido e sombrio era o rei!... O rei de França!... O homem de quem tantas vezes ela desejara aproximar-se para implorar justiça... não para ela, ah! não, de certo! Mas para sua filha, para sua Loise!...

Ofegante, com a cabeça em fogo, ela deu um passo para diante.

Carlos IX havia enlaçado Maria Touchet em seus braços. Ele continuou a meia-voz:

— Aqui não há sire! Não há majestade, ouvis, Maria? Não existe senão Carlos! Vosso bom Carlos, como me chamais... Pois não há senão vós, Maria, que dizels que sou bom e isto me allvia, compreendels? Isto lança um raio de luz nas trevas de meus pensamentos... O rei! Eu sou o rei!... Maria, sou um pobre filho que sua mãe detesta, que seus irmãos odeiam! No Louvre, não ousa comer; tenho medo do copo d'água que me trazem, medo do ar que respiro... Aqui, como, durmo, bebo sem recelo. Aqui ah! respiro a plenos pulmões! Olhai como meu peito se dilata!...

— Carlos! Carlos! Acalmai-vos!...

Mas Carlos IX se exaltava. Seus olhos reuziam. Sua palavra tinha-se tornado rouca e sibilante.

Joana, trêmula, afastou-se para um ângulo escuro. Um palidez livida invadira o rosto do rei. O tremor nervoso de suas mãos acentuou-se.

— Digo-vos que eles desejam minha morte! — rangiu êle, de repente, sem tomar a precaução de baixar a voz. Ah! Maria, Maria! Salvai-me! Escondei-me!... Li em seus pensamentos, digo-vos! Penetrei em suas consciências, e aí vi minha condenação escrita em letras de fogo!

— Carlos! Por piedade, acalmzi-vos!... Oh! eis ainda o vosso acesso!... Carlos! Estais perto de mim... perto de Maria!...

Carlos IX empurrara Maria Touchet. A crise era terrível em sua instantaneidade. Com as duas mãos agarrava-se ao encosto da poltrona. Um suor frio corria-lhe pelo rosto; seus olhos injetados fixavam-se no vago sobre seres imaginários, e êle deu uma risada que rescou horrivelmente.

— Miseráveis! — rugiu êle. Ei-los que procuram de que maneira me matarão! Quem terá meu trono?... Serás tu, Guise infernal? Serás tu, Anjou? Serás tu, Bearn? Oh! todos! todos! Ei-los que conspiram!... E quem está á frente daqueles que caminham nas trevas?... Esse miserável Coligny... Ah! truões! Esperais!... A mim, guardas! Prendei-me todos esses huguenotes! Passai-os a fio de espada!... Ah! êles me matam!... Assassinos!... Acudam-me!...

As últimas palavras expiraram na garganta do rei, com uma gargalhada de fazer estremecer os mais bravos; êle caiu para trás nos braços de Maria Touchet, abalado por uma medonha crise, com os olhos convulsos, as mãos retorcidas...

Joana precipitara-se para ajudar Maria.

— Oh! senhora — balbuciou esta — por compaixão pelo meu pobre Carlos tão infeliz, peço-vos não repetir uma só palavra a quem quer que seja!

— Tranquilizai-vos! — disse Joana, com essa simples e meiga dignidade que a tornava tão admirável. — Conheço bem a dor humana; bem sei que ela é a mesma perto dos tronos como nas pobres choupanas, e foi a dor que me ensinou o silêncio.

Maria fez um sinal com a cabeça, para agradecer. E era tocante essa súplica feita a uma humilde bordadeira de tapeçarias, pela amante do rei, e para o rei!

— Posso ser-vos útil? — tornou Joana.

— Não, não! — disse vivamente Maria. — Agradecida. Sêde abençoada... Conheço estas terríveis crises... Carlos, em poucos momentos, voltará a si... Vede, só tenho que conservá-lo assim nos braços... Só isto é que o acalma...

— Neste caso, deixo-vos... E' preciso que êle ignore que sua fraqueza teve uma testemunha.

— Ah! senhora! — exclamou Maria, com um impulso de gratidão. — Tendes todas as delicadezas... Como deveis ter amado!...

Um fugitivo e doloroso sorriso passou sobre os descorados lábios de Joana, que fez um sinal de despedida e se retirou, ou antes, desapareceu, qual uma ligeira sombra..., sacrificando o imenso interesse que haveria para ela em falar ao rei.

Apenas tinha ela desaparecido, Carlos IX abriu os olhos, passou lentamente as mãos sobre o rosto, lançou ao redor olhares espantados, e, vendo Maria inclinada sobre êle, sorriu tristemente.

— Mais um acesso? — disse êle, com surda angústia.

— Nada, quasi nada, meu Carlos! Muito menos forte do que o último... Tranquilizai-vos... Acabou-se.

— Havia aqui alguém ainda há pouco... Ah! sim... A mulher que fez esta tapeçaria... Onde está ella?

— Partiu, meu Carlos; partiu há dez minutos.

— Antes do acesso?

(1) Sabe-se que, o I e o J maiúsculos, em francês, escrevem-se da mesma maneira.

— Sim, sim, meu bom Carlos, antes!... Vamos. eis-vos restabelecido... Bebei um pouco deste elixir... Assim... Descansa um pouco vossa pobre cabeça... aqui... sobre o meu coração... meu bom Carlos.

Ela se tinha sentado; tinha-o atraído para seu colo; e Carlos dócil como uma criança, vencido pelo cansaço, violência e rapidez fulminante da crise, obedecia, inclinava sua cabeça pálida esombria.

Fez-se um grande silêncio.

O rei de França, embalado nos braços de Maria Touchet, adormecia, tendo a cabeça sobre o seu seio, com a indizível felicidade de saber que um anjo velava o seu sono.

### VOX POPULI, VOX DEI!...

O cavaleiro de Pardailan esperara a saída de Joana com a paciência de um namorado. Estava resolvido a falar-lhe. Para dizer-lhe o que? Que amava sua filha? Que a queria para esposa? Isto, pode ser. No fundo, não o sabia bem, e desejava simplesmente aproximar-se da mãe e da moça.

Quando a viu sair e voltar em sua direção, preparou um discurso apto, segundo lhe, a produzir uma viva emoção naquela que o ouvisse.

Infelizmente, no momento em que a Dama de Preto passou perto dele, esqueceu justamente o começo de seu discurso, o mais belo trecho, sempre, na sua opinião. Ficou, pois, boquiaberto. Joana passou, e quando o cavaleiro ergueu o seu chapéu, num desses gestos que lhe eram familiares, ela já se achava longe.

Pardailan precipitou-se então, dizendo a si mesmo que até a rua Saint-Denis teria tempo de chegar-se à Dama de Preto e expor-lhe o seu desejo, ao qual, por maior precaução, ele acrescentaria uma peroração das mais patéticas. Porque agora a memória lhe voltava.

O cavaleiro não se lembrara que o meio mais simples e, além disso mais conveniente, seria apresentar-se em casa da senhora. Mas não se pensa em tudo. E ele resolvera falar imediatamente.

Mas, quando desembocou na rua de Santo Antonio, achou que o aspecto de Paris tinha mudado como às vezes muda bruscamente a superfície do oceano à aproximação das primeiras rajadas da tempestade.

Grupos numerosos, burgueses e povo confundidos, caminhavam em direção ao Louvre. A grande arteria tinha-se tornado uma torrente humana, de onde partiam murmúrios ameaçadores, e, às vezes, clamores. Que se passava?

Pardailan procurava não perder de vista a Dama de Preto, que caminhava a uns vinte passos, adiante dele.

Em dado momento, produziu-se um desses torvelinhos que agitam as multidões sem que se saiba por que. Joana, envolvida nesse redemoinho, desapareceu. O cavaleiro arremessou-se distribuindo fortes socos, cotoveladas, para abrir caminho: mas não tornou a encontrar a Dama de Preto.

Então deixou-se levar pela multidão, que se tornava cada vez mais compacta.

A sua frente, caminhavam três homens de braços dados, três hércules com pescoços de touro, faces rubras, olhos ameaçadores. E o povo, a essa passagem, vociferava:

— Viva Kervier! Viva Pezou! Viva Crusé!

— Quem são esses três elefantes? — perguntou Pardailan ao vizinho mais próximo.

Este, respeitável burguês parecendo um ricoço, olhou-o de soslaio, mas, vendo que ele trazia uma bela espada, respondeu polidamente:

— Como, senhor! Não conheceis Crusé, o ourives de Pont-de-Bols? E Pezou, o carnicheiro da rua de Boi-de-Siclie? E Kervier, o livreiro da Universidade? Sobretudo, Kervier! Vê-se bem que não vos ocupais com os livros, senhor.

— Desculpa-me! Chego da província — disse Pardailan. — Ah!... são estes o carnicheiro, o livreiro e

o ourives? Bem! Estou satisfeito de ter visto isso! — Os três grandes amigos do senhor de Guise — continuou o burguês, entusiasmado.

— Irra! E' uma grande honra para o senhor de Guise!

— Sim, senhor! Os defensores da santa religião, se me faz favor.

— De qual? — perguntou friamente Pardailan.

— De qual? — disse o homem, estupefato. — Da nossa, senhor! Do papa! Do rei! Da rainha! A do grande Guise! A do povo!

— Ah! muito bem! Que ordena a nossa religião? Pois uma religião que é e tanta gente deve ser também um pouco minha.

— Que quer ela? Ouví!...

Nesse instante, Pardailan chegou perto da ponte de madeira. Ai, numerosa multidão, agitada por essas poderosas ondulações que a fazem semelhante a um mar revoltado, soltava clamores:

— Viva Guise!... Morram os huguenotes!

— Ouvís? — disse o burguês. — Ouvís o povo? Ora, vós o sabeis, *vox populi, vox Dei!*...

— Perdão, — observou delicadamente o cavaleiro: — não entendo inglês...

— Não é inglês, senhor — disse o homem, desdenhosamente. — E' latim. E este latim significa que a voz do povo é a voz de Deus.

— Eis o que é bom saber — disse Pardailan. — Pelo que vejo, neste momento é Deus quem clama: Morram os huguenotes!

— Sim, senhor! E' Deus, também, que, pela voz do povo, aclama o grande Guise, por quem se reuniu esta multidão; o grande Guise que entra hoje em Paris e vai passar por aqui para ir ter ao Louvre! Viva Guise! Morra Béarn! Morra Albret!

Nesse momento, o burguês foi separado de Pardailan por uma onda de povo: alabardeiros e arcabuzeiros da ronda desembarçavam as vizinhanças da ponte para deixar livre a passagem a Henrique de Guise, cuja aproximação anunciavam.

Pardailan estava colocado à entrada da ponte, encostado à primeira casa do lado esquerdo: uma velha construção meio arruinada, e provavelmente abandonada, pois as janelas se achavam fechadas, enquanto que em outras casas, adjacentes à ponte, se viam espectadores até nos telhados.

No entanto, o cavaleiro notou que a primeira casa do lado direito, em frente à construção abandonada, se achava igualmente fechada: só uma de suas janelas estava aberta, mas esta tinha um gradeado muito espesso.

Atrás dessa gelosia, na sombra, Pardailan julgou ver, por instantes, uma figura de mulher, cujos olhos incandescentes lançavam olhares chamejantes sobre a multidão, que surdamente rugia:

— Morte aos huguenotes!

Por que? Não havia, nessa ocasião, huguenotes em Paris. Ou, se os havia, escondiam-se! E, aliás, a paz assinada em Saint-Germain não tinha assegurado aos protestantes e tranquilidade na capital?

Pardailan viu, de repente, o carnicheiro, o livreiro e o ourives, Pezou, Kervier e Crusé, percorrer apressadamente os grupos e dar uma senha. Após a sua passagem, gritavam com mais força:

— Morte aos huguenotes! Morte a Béarn! Na água, Albret!

Então Crusé, Pezou e Kervier vieram postar-se ao lado esquerdo da ponte, a três passos do cavaleiro:

— Por Pilatos e Barrabás! — resmungou este. — Creio que vou ver hoje cousas interessantes!

— Ah! ah! — rugia, nesse momento, Crusé — eis o senhor Biron que passa! Biron, o coxo!

— E o senhor de Mesmes, senhor de Malassires! — acrescentou Kervier.

— Os signatários da paz de Saint-Germain! — vociferou Pezou. O amigo dos danados huguenotes!...

— Oh! uma paz manca! — chacoteou, em voz alta o ourives, designando Biron, que com efeito coxeava.

— E mal assentada! — completou o livreiro, mostrando o siré de Mesmes de Malassises.

Em redor deles, a multidão tripudiava e bramia: — Abaixo a paz de Saint-Germain! Abaixo a paz manca e mal assentada! Morte aos huguenotes!

Crusé ergueu os olhos em direção à janela gradeada, onde Pardailan julgara ver uma fisionomia de mulher. Dessa vez era um semblante de honra que aparecia atrás das espessas gelosias. Esse homem trocou um rápido sinal com Crusé; depois desapareceu no interior...

Penetremos por um instante nessa casa, a primeira, conforme dissemos, do lado direito da ponte.

Aí, no aposento em que se achava a janela gradeada, uma mulher alta, magra, toda vestida de preto, com uma cabeça de ave de rapina, nariz de abutre, lábios contraídos, olhar penetrante, está sentada numa grande poltrona.

Esta mulher é a viúva de Henrique II, a mãe de Carlos IX, Catarina de Médicis.

Perto dela, um homem jovem ainda, e que deveria ter sido mui belo, de gesto enfático, maneiras teatrais, com um não sei que flexível no andar, e de feição nas atitudes.

Este homem é Ruggieri, o astrólogo!

Que fazem aí os dois? Que misteriosas familiaridades permitem ao astrólogo florentino tomar diante da rainha a atitude onde há mais ternura do que respeito? Que ocupação os uniu nessa casa?

Catarina bate nervosamente com a ponta do pé, impaciente. A's vezes estremece.

— Paciência, paciência, Catarina mia! — disse Ruggieri, sorrindo com um lindo sorriso.

— E estás certo, René, de que ela esteja em Paris? — jamos! Torna a repetir-me mais uma vez.

— Certíssimo! A rainha de Navarra entrou ontem mesmo em Paris. Joana d'Albret veio ver, sem importância importante personagem.

— Mas como o soubeste, René?... Fala, meu amigo!

— Ora! Por quem o teria sabido, senão pela bela dama que colocastes junto dela?

— Alice de Lux?

— Ela mesma! É' uma preciosa moça e uma fiel amiga.

— E estás certo de que Joana d'Albret vai passar na ponte?

— Pensais então, se não estivesse convencido disso, teria chamado Crusé, Pezou, Kervié? — disse Ruggieri, recolhendo os ombros. Será para aclamar Henrique de Navarra, segundo vossa opinião, que o povo de Paris se amotina. Paciência, Catarina! Ides ver!...

— Oh! — murmurou Catarina de Médicis, apertando



mão contra a outra. — Compreendes-me: eu a odeto, a essa Joana d'Albret! Guise nada vale. Eu o tenho seguro e esmagá-lo-ei quando quiser. Mas d'Albret é o inimigo, René, o único inimigo verdadeiramente terrível para mim! Ah! se eu pudesse então segurá-la aqui, e estrangulá-la com minhas próprias mãos!...

— Ora minha rainha! — disse Ruggieri. — Deixai esta tarefa ao bom povo de Paris. Ai tendes! Ei-lo que se apronta! Escutai! Olhai! Por Altair e Aldebaran! (1) vale a pena o espetáculo, e realmente pergunto a mim mesmo se é bom olhar para o céu, quando tão magníficos horrores se passam na terra.

Com efeito, horríveis bramos estrugiam fora.

Ruggieri tinha-se aproximado da gelosia, seguido por Catarina. Suas duas cabeças inclinadas quasi se tocavam, e agora, com os dentes cerrados, olhares chamejantes, e as narinas aspirando o massacre, medonhos, êtes olhavam...

— Não vejo senão Henrique de Guise! — arquejou surdamente Catarina de Medeis.

— Olhai, lá para baixo... no fim da ponte... aquela liteira atrás da escolta.

— Sim, sim!...



— A liteira não pode mais recuar... A multidão a cerca... Daqui a pouco, ao chegar aqui... As cortinas vão afastar-se um instante... e só por arte do diabo o nosso amigo Crusé não reconhecerá a rainha de Navarra!

Sobre a ponte, Henrique de Guise adiantou-se seguido por uns trinta cavaleiros.

Ele saudava com o gesto e com o sorriso, e de quando em quando gritava:

— Viva a missa!

— Viva a missa! Morte aos huguenotes! — repetia a multidão, delirante.

Era um espetáculo temível e magnífico. Os senhores da escolta, montados sobre cavalos esplendidamente ajaezados, vestiam pomposos trajes, em que rutilavam pedrarias... O ouro, a seda, o cetim, as cores cintilantes, as plumas de seus gorros, os diamantes de seus colares formavam um maravilhoso conjunto.

Mas, o mais belo de todos, o mais brilhante, era o seu chefe: Henrique de Guise. Tinha quando muito vinte anos. Era de alta estatura, bem proporcionado, com um semblante em que se estampava um orgulho desmedido; um grande manto de cetim azul flutuava-lhe sobre os ombros, e seu gorro era cercado por três ordens de pérolas.

— Guise! Guise! — vociferava o povo, com aclamações que Catarina de Medicis ouvia enterrando as unhas aguçadas nas palmas das mãos.

E lá em baixo, na pequena casa da rua dos Barrés, no aposento de Maria Touchet, o rei de França dormia tranquilamente, com a cabeça apoiada ao seio maternal de sua amante...

Entretanto, Henrique de Guise e sua escolta tinham transposto a ponte. Mas então acharam a multidão tão compacta, que tiveram de parar alguns minutos. Nesse momento, atrás deles estrugiram clamores tão ferozes, que o duque de Guise, instintivamente, levou a mão à sua adaga, e voltou-se.

Não, não era a ele que ameaçavam!

Embainhou o punhal, e eis o terrível espetáculo que se lhe deparou, assim como a Catarina de Medicis e a René Ruggieri:

Uma liteira, avançando a muito custo, chegava ao fim da ponte, diante da casa em ruínas, próximos a qual se achavam: Crusé, Pezou e Kervier. Essa liteira era modesta, e suas cortinas de couro estavam hermeticamente fechadas.

Nesse momento, as cortinas afastaram-se por espaço de um segundo. Mas esse segundo bastara!

— Inferno! — rugiu Crusé, cuja voz de estertor dominou os clamores. E' a rainha de Navarra! Morra a huguenote! Morra d'Albret!

E com os seus amigos precipitou-se sobre a liteira.

— Enfim! — murmurou Catarina, com um terrível sorriso, que descobriu seus dentes ponteagudos.

Num instante, um grupo numeroso e disciplinado tinha cercado a liteira, vociferando e gesticulando:

— Albret! Albret! Morra Albret! A' água a huguenote!

A liteira foi levantada, como um pedacinho de palha pelas vagas do oceano: virada, despedaçada, ela desapareceu...

Mas as duas mulheres que a ocupavam tinham tido tempo de saltar fora.

— Piedade para Sua Majestade! — gritou a mais moça das duas mulheres, de maravilhosa beleza, e que, por motivos desconhecidos, não parecia tão aterrada como devia estar.

— Ei-la! Ei-la! — trovejaram Crusé e Pezou designando a outra senhora, que tinha na mão uma pequena bolsa de couro.

Com efeito, era Joana d'Albret.

Com um gesto de soberana majestade, ela coobriu o rosto com o véu. Um poderoso e irresistível impulso atirou-a com a sua companheira de encontro à porta da casa em ruínas. Mil braços levantaram-se. A rainha de Navarra ia ser agarrada, despedaçada, esmagada...

Nesse momento, Catarina de Medicis e Ruggieri, de cima da sua janela, o duque de Guise, de cima de seu cavalo, viram um espetáculo inaudito, fantástico e maravilhoso. Um rapaz acabava de precipitar-se, afastando a multidão a socos, cabeçadas, cotoveladas, entrando, penetrando como uma cunha de ferro, e parecendo fazer o vazio em roda de si, por uma espécie de formidável balanço de seus ombros... Num abrir e fechar de olhos, formou-se um espaço entre a porta da casa arruinada, a que se apoiavam as duas mulheres, e a multidão furiosa, à frente da qual se achavam o curives, o carniceiro e o livreiro.

Então, o rapaz desembainhou a sua comprida e sólida espada, que reluziu, e pôs-se a descrever um vertiginoso molinete, que não interrompia senão para atirar, de segundo em segundo, pontacos furiosos, enquanto que a turba, estupefata, aterrada recuava alargando o meio círculo!

— René! — bramiu Catarina. — E' preciso que este moço morra ou que me pertença.

— Era nisto mesmo que eu pensava! — respondeu Ruggieri precipitando-se.

— Saint-Mégrin! — dizia por seu lado o duque de Guise. — Trata de saber quem é este danado. Pelos cornos do diabo, que magnífico javali! Que trombadas! Como fere de ponta e de corte!

Esse danado, como dizia Guise, esse javali que enfrentava a matilha humana era o cavaleiro de Pardailan.

No momento em que Crusé e o seu bando se atiravam sobre a liteira, ele vira que esta era ocupada por duas mulheres.

Quis precipitar-se e sentiu-se preso pelo braço. Aquele que o agarrara, na passagem, era o burguês que, ainda há pouco, lhe dera tão obsequiosas informações.

— Deixai-o fazer! — gritou esse homem, com uma espécie de ênfase doutoral. — Deixai agir o povo! Lembrai-vos! *Vox populi, vox Dei!*

— Eh! senhor — respondeu Pardailan, sem a mínima impaciência — já lhe disse que não entendo inglês!

Falando assim, ele se sacudiu. E sacudindo-se, atirou o desastrado latinista sobre as primeiras fileiras de assaltantes; depois precipitou-se, de cabeça baixa, como um arlete humano...

— Por Baccho! — exclamou o homem, segurando com a mão seu queixo maltratado; isto é Hércules em pessoa, ou não sou mais João Dorat, *Johannus Auratus*, o maior poeta da Pleiade, e Virgílio dos nossos tempos!

#### A RAINHA DE NAVARRA

FOI, durante quasi meio minuto, a homérica imagem de um rochedo, que em vão era assaltado pelas vagas desencadeadas.

O povo, como um turbilhão, volteava em roda de Pardailan, com médonhas vociferações.

Crusé, Kervier e Pezou, faziam-lhe ameaças apocalípticas. E Pardailan, concentrando todas as suas forças, com os queixos cerrados, sem uma palavra, sem um gesto inútil, fazia girar como um raio a chamejante Giboulée.

No entanto, isto não podia durar muito.

O meio-círculo se estreitava, a-pesar-da resistência da primeira fileira; por detrás, massas profundas se empurravam com o tumultuoso movimento do fluxo e do refluxo.

Pardailan compreendeu que ia ser esmagado.

(1) Nome de estrelas.

Lançou sobre Joana d'Albret e a sua companheira um olhar que teve a duração de um relâmpago, e gritou:

— Afastai-vos!

As duas mulheres obedeceram.

Então ele, sempre protegido pela sua comprida espada, inclinou-se para a frente, equilibrando-se na perna esquerda, enquanto que, com o pé direito, atirava formidáveis golpes na porta carcomida.

Ao primeiro pontapé, que ressoou como um choque de pranchão, a multidão compreendeu a manobra, lançou um clamor de cólera e tentou precipitar-se sobre o insensato, que pretendia fazer o milagre de salvar huguenotes.

Dois ou três homens caíram, ensanguentados, e Giboulée descreveu um círculo de aço, tão chamejante, que houve um segundo de indescrevível desorden.

Ao segundo pontapé, a porta abalada gemeu e uma de suas ferragens caiu.

Ao terceiro, abriu-se violentamente, com a fechadura arrancada.

— Vinde, Alice! — disse Joana d'Albret, com uma voz singularmente calma.

E entrou na casa, seguida por sua companheira.

O povo, vendo que por momentos sua vítima lhe escapava, lançou um rugido tal, que parecia que a velha casa ia desmoronar-se; Crusé, Pézou e Kervier agora já não se achavam na frente; tinham desaparecido nos grandes redemoinhos dessa onda humana; houve como que um assalto, a massa irresistível de um refluxo, a queda gigantesca de uma tromba... Mas essas massas de homens, esmagados uns pelos outros, empurrando, empurrados, pisando-se, levantando-se entre os gemidos dos que eram derrubados e as imprecações dos outros, essa massa, dizemos nós, veio parar, ofegante, rugidora, desunida por seus próprios movimentos, diante da porta outra vez fechada!

Com efeito, apenas a rainha de Navarra desaparecera, Pardailan, cessando o seu molinete, lançou à direita, à esquerda, adiante, ao acaso, uma dezena de estocadas todas seguidas de um rugido de dor.

Depois nesse inapreciável espaço de tempo em que a multidão se deteve, hesitante, bestificada, saltou para trás com ímpeto, empurrou a porta, e lançou ao redor de si um olhar de chama.

A casa, antiga loja de um marceneiro ou de um carpinteiro, estava cheia de madeira.

Agarrar cinco ou seis destes pranchões, apoiá-los contra a porta, formar uma sólida trincheira, foi para o cavaleiro questão de um minuto, e quando a porta, arrancada de suas dobradiças pelo exército assaltante, caía com fracasso, já o obstáculo surgia, levantando-se diante da multidão.

A primeira palavra de Joana d'Albret foi:

— Sois vós da religião, senhor? (1)

— Oh! senhora, eu sou da religião de viver, sobretudo neste momento em que mau negociante seria aquele que comprasse a minha pele por mais de um soldo.

Joana d'Albret lançou um olhar de admiração para esse rapaz todo esfarrapado, com as mãos esfoladas, sangrando, que continuava a sorrir. Nesse minuto, ele era realmente belo, radiante de audácia, com um não sei quê de irônico no olhar.

— Se devemos morrer — replicou a rainha de Navarra — quero, antes disso, agradecer-vos e dizer-vos que, no momento da minha morte, terei conhecido o mais heróico fidalgo que jamais vi.

— Oh! — murmurou Pardailan — não morremos ainda; temos ainda bem três minutos diante de nós!... Silêncio, meus lobozinhos! — acrescentou ele, respondendo às vociferações do povo. — Um pouco de paciência, com os diabos; vós nos rebentais os tímpanos, ensurdecet-nos!

No entanto, não tinha perdido um segundo.

Numa vista d'olhos, tinha examinado o lugar em que se achava.

Era uma imensa peça, que deveria ter servido de oficina a um carpinteiro. Não tinha teto. Era só o telhado que cobria esta oficina, e esse telhado era sustentado por três vigas verticais, que pareciam assentar sua base na adega, através do assoalho.

Em menos tempo que é preciso para escrever, Pardailan havia percorrido a peça.

Chegando ao fundo, isto é, do lado que dava para o rio, descobriu um alçapão aberto, que dava entrada para a adega.

Com um grito, chamou as duas mulheres, que acudiram com presteza.

— Descei! — disse ele.

— E vós? — perguntou a rainha.

— Descei sempre, senhora. Por favor, nada de perguntas neste momento!

Joana d'Albret e sua companheira obedeceram.

Em baixo da escada, elas se acharam, não numa adega, mas numa peça igual à de cima; debaixo do soalho elas ouviam o murmúrio da água... A casa era construída sobre estacas! E era o Sena que corria debaixo dela!... E sobre as suas cabeças, lá em cima, era uma tempestade medonha de clamores humanos, em que dominavam os gritos de morte, como os trovões dominam o tumulto das tempestades!... Em cima, a morte! Em baixo, também a morte!...

Nesse momento, apenas um minuto tinha decorrido desde o instante em que entraram na casa.

Joana d'Albret prestou o ouvido um segundo.

Numa espécie de calma momentânea das rajadas populares, julgou ouvir lá em cima um ranger de serras... Mas isto teve a duração dum relâmpago, e de novo o enorme rugido da multidão abafou todos os ruídos.

Então, febrilmente, ela se pôs a procurar... o que? Nem o sabia! Nesses horríveis instantes, em que a morte está próxima e parece inevitável, nas naturezas vigorosas o espírito se impregna de extraordinária lucidez!... Joana d'Albret teve a intuição de que podia comunicar-se com o rio... De repente, seu pé tropeçou numa argola de ferro... Abaixou-se com um grito de intensa alegria, puxou-a com um esforço inaudito, arrancoa o tempo do alçapão do seu alvéolo... e aí, com o rouco suspiro do condenado que tem a vida salva, aí, sim, se lhe deparou ao olhar uma escada que descia para o rio, entre as estacas!... E, no fim dessa escada, um batel!

— Senhor! Senhor! — bradou ela.

— Eis-me aqui! — gritou Pardailan. — Se morremos, será em numerosa companhia...

E o cavaleiro apareceu no topo da escada, trazendo na mão uma forte corda. Sobre essa corda, ele se entesou, firmando-se com tal esforço, que os músculos de suas pernas se tornaram salientes e as veias de suas fontes pareciam pretas a reventar.

Nesse momento, a hedionda multidão, sedenta de sangue, num formidável estrépito, precipitava-se, arremessava-se.

— Mata! Mata! Mata!...

Não se ouviu mais senão o clamor sinistro!

Nesta ocasião, também, Pardailan, com um último impulso frenético, semelhante a um titã que procura desarraigar um carvalho secular, puxou pela corda!

Ouviu-se um formidável estalido, a casa pareceu oscilar um instante; depois, no meio de atrozes clamores de desespero, um ruído medonho, semelhante ao ronco do trovão... A casa desmoronava! As vigas despedaçavam-se! O telhado inteiro desabou de uma vez: telhas, ferragens, madeiros, tudo se abateu num estrépito sinistro, esmagando, ferindo, matando as centenas os assassinos!...

Uma imensa nuvem de pó elevou-se e com ela, lamentações terríveis, blasfêmias furiosas, todas as im-

(1) Sois protestante?

precações desesperadas que a língua humana pode proferir nos grandes cataclismas!...

Depois um longo silêncio pesou sobre essa cena estúpida.

— Que se teria passado?

Pardaillan tinha serrado as vigas que sustentavam o telhado!

Ele as tinha amarrado com a mesma corda!

Pardaillan, sacudindo furiosamente a corda, fizera cair as vigas!

E então, num pulo, num salto, lançou-se no espaço, caiu ao pé da escada, precipitou-se para Joana d'Albret, enquanto que sobre o soalho, que ele acabara de pisar, desabava o telhado da velha casa!

A rainha, com um gesto mostrou-lhe o rio, a escada e o batel!

Num minuto, aí se instalaram todos três.

O cavaleiro cortou a corda que prendia a frágil embarcação, e esta, impelida pela correnteza, pôs-se a deslizar na direção do Louvre.

Pardaillan governou o batel por meio de uma zingá que achou no fundo do mesmo.

Cinco minutos mais tarde, aportou em baixo do Louvre, no mesmo lugar em que se achava o recinto da telharia, e onde Catarina de Medicis fazia então construir um palácio por seu arquiteto Phillibert Delorme.

Assim que desembarcaram, Pardaillan deteve-se sobre a margem, de chapéu na mão, na atitude sorridente dum fidalgo, que, tendo acompanhado duas senhoras ao passeio, se dispõe a fazer suas despedidas.

— Senhor — disse então Joana d'Albret, com essa calma energia que não a abandonara um só instante durante a terrível cena que acabamos de descrever — eu sou a rainha de Navarra... E vós?

— Chamo-me o cavaleiro de Pardaillan, senhora.

— Acabais, senhor, de prestar à casa de Bourbon um serviço que ela nunca esquecerá...

O cavaleiro fez um gesto.

— Não o contesteis — continuou a rainha... Pelo menos em minha presença! — acrescentou ela, com amargura.

Pardaillan compreendeu a alusão; ter defendido a huguenote era talvez merecer a morte!

— Nem diante de vós nem de outra pessoa, senhora — disse ele com essa simplicidade que era tão notável nele. — Tenho consciência de ter-vos, com efeito, prestado um grande serviço, Majestade, pois que vos salvei a vida; mas devo declarar que ignorava a que grande rainha tinha a honra de defender, quando tentei arrancar à morte as duas mulheres que passavam numa liteira.

Joana d'Albret desde muitos anos fazia a guerra; Joana d'Albret, diplomata consumada e verdadeiro general; Joana d'Albret, que comandava heróis e que devia saber o que era heroísmo, ficou surpreendida por sua dignidade fria, corrigida por um não sei quê de ironia de motejador, que emanava de toda a pessoa do cavaleiro.

Tanto é assim, que enquanto ele dava essa resposta, seu rosto ficava imóvel, seus olhos frios, porém sua

mão deixava os copos da espada para esboçar um desses intraduzíveis gestos de garoto que caçoa de si próprio.

— Senhor — continuou a rainha, depois de examiná-lo com uma admiração que não procurava dissimular — se quiserdes acompanhar-me ao campo de meu filho Henrique, vossa fortuna está feita.

Pardaillan estremeceu e apurou o ouvido á palavra: fortuna.

No mesmo instante, a imagem da moça de cabelos de ouro, da adorável vizinha que ele espreitava durante horas de sua janela, essa meiga e radiosa imagem passou-lhe diante dos olhos. Experimentou, á idéia de deixar Paris, um inexprimível aperto no coração, que o surpreendeu, que o perturbou e o encantou ao mesmo tempo.

Ele fez, pos, uma careta de pesar para essa fortuna desaparecida apenas entrevista e respondeu, inclinándose com uma graça altiva:

— Que vos dignéis, Majestade, aceitar a homenagem do meu reconhecimento; mas foi em Paris que resolvi procurar fortuna.

— Está bem, senhor. Mas, no caso em que alguns dos meus quisesse falar-vos, onde vos encontraria?

— Na hospedaria da Dévinière, senhora, á rua Saint-Denis.

— Joana d'Albret fez um sinal de cabeça e voltou-se para a sua companheira.

Esta era verdadeiramente uma maravilhosa criatura, olhos grandes e vivos, uma boca vermelha e sensual, magníficos cabelos castanhos, um corpo e um andar duma rara elegância.

Ela parecia extremamente inquieta, e de quando em quando erguia para Joana d'Albret um rápido olhar.

— Alice — disse a rainha — fostes bem imprudente em fazer passar a liteira sobre a ponte.

— Pensava que a passagem estivesse desimpedida. Majestade — respondeu, com bastante firmeza, a moça.

— Alice — continuou a rainha — fostes bem imprudente em erguer as cortinas.

— Um movimento de curiosidade... — disse Alice, com menos segurança.

— Alice — continuou Joana d'Albret — fostes bem imprudente, enfim, em pronunciar em alta voz o meu nome diante dessa multidão hostil.

— Tinha perdido a cabeça, senhora! — respondeu a moça, dessa vez, num verdadeiro balbuciar.

A rainha de Navarra lançou-lhe um profundo olhar e tornou-se pensativa por um instante.

— Não é para fazer-vos censuras, minha filha — disse ela, lentamente. — Mas, enfim, quem me tivesse querido entregar não agiria de outra maneira.

— Oh! Majestade!...

— Para outra vez, sejais mais prudente — concluiu a rainha, com tanta serenidade, que Alice de Lux (Ruggieri nos tinha dito o seu nome) ficou imediatamente tranquila e se desfez em dedicados protestos.

— Senhor cavaleiro — disse Joana d'Albret — vou abusar de vós.

— Estou ás vossas ordens, senhora.

(Continua no próximo número)

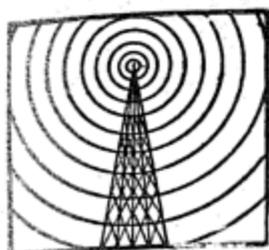
Ouçam no RADIO CLUBE DO BRASIL, todas as Quartas-feiras, ás 22 horas, a irradiação da sensacional novela de Michel Zévaco

**OS PARDAILLAN**

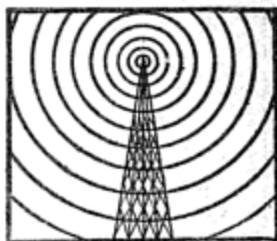
PATROCINADA PELA TRADICIONAL

**DROGARIA SUL-AMERICANA**

LARGO DE SÃO FRANCISCO, 42.



# PR. 1



DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR

## Minha opinião

REFLEXÕES DE UM SOLITÁRIO — O PODER DO RÁDIO E OS MORUBIXABAS DO "BROADCASTING" BORORÓ — NA FASE HILARIANTE DOS PRÊMIOS — ONDE O CHICOTE VINGADOR DE JESUS?

**DURANTE** oito dias de férias forçadas, viajei pelo mundo sem sair do meu quarto. Eu e um receptor de ondas curtas e longas...

\*\*\*

**ENTRE** os benefícios desta guerra está a evidência do poder incomparável do Rádio. Poder que nem todos compreendem, para desgraça nossa. E convenhamos, amigos, em que esse poder não tem sido aproveitado pelos morubixabas do "broadcasting" bororó.

\*\*\*

**ESTAMOS** ainda numa fase de prêmios mais ou menos infantis, que fazem a fortuna dos pobres de espírito. Rapazes de vozes histéricas centralizam as preferências dos desvalidos da sorte, transformando o Rádio em gafeira sonora, para tristera dos que acreditam na inteligência brasileira. Rádio de finalidade eminentemente lotérica e circense. Rádio de atrações teratológicas. Rádio conspurcado pelos vendilhões do templo. Onde o chicote vingador de Jesus?

\*\*\*

O Departamento de Imprensa e Propaganda, pela sua Divisão de Rádio, controlará, estou certo, esse fandango de prêmios maldados, em benefício da elevação do nível artístico do "broadcasting" e da educação do povo brasileiro. Serão mantidos, apenas — se Deus quiser — os prêmios dos programas realmente culturais, porque esses, sim, podem aproveitar aos estudantes pobres, que precisam de livros. Os outros prêmios serão transformados em outros tantos livros, fontes puras de instrução moral e cívica. E a Radiodifusão nacional, integrada na sua verdadeira finalidade, será expurgada de tanta cafagestagem deprimente, que não exprime, em absoluto, o caráter dos brasileiros legítimos. Como quer Roquette Pinto: "pela cultura dos que vivem em nossa terra, pela grandez do Brasil". Como querem todos os brasileiros que se prezam...

\*\*\*

**SEI** muito bem que os apóstolos do baixo-rádio, lendo estas "coisas ingênuas", sorrirão com desdém e um pouquinho de "piedade"... Sei muito

bem que esses catedráticos da molecagem indígena, do alto da sua majestade de ídolos suburbanos, darão vastas gargalhadas de prazer, comentando estas "pieguices" deploráveis... Mas sei, também, que eles são, no íntimo, uns pobres torturados, equilibrando-se na corda-bamba da popularidade traiçoeira... Sei que todos eles sentem o azorrague da consciência inexorável, a adverti-los da inutilidade da sua obra radiofônica... E sei ainda que, um dia, num retrospecto inevitável, eles se arrependerão de todo o mal que fizeram ao Rádio do Brasil.

A. Z.



Trio de Ouro, uma das melhores atrações do gênero popular da Rádio Nacional.

# MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA ESCREVEU: OS "CALOUROS" DA CRITICA DE ARTE

QUANDO alguém fala em "mundo novo", perto de mim, penso logo no rádio. O século XX tem nas ondas de Hertz uma força que é o maior estímulo à ação da humanidade, agora exposta ao universo inteiro.

Quando, através das ondas longas e curtas, o sr. Heber de Boscoli apresenta as suas cobaias da "Hora do Pato", está sendo ouvido em Cascadura pelas amiguinhas da sambista que pretende um trono e, em Nova York, pelos estudiosos que se interessam pelos fenômenos intelectuais do Brasil. Quando Churchill fala em Londres, a população da China escuta, cheia de fé, as frases que indicam os rumos da Vitória. E, ao estrear, em Filadélfia, uma das suas notáveis transcrições para orquestra, o maestro Stokowsky é ouvido em Montes Claros pelo mercador de gado, ex-aluno de violino num orfanato da Bolívia.

Fruto desse poder que abrange motivos tão diversos, surgiram os críticos de rádio, personagens que só agora passaram a figurar na história da arte. Críticos literários, críticos teatrais, críticos musicais, críticos de pintura, críticos de cinema — são entidades velhas como a própria arte.

Há muita gente que escreve sobre as emissoras, movendo a engrenagem da propaganda indispensável aos que militam na radiofonia. Mas os críticos de verdade, com cultura suficiente para opinar sobre todos os assuntos apresentados no rádio, esses são poucos. No Brasil, Edmundo Lys é um deles. Sua seção do vespertino "O Globo" é lida e respeitada. Preocupa-se ele com a importância do rádio na vida moderna. Leva tudo muito a sério. Não tem partidos. Pretende apenas colaborar no saneamento dos microfones cariocas.

Ainda é cedo para qualquer dos nossos críticos revelar os espinhos dessa carreira nova, difícil e exaustiva, cujos trilhos virgens são agora palmilhados pela primeira vez. Senão, quantos episódios a contar! Psicologias romanescas, grandezas e baixezas da alma, ambição e ignorância, vaidade e fome, sacrifícios e traições, histórias longas e loucas, que deverão um dia ter os Dostoiévsky e os Zola...

A imprensa da atualidade está compreendendo a necessidade de intervir no "mundo novo" que é a radiodifusão. Já não vemos, com tanta frequência, o precioso espaço dos jornais desperdiçado com os

"virtuosos" do carnaval. Retratos de Magdalena Tagliaferro e citações de músicas de Beethoven substituíram as poses cinematográficas dos locutores pernóstico e os títulos cafagestes dos sambas de morro. D'Or e Edmundo Lys são citados pelas elites que vão aos concertos e ouvem rádio. Artistas de classe, que estreiam nas emissoras, procuram, no dia seguinte, os comentários dos críticos de rádio. Por isso se vê que a profissão é imprescindível e já não pode ser praticada pelos maestros do Café Nice.

Edmundo Lys também exerce objetivamente a apologia dos programas culturais. "Figuras de ontem e de sempre" é o belo título a que subordina suas crônicas semanais da PRA-2 do Ministério da Educação. Ouvimos a última, denominada: "Máscara de um músico". Edmundo Lys focalizou a vida e a obra de Barroso Neto, um dos maiores valores da pedagogia musical brasileira e egrégio compositor. Impossível mencionar todos os trechos da auidada crônica, escrita com erudição e poesia raras. Entretanto, aí vai um detalhe que dá uma expressiva idéia do autor e da alma translúcida do insigne mestre patricio:

*O professor* — Quando teremos a próxima lição?

*A aluna* — Não sei, professor Barroso Neto... Parece que devo desistir, pois não tenho vocação, nem entusiasmo...

*O professor* — Compreendo... compreendo... A verdade é que está amando... pela primeira vez, não é? Diga-me tudo, sou seu amigo...

*A aluna* — Sim, professor... Não tenho pensamento para mais nada!

*O professor* — Cara discípula, o amor não é antagonico á arte... Ao contrário, ambos se completam. Lembre-se de que tem talento e de que falta á verdade quando diz não ter vocação... Como tocou bem a valsa que compôs ontem, como sentiu tudo que eu quis dizer nas melodias que interpretou com tão grande emoção... Boa amiga, essa valsa precisa de você, só os meus discípulos inteligentes poderão levá-la ao coração do público e trazer-me os aplausos que justificarão o meu esforço, a minha inspiração...

\*\*\*

Só um artista podia reproduzir essa cena repleta de sentimento. Edmundo Lys é um crítico-artista.

Mag.



*Ismênia dos Santos tem estado simplesmente admirável nas suas criações rádio-teatrais. Quer no "Teatro em Casa", quer nas rádi-novelas da Nacional, Ismênia reafirma seu valor insuperável.*

*Dr. Renato de Alencar, autor desse atualíssimo livro que é "Candrio e seus contemporâneos", é um dos novos e esplêndidos novelistas com que conta o nosso "broadcasting". Depois do sucesso da sua radiofonização de "Adeus ás Armas", ele volta a apresentar outros trabalhos ao microfone da Nova PRE-3.*



# O Rádio-Teatro e sua Gente

Por SÉRGIO PEIXOTO

AGORA, está em moda falar mal do rádio-novellismo. A nova mania dos egéncias brasileiros está sendo vista por alguns como uma espécie de calamidade. E clamam por socóro, como se o país inteiro estivesse assolado por uma praga... No entanto, o rádio-teatro seriado no Brasil é ainda criança de peito em confronto com o que se faz na Argentina e na América do Norte, isso apenas para citar dois países onde a organização do "broadcasting" é igual á nossa. Na Argentina, ouvem-se novelas há mais de 5 anos, e, atualmente, poucas são as emissoras que não possuem na sua programação, pelo menos, meia dúzia delas. As novelas, ali, assumem uma importância tão grande na vida do público ouvinte que, quando há falta de material novo no mercado, importa-se o "produto" do estrangeiro, como aqui, agora, vamos importar manteiga... O portenho, afinal, pôde passar sem manteiga, sem chimarrão, sem churrasco, mas sem a sua "novelita" isso é que não... Para que os nossos leitores façam uma idéia de como se desenvolve a mania das novelas por lá, basta dizer que muitos dos trabalhos do Sr. Oduvaldo Viana, irradiados na Nacional, na Mayrink, ou em S. Paulo, para cá vieram depois de muito sucesso e divulgação em Buenos Aires. Contou-nos o rádio-ator Armando

Louzada que, há uns três anos, quando esteve em Buenos Aires, numa excursão automobilística com Dulcina e Odilon, teve ensejo de ouvir, em belo castelhano, alguns episódios de "O primeiro amor", a novela que, há pouco mais de um mês, foi irradiada na Mayrink, com sucesso. Vejam só...

Na imprensa portenha, as secções radiofônicas, de há anos para

ma conta dos corredores, e eles vão saindo, resmungando pragas, em voz baixa, ou mesmo abertamente, num trabalho de quintacolonismo contra o rádio-teatro, contra as novelas, contra o prof. Olavo de Barros e o Vitor Costa... Mas não há-de ser nada. Afinal, como já disse, certa vez, um conhecido rádio-ator da nova geração: — "O advento da rádio-novela no Brasil há-de ter qualquer utilidade; pelo menos, servirá para fazer a Pedreira de São Diogo, com a volta em revoada dos filhos pródigos, viver uma nova fase de grande atividade e produção"...

Que Deus o ouça!

\*\*\*

O nosso colega Pedro Bloch deve andar desolado... Depois de esfriar algumas dezenas de fitas na sua máquina de escrever, para mostrar aos homens do rádio-teatro como aproveitar bem os belíssimos e variadíssimos recursos da técnica específica, ainda tem de ouvir trechos descritivos de cenas e situações, como agora em "Abismo" e algumas outras. E não tardará muito o dia em que, se a moda pegar, ouviremos o Sr. Aurélio de Andrade, que se especializou no gênero de introdutor de novelas, descrever enfaticamente: "... a bala partiu do cano do revólver do bandido e aproxima-se do peito da vítima!"

\*\*\*

A Educadora vai irradiar "Rosa de sangue", que fez um sucesso extraordinário na Tupi paulista. Estará fadada a êxito idêntico, aqui, mas não com aquele elenco... o da Educadora!

\*\*\*

A novela "Ciganinha", que está sendo irradiada na Rádio Jornal do Brasil, com Talita de Miranda, Leandro Montenegro, Roberto Durval e Ida Gomes nos principais papéis, foi a vencedora de um certame em que concorreram 17 novelas completas. Trata-se de uma radiofonização do romance "Caravana Verde", de Oliver Sandys, feita por Dalva Costa, estreada nas letras radiatrais. Dalva Costa, apesar de nova, pôde dar lições de técnica radiofônica a muita gente boa, que vive disso há muito tempo...



Sergio Murilo, joven rádio-ator da Rádio Jornal do Brasil, especializado em papéis característicos



Amelia Simone é um bom elemento da nova pléiade de artistas do rádio-teatro da Tupi.

cá, ocupou-se quase exclusivamente do rádio-teatro e sua gente. A sociedade argentina arrecadadora de direitos autorais, há pouco tempo, divulgou dados, que parecem incríveis, sobre a soma dos direitos cobrados para os rádio-autores... Uma soma que deixaria o próprio Ari Barroso de boca aberta, sendo ele, como é, no Brasil, o compositor que maior verba recebe, a título de direitos autorais, provenientes do rádio.

Aquí, porém, a coisa, que não é nem a sombra do que se faz lá pelo Sul, já está alarmando. O fáto é que, com o advento da novela, o ambiente radiofônico, pelo menos no Rio, está melhorando, e melhorando muito. Os compositores marca "barbante" estão-se tornando arredios. O sambista sente a atmosfera desfavorável... A gente do rádio-teatro, que sabe ler, e alguns até muito bem, to-

bém lhes parecia ouvir a passagem das balas.

— Que é isto?

O grito é do armênio. Mas, atemorizados, pensando talvez que ia começar uma chacina por parte dos bandidos, os sírios, esquecendo que eram franceses, largaram-se a gritar por ALÁ, em muito bom árabe.

\*\*\*

**ERAMOS** nós que chegávamos. Eu, Morris e Gwynne, em companhia de dois policiais árabes, no nosso carrinho. Tínhamos saído em patrulha, esperando mesmo que havíamos de encontrar o que ali estava.

A dizer a verdade, quasi que esbarrámos com o último carro vazio daquela longa fila que ali estava, do lado de quem vinha de Jerusalém. O primeiro tiro que ouvimos, tinha sido dado por uma das sentinelas árabes que surgira por detrás de um dos carros, e dirigira-se para nós, no evidente desejo de nos fazer parar também, para o costumeiro assalto.

Na escuridão reinante, não o tínhamos visto. Tivemos primeiro notícia de sua presença pela luz fraca que deixou a chama na boca de seu rifle e — bang! — a bala bateu em cheio e com certeza se cravou na madeira de nosso carro, quasi apanhando o nosso motorista. E, quasi ao mesmo tempo, os vigias, colocados no alto dos barrancos, despejaram sobre nós as suas carabinas.

O nosso motorista logo desligara os faróis do carro e todos nós, imediatamente, nos atiramos para fora do carro e nos achatámos, de bruços, contra o pó da estrada, sem mesmo termos tido tempo para qualquer reflexão, tendo agido por puro instinto de conservação.

Instintivamente, também, eu agarrra a minha pistola Very, de foguetes luminosos, e dera o primeiro tiro, e Morris, que saltara e levava a metralhadra portátil, abriu fogo.

Acontecera, porém, que eu baixara muito o cano da pistola, de modo que a luz do pequeno paraquedas Very estava muito baixa, e também sucedera que Morris, sem ter um ponto de apoio, também atirara muito baixo. Daí, em vez de termos a luz sobre os barrancos, foram as vítimas dos bandidos que caíram sob o fogo direto do fecho luminoso; e por isso foi também que as balas da nossa Lewis passaram raspando sobre o local onde se achava aquela pobre gente.

Enquanto isso, o solo poeirento da estrada, em redor de nós, estava sendo crivado de balas dos bandidos que se achavam sobre os

## NAS ESTRADAS DA PALESTINA

(Conclusão)

barrancos, e, se quiserem que eu seja franco, não lhes poderei explicar como escapámos desta, visto como os bandidos estavam, quando muito, a uma distância de uns quinze metros. Aliás, talvez tenha sido mesmo essa a razão, por se acharem muito próximos, por que tenham eles errado a pontaria; se estivessem mais longe não receariam a nossa metralhadra, e seu tiro seria mais calmo e firme.

A verdade é, porém, que escapámos. E não só escapámos, mas também escapulram os árabes, que, após os primeiros tiros, acharam mais prudente não aventurar-se a homens armados como estávamos; além do mais, tinham metralhadoras para enfrentá-los.

\*\*\*

**FUGIRAM** os bandidos árabes, e foi então que nos demos ao trabalho de lutar as suas vítimas, ouvindo em côro suas narrativas excitadas.

Depois que soubemos a última das histórias, foi que prestamos atenção à insistência do negociante armênio.

— Venha, senhor — pedia-me ele. — Venha, com sua lanterna... — Que é que você quer mais, homem de Deus?

Tnte sua insistência, eu e Morris o acompanhamos, com nossas lanternas, voltando para a estrada, para junto de seu automóvel. Julgamos que queria procurar alguma coisa ali.

— Não... Ah não, senhores. Por aqui...

Levou-nos para o lado da estrada, pedindo mesmo a minha lanterna.

— Com licença, senhor... Só por um momento.

Pouco tempo depois ouvimos um grito de satisfação, que se deixava escapar de seus lábios. E vimos o nosso homem inclinar-se para o chão e apanhar qualquer coisa... Era uma carteira de couro.

— O senhor compreende... Quando eu vi, á luz dos faróis do taxi, aquele caminhão parado ali na minha frente, e a barreira de pedras, percebi logo do que se tratava, e atirei fora a minha carteira.

— Esperto, hein? Aposto como tem muito dinheiro aí dentro.

O homenzinho apertou-me o braço. Olhou-me derredor, mas es-

tava tudo escuro. Lá, um pouco adiante, o grupo de meus companheiros e dos demais salteadores.

— Duzentas mil libras turcas, meu senhor... — disse-me ele ao ouvido.

Duzentas mil libras turcas! Se os bandidos tivessem sabido disso! Confesso, naquele momento, estar arrependido de ter nascido polícia... Não que eu quisesse assaltar o homem, está claro, mas bem podia não ser polícia, e ter passado por ali depois do assalto... E, em vez disso, tudo quanto obtivemos foi um aperto, muito efusivo, daquela mão gorda do negociante armênio, e uma informação, que nos veio dele, enquanto eu estava metido de novo a carteira em um bolso interior de seu colete.

— Os senhores muito gentis... Muito valente...

\*\*\*

**DIZER** que foi somente isso que ganhámos, é faltar com a verdade, do que me penitencio, desde já.

Aliás, contávamos, todos três, eu, Morris e Gwynne, com um galardão qualquer, nem que fosse uma leitura de elogio perante nossa companhia formada. Em nossa inocência, contávamos com um aperto de mão de nossos camaradas, após aquela leitura. Eu cheguei mesmo a ver muito mais. Seremos chamados os três, individualmente, e, já se sabe...

— "Constable Gwynne, Constable Morris, Constable Coustoney... é... uhm!... com grande prazer que eu... uhm!... em nome do General comandante... uhm!... e do nosso Governo...

Vocês sabem como se passaram essas cousas.

Pois fiquem sabendo que a única notícia que houve do acontecimento, foi a publicação no Boletim, no capítulo intitulado: "Prêmios e Castigos", desta nota:

"N.º 527 — Constable inglês Morris, por ter perdido, por negligência três botões de sua túnica — multa de 45 mils."

Aqueles três botões tinham sido arrancados da túnica de Morris quando se arrastava ele pelo terreno, procurando com sua metralhadra enfrentar os árabes que faziam fogo a menos de vinte metros de distância. E o próprio Constable Morris não podia garantir se algum daqueles botões não tinha sido mesmo arrancado por uma bala árabe... Quanto ao resto, nem uma menção no Boletim.

Mas a vida nas estradas da Palestina era e continua a ser assim, e os constables já sabem disso. Não pensem que Morris, ou Gwynne ou eu deixamos, por isso, de continuar na mesma vida...

NÚMEROS ATRASADOS DE "FON - FON" EM S. PAULO

As pessoas interessadas encontrarão os mesmos á venda, no Viaduto

Santa Efigenia, 281. Capital.

# Notas de ARTE

## A OPERA DO DIA

### SIMÃO BOCANEGRA

De GIUSEPPE VERDI

Idealização da figura histórica de Simão Bocanegra, primeiro doge de Genova, eleito em 1339, como substituto dos tribunos do povo, chamados *abades*, e morto envenenado em 1362, após uma administração tempestuosa, em que, chefe plebeu, lutou contra os chefes pátrios do partido guelfo, os Doria, os Spinola, os Grimaldi e os Fiesco, conquistou a ilha de Chio e derrotou os Tártaros — o libretto de Piave sobre o qual Verdi escreveu sua música foi extraído de um drama de Garcia Gutierrez. Diz um biógrafo de Verdi que desse drama o libretista não aproveitou o melhor, mas, ao contrário, apenas "arranjou uma verdadeira moznifada que alguém afirmou ter sido obrigado a ler seis vezes para julgar compreender qualquer cousa".

Do máo libretto, surgiu uma partitura abaixo do que se esperava do então jovem mas já glorioso compositor. Cantada no teatro Fenice, de Veneza, a 12 de março de 1857, se não fracassou de todo teve um êxito precário através de cantores mais ou menos famosos: Bendazzi, Negrini, Giraladini, Vercellini e Echeverria. O que levou o compositor a rever a sua obra muitos anos depois. Em 1883 *Simão Bocanegra*, com o libretto modificado por Boito e com a música em parte recomposta pelo próprio Verdi, reapareceu no *Scala* de Milão. E o sucesso foi completo. Cantaram-na artistas de nomeada como o barítono Maurel Vittorio, o soprano Anna d'Angeri, e o célebre tenor Francesco Tamagno. Desde então continua, com mais ou menos frequência, no cartaz dos principais teatros, e alvo dos aplausos do público e dos elogos da crítica, como das melhores entre as operas da fase intermedária da obra total do grande músico, ao lado da *Força do Destino* e do *Baile de Máscaras*. Precisamente a opera *Simão Bocanegra* só por sua 1ª edição pertence a fase intermedária da obra verdiana, que culminou no *Rigoletto*, no *Trovador* e na *Traviata*, mas pela 2ª é classificável na fase final dessa obra, assinalada pelos incomparáveis dramas líricos que se chamam — *Aida*, *Otelo* e *Falstaff*. — O. d'A.

A TEMPORADA LÍRICA. — SIMÃO BOCANEGRA. — 5ª récita de gala, foi á cena do Municipal, na noite de jovedia, 5ª. d., 19 de agosto, a ópera de Verdi SIMON BOCANERA (SIMÃO BOCANEGRA), cantada pela Lírica Internacional que ora trabalha naquele teatro, sen-

do regente da orquestra o sr. Eduardo Guarnieri, mestre dos côros o maestro Santiago Guerra, regedor (régisseur) Carlos Marchese e intérpretes das personagens — Leonard Warren (Simão Bocanegra), Florence Kirk (Amélia Grimaldi), Frederik Yagel (Gabriel Adorno), Giacomo Vaghi (Jacopo Fiesco), Silvio Vieira (Paolo Albiani), José Perrota (Pedro), Angelo Chinelli (Um capitão), Glida Rosa (Uma camarista de Amélia).

Em resumo, é esta a letra que serviu de argumento á música.

Simão Bocanegra quando cercário de Genova, seduziu Maria, filha de Fiesco, nobre genovez, da qual teve uma filha que conservou o nome materno. O pai ultrajado encerrou-a em cárcere privado e tudo fez em vão para vingar-se do ultrage. Paulo e Pedro, dois plebeus amigos de Simão fazem-no doge, que só assim, diz Paulo, poderá o cercário adquirir a posse da mãe de Maria, da amante que jamais esquece. 25 anos depois, morta Maria, a filha de Fiesco, que sob o nome de Andréa continua a sua faina, de vingança, Maria, a filha do cercário, aparece como Amélia Grimaldi, noiva de Gabriel Adorno. Paulo desejando Amélia, que ele ignora, como Fiesco e Bocanegra também, ser Maria, se faz inimigo de Simão, tenta raptar Amélia e envenena Simão. Já então o doge, ao visitar a casa dos Grimaldi teve de Amélia a revelação de que é esta a sua própria filha. A identidade dos dois retratos de Maria, a velha, que possuem Simão e Maria, a jovem, atiram nos braços um do outro, pai e filha. E após várias peripécias, Fiesco, graças a Simão, reconhece em Amélia a sua neta, Gabriel Adorno a pureza da sua noiva que intrigas de Paulo apontavam como amante do doge; Paulo sobe ao patíbulo e Simão, sentindo aproximar-se a hora extrema sob a ação do veneno de efeito lento mas mortal, ministrado por Paulo, abençoa a união de Maria e Gabriel, e pede ao povo seja o genro o herdeiro da corôa ducal, Gabriel Adorno substitua Simão Bocanegra.

A música da ópera sem agradar tanto como a de outras criadas pelo genio de Verdi, se parece ressentir-se das emendas ou modificações que sofreu após mais de 20 anos da sua primitiva composição (1850-1883) — o que dá ás vezes a impressão de ser um poema híbrido onde se conjugam, mais ou menos forçadas, a música afetiva de Verdi e a música especulativa de Wagner — não deixa contudo de deliciar o coração e o espírito através de trechos vários.

É possível que lendo a partitura, os técnicos lhe assinalem predicados especiais que não descobrimos pela simples audição.

Entretanto, dada a interpretação de escóli que nos proporcionaram os grandes artistas estrangeiros Leonard Warren e Giacomo Vaghi, e o notável brasileiro Silvio Vieira, secundados pelo exímio e enciclopédico tenor Frederik Yagel e o festejado soprano Florence Kirk, SIMÃO BOCANEGRA pareceu-nos maior do que realmente é. Só faltou para melhor desempenho, a batuta do maestro Ferruccio Calusio que nos deu, o ano passado, a rara impressão de fazer uma só orquestra dos cantores e instrumentistas e reger com sobriedade mas com segurança toda a partitura. Na edição de agora, as páginas puramente orquestrais foram conduzidas quase á *la diable*, fazendo sentir bastante a falta daquela batuta. Felizmente os cantores supriram as deficiências da orquestra.

Destacando a perfeição de todo o trabalho vocal e cenico dos dois expoentes da cena lírica de hoje — o barítono Leonard Warren e o baixo Giacomo Vaghi, citemos mais especialmente a cena e duetto do 3º ato entre Fiesco e Simão — *Delle faci festanti al bárumi*; o solo de Fiesco — *A te l'estremo addio*, e a maldição do doge — *V'è in queste mura*...

Silvio Vieira, notável como ator e como cantor. Viveu a figura de Paulo com acentuada beleza comunicativa. A citar-se o recitativo — *Me stesso ho maladetto* e a cena e recitativo — *All'estremo supplizio*.

Frederik Yagel, como sempre apreciável e apreciado intérprete, e, até certo ponto, raro intérprete, dado o talento multiforme que lhe dá a facultade de cantar e cantar bem todos os papéis. Sem nunca ser ótimo — e quantos são? — também nunca é máo. Mostrou-o mais uma vez encarnando a figura de Gabriel Adorno. Atingiu mesmo belas alturas no solo do 2º ato — *O' inferno! Amélia qui! L'ama il vegliardo!*...

Florence Kirk, ora sofrível ora boa cantora, foi em conjunto apreciável e apreciada intérprete de Amélia. A sua voz teve momentos de real beleza, ao emitir notas médias, algo macias e aveludadas. A citar-se a cena e duetto do 2º ato entre Amélia e Gabriel — *Tu qui?*...

Conduziram-se os outros artistas de modo a contribuir para a harmonia do espetáculo. Os côres perfeitos. Belos e adequados os cenários. Só a orquestra nos pareceu deficiente, menos por falta dos instrumentistas do que por insuficiência do regente.

O público, a princípio reservado, acabou aplaudindo justa e insistentemente os principais intérpretes, sobretudo Leonard Warren, Giacomo Vaghi e Silvio Vieira.

OSCAR D'ALVA

# Saibam todos

DIREÇÃO DE BASTOS PORTELA (YVES)

O prof. Augusto Linhares é uma grande figura da medicina nacional e, ao mesmo tempo, um esteta, um apaixonado cultor das belas letras e das artes em geral. Assim, sem sacrificar a sua clínica respeitável ele dedica as suas horas de lazer ao exercício da boa literatura.

Assinalemos que, por mais de uma vez, os nossos jornais e revistas tem reproduzido, em destaque, lindos versos de sentimento lírico e de notável bom humor — saídos da pena do dr. Augusto Linhares.

Como escritor, o seu estilo é atraente e ricas. Não raras vezes, notemos ainda, Augusto Linhares tem demonstrado as qualidades que possui, como homem de letras, — através de conferências luminosas — como "Voltando ao Columbário", e outras de fundo científico.

Antônio Furtado, grande escritor cearense, já lhe traçou a biografia, illustre, num estudo substancial, ressaltando as virtudes do médico e o brilho do literato inconfundível.

Agora, por iniciativa de um grupo de amigos e admiradores do dr. Augusto Linhares aparece uma "plaquette", de Péricles Moraes, o qual tem o expressivo título de — Retrato de Augusto Linhares.

Fazemos nossas, pela justeza dos conceitos, as palavras do snr. Péricles Moraes, quando escreve, no seu trabalho precioso: "Mas, se é grande a sedução do médico, na majestade transfiguradora do seu sacerdócio, enobrecido pela disciplina do estudo e pela ardente curiosidade da intelligencia, não é menor o encanto do escritor que, apesar da sua modéstia, e do seu retraimento, alcançou, de repente, a admiração dos contemporâneos", etc, etc.

A "plaquette" de Péricles Moraes vem apresentada em um trabalho gráfico excelente. Traz um desenho magnifico do biografado, por Epstein. Mas cremos que bastam as palavras acima, do autor da "plaquette", para se ter um retrato fiel do prof. Augusto Linhares, "double" de escritor e poeta.

BASTOS PORTELA (YVES)

EDMUNDO SÁ (Capital) — A maior infelicidade do sr. no caso de sua colaboração, está no de-

sastre de haver dirigido a sua carta ao redator de outra revista, como se esse redator fosse Yves. Não, meu caro, esta revista intitula-se FON-FON! Fon-Fon! A outra não possui nenhum Yves, ao que parece, e não está localizada na rua da Assembléa...

Feito esse reparo indispensável — passemos à sua obra prima.

O seu soneto "Carmen" parece um caramelo... de tão doce... que é... Mas, é um caramelo de segunda classe, manipulado com açúcar mascavo e próprio para uma estação de longínquo subúrbio...

Mas... vamos ao soneto...

"Que misterio te fez assim tão bela  
Qual puro lírio, encanto das campinas!  
A luz do teu olhar, casta donzela,  
E a luz do sol nas horas matutinas!

Bens sabes que te adora a alma singela,  
Tão cheia de virtudes perigrinas!  
E o teu olhar, querida me revela,  
Coisas miteriosas e divinas!...

E tu, Carmita, que me vês assim...  
Escravidado á tua formosura,  
Sorris do imperio que possues em mim.

Guardo, porém, a dulcida ilusão,  
De um dia sufocar esta amargura,  
E possuir teu casto coração!..."

Eu disse que o seu soneto parece um caramelo. Seria melhor dizer — é uma batata doce... de má gramática...

M. C. DO VALE (Capital) — Recebi o seu conto "O Herdeiro". Não tive tempo de lê-lo, mas vou encaminhá-lo á redação, no sentido de que seja aproveitado. Devo frisar que, pela rápida leitura feita, por mim, de períodos esparsos, verifiquei que a senhora escreve com o desembaraço de quem não é uma estreatante. E isso já é alguma coisa.

## "SAIBAM TODOS..."

é a secção informativa dos leitores de Fon-Fon. Ela se propõe a auxiliar os que necessitem de uma informação preciosa. É um guia do leitor, espécie de "cademecum", destinado a consultas rápidas e úteis.

Endereço — Rua da Assembléa n.º 62 — Caixa Postal 97 — Telefone: 22-4136 Rio. — Toda e qualquer correspondência referente a esta secção deverá ser dirigida a Yves nesta redação, acompanhada do coupon ao lado.

## COUPON

Data da consulta.....

Nome do consulente.....

28-8-1943

# Um Anjo do ÓDIO

NOVELA DE H. BEDFORD JONES

(CONCLUSÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

— Três horas dentro deste taxi! — disse ela, a sorrir. — Mas havemos de fazer o possível para que essas horas passem depressa, para que não as sintamos demasiado.

Com o cérebro ainda confuso pelo choque, ele se deixou pensar que seria preferível terem feito a viagem por ar; mas desde logo deu acôrdo de que seus pensamentos se tornavam incoerentes. Deixou-se ficar olhando-a como um menino enamorado, ou espantado ante uma mulher bonita, até que ela se pôs a rir, embora enrubescesse um pouco. Era realmente fantástica, irreal, não dando absolutamente a impressão de um agente secreto, de uma espia de sangue frio e que, por isso mesmo, não aninhasse mercê nem plodade em seu coração, que, nessa espécie de gente, parece feito de aço ou de pedra.

Um anjo — fôra o que Lingard dissera. Devia ter um pouco mais de vinte anos, pensava Carver; cabeça emoldurada em um louro cinza, uma massa de cabelos farta, e uma pele esquisita... Fisionomia um tanto demasladamente bela, olhos muito abertos para os lados, que pareciam feitos a lápis. Tudo nela tinha um cunho de exótico, mas de um exotismo inteiramente feminino, que atraía a vista mas logo cansava, pelo irreal que dominava no todo.

— Não enjoa? — perguntou ela. — Muito bem. Nunca enjoô.

Sentaram-se, e começaram a fumar. O navio era pequeno, e por isso mesmo sujeito a tôdas as vibrações de seu motor, e facilmente carregado pelas vagas, pelo que saltava como um potro chucro, para diante e para trás, ao mesmo tempo que se balançava para os lados.

Carver começou a não sentir-se muito bem. O mesmo não sucedia com ela, que, calmamente, retirou de uma pasta um mapa que abriu na mesa da pequena sala dos oficiais. Falava com tôda a calma, á proporção que ia desenvolvendo seu plano.

— Podemos conversar agora, meu inglês. O plano foi estudado e traçado com todo o cuidado.

Terá de ser executado amanhã á noite, e todos os detalhes foram arranjados. Nós nos dirigimos para um vilarejo sem importância, na costa, por isso mesmo sem guarda e mesmo sem bloqueio. O avião bombardeiro está lá á nossa espera. Será fora, mas perto dali, que se passarão grandes acontecimentos, que forçosamente hão de mudar a face das coisas atuais. Por causa do trabalho que vamos executar, meu caro, os Estados Unidos da América do Norte hão de saltar, com todo o seu poder e sua raiva, sobre o Japão...

Dali por diante suas palavras se foram tornando vagas. Apesar de um choque bem grande, que o tornou atônito, Carver não pôde mais compreender bem o que ela dizia, pois que o inevitável acabava de acontecer... Nunca enjoara no ar, é verdade; mas jamais estivera a bordo de um pequeno *destroyer*, a tôda a velocidade, em mar alto, vibrando toda da quilha ao mais alto dos mastros, da proa á popa. Sentiu que o suor lhe vinha á testa, e que devia estar ficando verde... Dali a pouco estava a gemer, a cabeça já repousada em uma almofada, uma bacia pousada no chão, perto dele... E assim se deixou ficar, até o fim, por aquelas três horas de viagem.

Vera como que nem reparara em seu estado. Pode-se dizer, ignoravo-o até. Aliás, ela mesma se deixou ficar a pensar, ou a ruminar planos, sem proferir nem mais um palavra.

Ali estava sentada, um anjo plácido de olhos sonhadores, fumando aqueles cigarros compridos de que tanto gostam os escravos, e, tomando um gole, de quando em quando, do "whisky and soda" de que se servira. Aliás não se diria que estivesse a pensar, pois também deixava a impressão de que não pensava, não tinha emoções, alheia a tudo quanto a rodeava, a passado e a futuro, como se seu cérebro não funcionasse e sua mente estivesse vazia.

Pelo menos foi essa a lembrança muito vaga que ficou a Carver, daquela noite, aliás de mis-

tura com frases de Lingard á respeito dela. Um anjo... mas um anjo de perfídia, de destruição...

Como e quando isso acabou, Barry Carver tinha uma vaga noção. O *destroyer* deixara de sacudir-se, de balançar. Ajudaram-no a levantar-se, e a descer para uma baleeira, e foi com um grunhido de satisfação que pôs os pés em terra. Uma tênue luz, de uma lanterna elétrica, cortava as trevas que reinavam por toda parte. Entrou ainda vacilante em uma espécie de casa, foi deitado em um leito ou coisa que o valha, deixou-se ficar quieto, e não se lembrava de nada mais.

A luz do dia e uma dura realidade o acordaram, a um ruído mais forte que lhe chegou aos ouvidos, e que no primeiro momento não distinguiu o que fôsse. Estava deitado em uma maca, em um quarto pequenino e sujo. Um menino chinês deixou cair uma bandeja com louça, e foi isso que o trouxe á realidade, de uma vez. Foi esse mesmo pequeno malaio que lhe trouxe um pouco de chá. Tomou-o e sentiu-se melhor. Procurou falar, mas em pura perda, pois que uma falta de compreensão não lhes permitiria jamais a troca de qualquer idéia.

Mas o rapazelho pouco depois voltava trazendo uma bacia, de tamanho regular, se bem que toda amassada. Ria-se, a mostrar a dentuça quasi tão amarela quanto a sua pele. Depois trouxe uns jarros de agua, e Carver banhou-se, como pôde. Vestiu-se e saiu para o ar livre, para um pequeno pátio iluminado pelo sol.

Lá já se achava Vera, a conversar com uma meia dúzia de soldados chineses. Ao vê-lo, fez ela um aceno, com a mão, não parecendo depois disso que desse mais por sua presença. Carver passou a examinar o que o cercava.

A um canto estavam bombas para avião; umas dez, pelo me-

(Continua na pág. seguinte)

## NAS ASAS DO ÓDIO

(Continuação)

nos. Não contou, mas viu que estavam alinhadas, bem engradadas. Também um grande tambor de gasolina octane, latas de óleo e outras cousas indispensáveis para um vôo. Foi então que compreendeu por que não viera pelo ar, e houvera necessidade de um torpedeiro. Não tinha trazido apenas os dois passageiros...

Mas... que diabo fôra mesmo que ela dissera a respeito dos Estados Unidos? Carver fez um esforço de memória, mas e mente se lhe baralhara na ocasião. Não era momento oportuno, naturalmente, para fazer-lhe perguntas, pelo que se resolveu a uma inspeção mais detalhada, abandonando o pátio.

Viu que se achava em um pequeno templo, abandonado necessariamente, e em derredor algumas cabanas arruinadas. Não passava do que realmente ela lhe dissera — um vilarejo sem importância, plantado à beira do mar. O mar brilhava forte e alegre, aos raios do sol, e estendia-se a perder de vista, no horizonte, que se deixava quebrar apenas por grupos de fumarada espessa, evidentemente despedida por navios de guerra japoneses, em sua missão de bloqueio.

Um chinês, todo urbanidade nos gestos, com seu longo bigode caído, apareceu e lhe fez um sinal que era, sem dúvida alguma, um convite, um chamado. Carver aproximou-se curioso.

Foi levado para um campo aberto, indo ter a um grande te-

lheiro camuflado por debaixo de esteiras de palha. Com um gesto de orgulho o velho chinês retirou algumas das esteiras que também cobriam os lados daquele telheiro, para mostrar ao estrangeiro o avião bombardeiro de dois motores que ali estava. Ao olhar perspicaz do aviador, logo se lhe deparou um aparelho que, necessariamente, não era novo, tipo americano, com insígnias chinesas pintadas dos lados, mas já meio apagadas. Foi com prazer que Carver o viu, e logo passou a examiná-lo, em detalhes.

Durante duas horas se deixou ficar, experimentando peça por peça do avião, rebuscando-lhe todos os segredos. O bombardeiro fôra deixado ali, evidentemente, aos cuidados dos patriotas locais, quando os exercitos, chineses tiveram de retirar-se em demanda das montanhas do oeste. Estava resguardado com lonas, que Barry retirou, expondo assim a fuselagem e os motores. Teve a grande, a agradável surpresa de encontrar tudo muito bem conservado, em excelentes condições. Até mesmo os pneumáticos estavam completamente cheios, e as baterias deviam ter sido recarregadas havia pouco tempo. Para êle tudo era surpresa agradável, ao mesmo tempo que se sentia satisfeito pelo avião que ia comandar.

Apareceu um menino todo rasgado e sujo. Vinha a correr, a

chamá-lo com gestos. Carver, que aliás já tinha deixado quaisquer sinais do enjôo da véspera, foi levado de volta para o templo abandonado. Limpou-se um pouco, e foi encontrar-se com Vera, no pátio. Ela estava agora sozinha. Em uma pequena varanda ao lado, uma mesa estava armada com um lanche ligeiro. Ela lhe sorriu.

— Já viu o avião, não foi? Está em condições

— Parece-me que sim.

Carver respondera, ainda maravilhado a olhá-la, mas controlando-se melhor. Cuidado! Alguma cousa andava por detrás de tudo aquilo, e êle de nada sabia ainda. Ela o supunha inglês... Era preciso que continuasse nessa suposição, para que fosse mais franca no que tivesse de dizer, na exposição desse projeto do qual êle não sabia nem uma linha sequer. Era deixá-la falar.

Viu-lhe mapas e papéis juntos ao cotovelo, tendo acabado de manuseá-los; também estavam ali alguns cabogramas, ou melhor, fórmulas de telegramas, que, com certeza, eram de serviço radiográfico, e não usuais. Estavam escritos com caracteres chineses! Com certeza havia por ali uma estação transmissora e receptora de rádio...

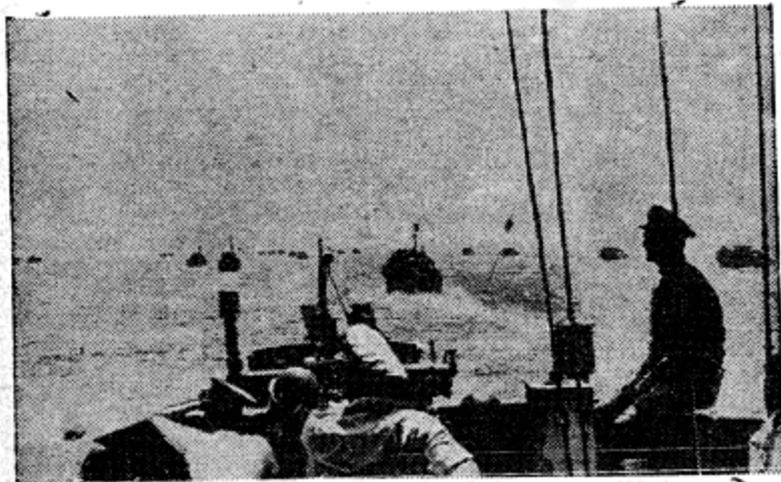
Mas, voltando ao lanche e à criatura que tinha em sua frente, mais uma vez todo êle se encheu de beleza plácida, de sua pose natural. Ela não deixava transparecer qualquer excitação, emoção de espécie alguma, e não parecia mesmo interessada em cousa nenhuma.

Acabada porém, aquela rápida refeição, voltou-se novamente para os mapas e papéis, e animou-se.

Mostrou-lhe, no mapa, aquele pedaço de costa em que se achavam, em detalhes, com a ilha japonesa de Formosa do outro lado. Havia nesse mapa círculos vermelhos aqui e ali, e ela explicou: — couraçados e porta-aviões japoneses, ali postados, segundo as informações mais recentes. Um daqueles porta-aviões estava mesmo fundeado apenas a umas catorze milhas daquele local onde se achavam, um pouco mais para o sul.

Foi dele que levantaram vôo cerca de uns trinta aparelhos, esta manhã — disse Vera, calmamente. — Passaram aqui por cima, indo com certeza na direção do Amoy. Não voavam muito alto, e por isso fizeram aquele

## ARMADA DE INVASÃO



Parte da formidável armada de dois mil navios que zarpar das costas da África para invadir a ilha italiana de Sicilia, agora que as últimas resistências totalitárias estão sendo vencidas os chefes aliados já estão preparando a invasão do continente.

(Foto da Inter-Americana)

(Continua na pág. 67)

# FON-FON



Direção de Hélène

Desenhos de ENAYDE

Dois bonitos modelos de saia-calça, de lã lisa e fantasia, para os passeios em bicicletas ou jogos esportivos.

Dois graciosos modelos de blusa para uso com as saia-calças descritas: — o primeiro em seda vermelho cereja e o segundo em seda azul-pastel, ambos com pespontos gênero corcheiro.



Modelo á guiza de "deux-pièces" de seda vermelho-escuro. Babado plissado guarnece o corpo. Saia com bonito apanhado na frente.

Interessante vestido de seda azul-merinho ou preto. Saia enviezada e ligeiramente fransida na frente. Corpo com bordados acolchoados.



*“Deux-pièces de seda estampada de fundo branco e pastilhas verdes e fundo verde e pastilhas brancas, num belo contraste.*

*Vestido para execução em crepe romano azul-claro ou “bois de rose”. Frente do corpo e saia com bonito trabalho de franzidos. Pano mais largo na barra, aplicado na frente, sôbre o franzido, prolongando-se em faixa que amarra nas costas.*





Blusa de cetim branco com o peitinho todo em panos superpostos e pespontados. Mangas longas e ligeiramente abufantes. Cós abotoado na frente, igualmente pespontado.

Saia de crepe de lã azul-hortensia, com dois panos pregueados na frente e pala desenhando bico. bibe com a saia-calça.

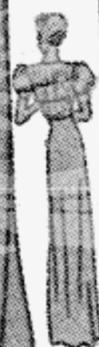
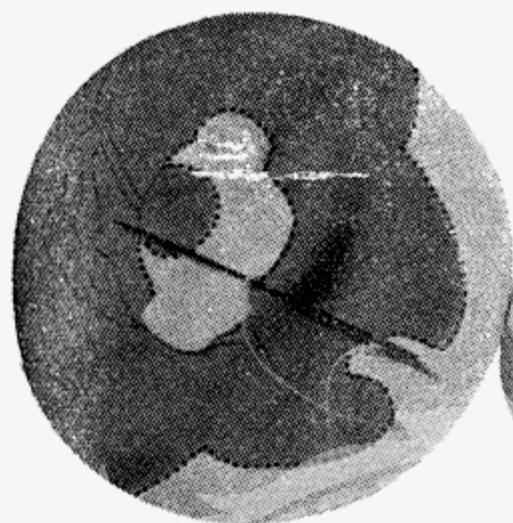
Bonito casaco de lã creme, ornado com estreito vize de lã de tom que combina com a saia-calça de lã fantasia de quadriculados de tom vivo, com recortes pespontados marcando pestanas.

Costume de lã fantasia de fundo cinzento. Saia de cós alto, com macho na frente. Casaco de lapelas redondas e bolsos aplicados, ornado com pespontos género correio. Pala reta. Blusa de seda vermelha-cereja e cinto de camurça nesta cor.

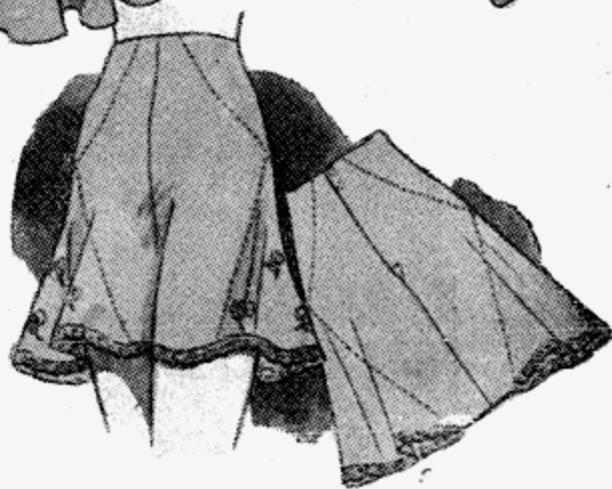
FON-FON

28-8-1943

— 62 —

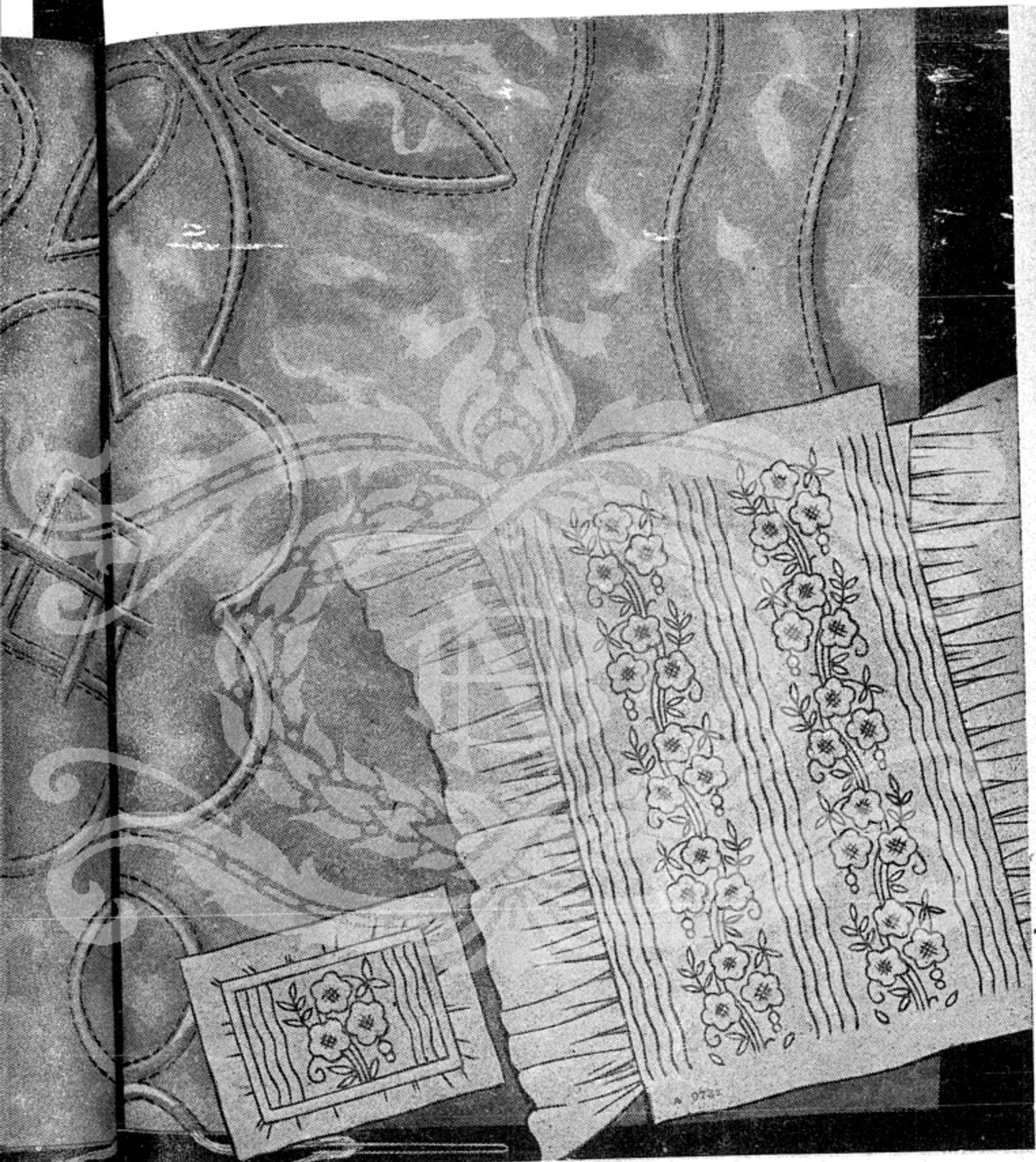


Camisolas, calças e combinações de crepe "lingerie" azul, com flores recortadas em cetim "lingerie" branco e presas ao Ponto Paris. Aplicações da branca terminam as três peças.





*Colcha para Criança*



**ESTE** modelo feito em cetim liso ou cetim cloqué, constitue um lindo ornamento para o quarto do Lebed.

Deve ser feito em cetim de cores claras ou branco. Depois de riscado e forrado com uma seda de igual tamanho, cobre-se todo o desenho com duas carreiras de pontos de all-nhavinho, feito com linha brilhante, um pouco mais clara ou um pouco mais escura que a seda. Depois, pelo avesso, enfia-se uma lã grossa, fazendo assim um alto relevo em todo o desenho. A colcha é terminada dos lados por um babado largo, bem franzido. A fronha tem em volta uma barra dupla, ligeiramente franzida.

No suplemento anexo, fornecemos o risco, em tamanho de execução.

## O Modelo da Semana

### Qual é o seu Problema DE BELEZA?



Espinhas  
Cravos  
Manchas  
Sardas  
Cutis  
cansada  
Rugas

Tudo isso se corrige com "Cêra Mercolizada" (Mercolized Wax), que vale por um tratamento de beleza. Cêra Mercolizada faz surgir a nova cutis que existe sob a sua pele atual. Faça uma experiencia ainda hoje.

STALLAX - Shampoo de luxo - deixa o cabelo perfeitamente limpo e livra o couro cabeludo de caspa. Você notará quanto formoso, ondulado e sedoso ficará o cabelo depois da lavagem com STALLAX.

**Cêra Mercolizada**  
CONSERVA SUA CUTIS

*Bella e Fresca*

### DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO  
D. SPEPSIA - ULCERAS

Papéis

**BANKETS**



ROUGE LIQUIDO  
RAINHA DA HUNGRIA  
De Mme. Campos  
DÁ AS FACES UM ROSADO  
INCOMPARAVEL  
A VEINDA EM TODA A PARTE



HOLLYWOOD, o manancial inexgotavel de elegância, distinção e bom gosto, oferece hoje, ás leitoras de FON-FON, mais uma de suas criações inegalaveis. Muito próprio para este fim de estação, o costume deve ser confeccionado em finíssima casemira unicolorida. Chapéu e bolsa, pretos. Luvas de suêde. Moldes no suplemento anexo.

FON-FON  
28-8-1943  
- 66 -

## NAS ASAS DO ÓDIO

(CONTINUAÇÃO)

ruído que o acordou, esta manhã.

Nesse momento, aquele rapazinho sujo e em trapos entrou, novamente, desta vez trazendo em sua mão uma fórmula de radiograma. Entregou-o, sem uma palavra, e retirou-se a correr. Vera lançou um olhar sobre os dizeres daquele radiograma, depois deixou-o ao lado dos outros que tinha sobre a mesa, e voltou a olhar Carver, fixamente.

— Acho que o senhor não desconhece a grande importância que há, e que temos, de fazer com que a América do Norte tome parte nesta guerra — disse, com toda a calma, as palavras pousadas em seus lábios frios, como se estivesse em um diálogo banal. — A América não pode continuar neutra; sua armada, seu enorme poder industrial podem servir de grande pressão contra o Japão. Mas a América não parece sentir-se disposta a entrar na contenda, senão com o auxílio material. E nós precisamos que esse auxílio seja mais efetivo, seja o de um beligerante também. E somente com um esforço supremo poderemos conseguir isso.

Felizmente, o choque recebido por Carver com o que ouvia era tão grande, que lhe paralisara a língua, impossibilitando-o de falar, de comentar sequer o que ela dizia. Vera interpretou mal aquela atenção atônita, e lançou-se a explicações detalhadas, com toda a clareza, tudo iluminado por uma claridade fria e precisa, o que ia tornando mais e mais e mais acentuado o espanto do aviador americano. Na verdade, tal qual ela expunha, o caso era muito simples.

A Rússia, por detrás de seu boneco Mongólico, estava dando motivo para que suas tropas se chafurdassem em sangue, com isso fazendo com que os exércitos japoneses tivessem sua atenção também derivada para aqueles lados. Com isso, todo o poderio militar nipônico estava em cheque, do Norte às montanhas do Sul, onde se encontravam os exércitos chineses do Marechal Chiang-Kai-Chek; e, na realidade, no interior os soldados japoneses estavam dentro de um anel de ferro e fogo. A declaração e o estalar da guerra na Europa estavam tendo terríveis repercussões ali no Oriente. A Rússia estava em condições de enfrentar o Japão, e auxiliar a China — e, para completar aquele panorama os Estados Unidos "da América

do Norte poderiam formar entre os beligerantes.

Não seria apenas com os seus soldados e a sua armada, mas com todo o peso de seu poderio econômico, naquele mesmo momento em que o Japão estava já tão desesperadamente lutando com a China. Os soldados do Nipon ficariam assim colocados entre duas pinças, as duas pontas de uma torquês que iria fechando-se gradualmente...

— Mas os Estados Unidos — Carver conseguiu controlar-se, voltando-lhe a voz — são esportos demais, para deixar-se arrastar para este brinquedo em que não querem entrar.

— Nisso consiste nosso serviço desta noite — replicou Vera, calmamente.

Foi o que ele ouviu, sentindo que seus pulsos latejavam, como as suas têmporas, enquanto ela corria os olhos por uma outra mensagem de rádio que acabava de ser-lhe entregue, feito o que deixara de lado o telegrama e se pusera a consultar o mapa que tinha em sua frente, fazendo cálculos.

Aquela criatura conhecia mesmo navegação! — foi o rápido pensamento de Carver, vendo-a agir, tomando lapis e compasso, e régua, que iam correndo sobre a carta em sua frente. Depois de alguns minutos, que se passaram em silêncio, marcou aquela russa um ponto no mapa, sorrindo então ligeiramente; e voltando-se para ele, com um aceno, disse:

— E' aqui — disse, mostrando o minúsculo ponto que fizera no papel com o seu lapis. — A' meia noite, precisamente, será esta a posição... Nem meia milha mais, nem menos. Tudo caminha às mil maravilhas. Então ele estará apenas a umas seis milhas do porta-aviões japonês, que está ancorado aqui... (E Vera indicou um dos círculos vermelhos). Este local fica distante de onde estamos só umas dezesseis milhas, na rota dos vapores que fazem o serviço Yokoama-Singapura. Vou preparar rapidamente um pequeno mapa, com todos os detalhes, para seu uso. Poderá guiar-se por ele, com toda a segurança, sem o menor receio de desviar-se da rota, e dar no alvo.

\*\*\*

CARVER olhou o mapa, e viu pelo recorte da costa que todas as distâncias calculadas es-

(Continua na pág. seguinte)

FON - FON

## NÃO OUVES BEM POR CAUSA DO CATARRO ?

EXPERIMENTE ESTE REMÉDIO

Se V. S. sofre de aturdimento catarral ou de zumbidos nos ouvidos, ou se o catarro obstrói a parte posterior da sua garganta, certamente se alegrará ao saber que essa tão aborrecida afecção desaparece prontamente com o simples tratamento, durante alguns dias, de PARMINT, o qual poderá adquirir em qualquer farmácia ou drogaria.

Nota-se uma grande melhora logo no primeiro dia. A respiração se torna mais fácil e desaparecem, gradualmente, os zumbidos dos ouvidos, a dor de cabeça, a sonolência e a obstrução nasal.

A perda do olfato e do paladar, a dificuldade de ouvir e o desprendimento do muco nasal na garganta são outros sintomas que indicam a presença de catarro, o qual deve-se combater com o tratamento de Parmint.



Senhoras!

CAPSULAS

**MENAGOL**

PARA FALTA DE MENSTRUACAO

APR. PELA CENS. SANIT. N. 56.149

## MOVEIS

DE FINO GOSTO

Visite os  
40 Apartamentos da

**BELLA AURORA**

e faça uma idéia de  
sua futura residencia

CATETE, 78 — 84

tavam certas. Mas um frio agudo lhe correu a espinha. A princípio pensou que se tratasse do porta-aviões japonês, e se bem que perigosa, ele aceitaria a incumbência, que poderia ser a última, mas que lhe dava ocasião para vingar a morte de seu amigo Bill Harden. Mas o que quer que fôsse que tinha de ser atacado passaria a seis milhas do porta-aviões nipônico...

— Mas de que se trata? Que navio é esse que tenho de atacar? Não posso compreender...

— Trata-se de um navio americano de transporte de tropas de Manilla, que vão reforçar a guarnição Yankee de Shanghai — replicou ela, com toda a calma.

A verdade foi como uma explosão de bomba, fazendo voar todo o resto de incredulidade que ainda pudesse ter o aviador americano. Este empalideceu, com a palidez lívida da morte, mas Vera não estava a olhar para

## NAS ASAS DO ÓDIO

(Continuação)

ele, e não lhe notou a mudança fisionômica.

— Um torpedeiro está escoltando o transporte — continuou ela, com a mesma calma e serenidade, como se estivesse conversando coisa banal. — Pararam em Amoy, para apanhar alguns refugiados americanos; por isso é que tomaram este canal interno. O *destroyer* é muito pequeno, e o navio transporte é muito grande, de quinze mil toneladas. Por isso não podem ser confundidos, e o senhor não terá a menor hesitação a respeito. Deve despejar sobre o transporte toda a sua carga de bombas, toda ela. É preciso que o afundamento seja rápido.

Carver sentia que seu cérebro estava como que embriagado, as circunvoluções dansando-lhe no interior. Vera continuava a fa-

lar, com aquele tom de voz delicado, macio, com aquele ar fastidioso de matemática precisão, nos cálculos feitos.

— Um de nossos homens está a bordo do transporte — continuou. — É um dos operadores de rádio, que nos manda estas mensagens. Está arriscando sua vida, quer porque pode ser apanhado, quer porque será também sacrificado no ataque ao navio. Mas isso não importa! Alguns de nós têm mesmo de sacrificar-se, e de morrer pela causa.

Calou-se, por momentos, sem ser interrompida, pois o aviador americano queria obter todos os dados necessários.

— Depois de lançar toda a sua carga de bombas, o senhor continuará, rumo de Formosa...

— Não... não!

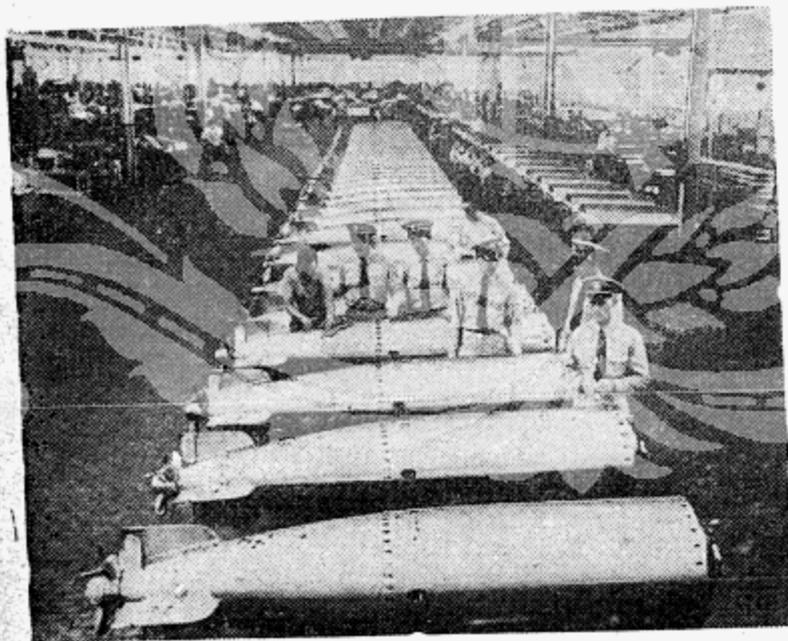
Foi o que Carver deixou escapar de seus lábios. Mas ficou nisso, e a eslava não o compreendeu.

\*\*\*

SIM, é preciso! — continuou ela a dizer. — Não poderá voltar para aqui. Esses Japs têm instrumentos de precisão e de escuta. No momento mesmo em que o senhor levantar vô, eles o perceberão e farão subir aviões do seu navio depósito. Mas a distância é muito pequena, daqui ao ponto de encontro, pelo que dentro de alguns minutos estará sobre o ponto visado. Por isso, descarregue as suas bombas e continue a voar, para a frente, a meu encontro. Eu estarei em um pequeno navio-pesqueiro, um barco muito veloz já preparado para isso. Não se esqueça! Se voltar atrás, cairá no cerco japonês; já estarão no ar com seus caças do porta-aviões. Não tente voltar para trás. Tudo está bem planejado e delineado. Quando avistar-me, atire-se fora de seu avião, que se perderá no oceano. Os japoneses ficarão com a culpa do bombardeio e afundamento do transporte... E os Esdos não suportarão essa afronta, e logo se voltarão contra o Japão, com todo o seu poderio e sua força econômica.

— Deve ser assim... — deixou Carver escapar de seus lábios

## TORPEDOS EM SÉRIE



A tripulação de um *destroyer* norte-americano recolhe os cartuchos vazios depois de bombardear uma posição japonesa no Pacífico sudoeste com o fim de preparar o desembarque da infantaria. As forças norte-americanas estão desferindo violentos golpes nos nipônicos nesta região.

(Foto da Inter-Americana)

**Tosses?**  
**PULMONAL**  
*é fantástica...*

Distribuidora:

DROGARIA SUL AMERICANA

Largo de São Francisco, 42

RIO

secos. — Lingard estava ao par de toda esta trama?

— Mas sem dúvida! — replicou ela, denotando surpresa, mas voltando a sorrir. — Ajudou-nos mesmo a delinear este plano. Pois não foi ele quem o mandou para executar este trabalho?

Ele bem sabia que ela estava comprometendo Lingard. Ele tinha a certeza de que a intenção de Vera era destruir o porta-aviões japonês, ancorado ali perto.

Carver deixou-se ficar sentado, a cabeça estalando pelo fluxo de sangue, ouvindo os detalhes desse plano, conforme a exposição que a russa lhe fazia. Estaria prevenido de tudo, levaria um paraquedas, um salva-vidas, uma pistola Very para foguete luminoso — tudo de quanto precisa para aquela missão.

Depois das explosões ela, por sua vez, atiraria três foguetes para orientá-lo na fuga, para que encontrasse o navio-pesqueiro — *flax-flax-flax* —... E o pesqueiro, pequeno bote dotado de motor poderoso e de rapidez magnífica, estaria a sua espera. Deveria voar baixo sobre, atirando-se à água e nadando até o bote, deixando o avião, sem controle, previpitar-se nas ondas. Ela cuidaria de salvá-lo.

Isso tudo explicava aquela mulher que servia ao governo russo, e que queria precipitar os Estados Unidos contra o Japão. Ouvindo-a, entretanto, ele pensava apenas em uma coisa... Anjo de perfídia... Seria muito capaz de estar a enganá-lo e jamais poderia contar com qualquer savaimento por parte dela... O segredo ficaria com o bombardeiro e seu piloto, nos fundos do mar da China...

Ouvia, mas pouco falava. Uma ou outra pergunta, esporadicamente. Era como um autômato. Ouvia, e seu pensamento já estava com aquele navio de transportes de tropas que vinha de Manilla... Maquinalmente, estendeu a mão e recebeu o maço de notas do Banco de Inglaterra, libras papel... Meteu no bolso aquele dinheiro de sangue. Ficou a olhá-la, naquele seu traba-

lho de uma cópia perfeita do mapa que tinha em sua frente, com todos os detalhes e distâncias. Vera executava aquele trabalho com o mais escrupuloso cuidado, pois bem sabia que da exatidão daqueles dados dependia o sucesso daquela aventura que deveria mudar a face das cousas na terra.

O único perigo sério que havia para ele era a aproximação do porta-aviões japonês, com seus instrumentos de precisão, seus poderosos holofotes e seu enxame de pequenos aviões de caça, ligeiríssimos e, por isso mesmo, muito perigosos. Ali estava — e mais uma vez apontava, com seu dedo de ponta fina e unha acurada — o local exato em que, à meia-noite, deveria encontrar o torpedeiro americano, e o transporte de tropas, ela ia mesmo ao ponto de marcar onde os dois navios tinham suas luzes.

— Aquí — e seu dedinho continuava a marcação no mapa que

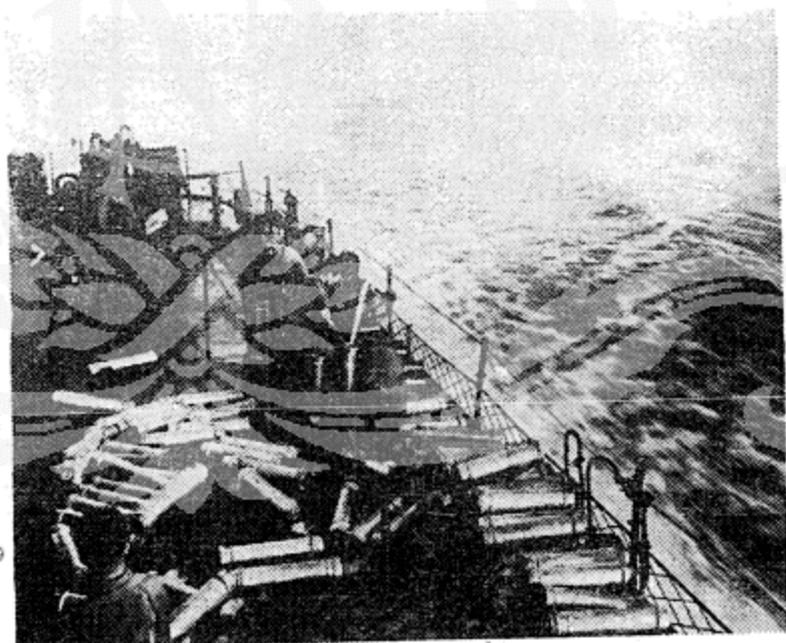
desenhava para o piloto — estará o barco-pesqueiro, a bombordo dos navios americanos. Daquí a pouco o barco estará aí, para buscar-me. Assim que escurecer embarcarei, para tomar posição, antes que chegue a meia-noite. Não receio os japoneses, que não de tomá-lo mesmo por um navio de pesca, e não nos embaraçarão.

Durante todo aquele tempo Carver ouvia. Ouvia e pensava, com um espinho gelado a atravessar-lhe o coração. E ele a olhava e, a pesar de tudo, a admirava, em toda a sua maldade. Meticulosa, de um cálculo frio e eficiente, delicadamente serena, mesmo tratando de tudo aquilo que era de uma maldade terrível. Aquela mulher não teria alma Nem coração? Ele mesmo punha suas dúvidas a respeito.

Mais tarde foram os dois fazer uma visita ao avião bombardeiro:

(Continua na pág. seguinte)

## BOMBARDEIO NAVAL



Aspecto que oferece a maior fábrica que existe no mundo para a produção em série de torpedos para a aviação e a frota submarina. Cada torpedo deve ser fabricado com a mesma precisão de um relógio.

(Foto da Inter-Americana)

# BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

## FUNCIONA ATÈ AS 7 HORAS DA NOITE

### ALFANDEGA, 50

(CONTINUAÇÃO)

**PRISÃO DO VENTRE?**  
 Pílulas  
**ALOICAS**  
 REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS

**A BELEZA  
 E' OBRIGAÇÃO**

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia, só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alfaca ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia voltam a imperar com o uso do Creme de Alfaca «Brilhantes».

Experimente-o.

mesmo ali não negligenciava coisa alguma, nenhum detalhe naquela inspeção pessoal e supervisão do aparelho. Soldados chineses estavam já carregando as bombas, o óleo e a gasolina. Foi na presença dela que Carver experimentou a aparelhagem de controle elétrica, a alavanca de largamente das bombas, o telescópio. Felizmente, achou ela, tudo estava em excelentes condições. Na hora de carregamento do aparelho com as bombas, Carver dirigiu, ele próprio, os serviços, com o cuidado que aquilo requeria.

Foi também ele quem dirigiu o serviço de bombeamento da gasolina e do óleo para os tanques do avião. E agora faz uma rápida experiência dos motores, que pegaram imediatamente, correspondendo às esperanças do piloto. Vera explicou aos chineses que o aparelho deveria continuar escondido onde se achava, sob o telheiro de palha, até o momento de alçar voo, quando então seria levado para fora. O campo tinha bastante espaço para a decolagem. O vento era fraco e de feição. Satisfeitos, com aquela meia hora de inspeção e trabalho, voltaram para dentro.

\*\*\*

**ENQUANTO** o sol descia, para ir desaparecer lá nas planícies sem fim da China, escurecendo já o lado do mar, Vera discutia com o piloto os mínimos detalhes, marcando a hora exata, o momento preciso da partida. Teria de atingir aquele ponto, marcado por um alfinete na carta, precisa e justamente à meia-noite. Carver ouvia, e sentia-se diminuir ante aquela criatura; estava na presença de uma máquina, e não de uma mulher. Durante todo aquele tempo que estivera a seu lado, não lhe surpreendera nada de pessoal, ou de íntimo; nada tinha daquela figura sedutora, fascinante, cheia de "sex-appeal", dos agentes secretos femininos que nos mostram as ficções. Era bonita, era mesmo lindamente fascinadora, mas não atraía como mulher.

Homens sem defesa, por não pensarem em perigo; marinheiros e soldados americanos morrendo às centenas, dentro daquele transporte, nada significavam para ela. Tinha pensamentos apenas, tinha unicamente imaginação para o momento preciso em que sua obra, seu plano tenebroso deveria ser completado.

Carver não fez só protesto, nem uma única demonstração de desacôrdo. Era preciso, antes de mais nada que ela não desconfiasse que ele não era inglês mas americano.

Ao cair da noite, já escura a praia, Barry ainda sentia a irrealidade de tudo quanto o cercava naquele momento em que ali estava para se despedir dela. O céu estava claro, muito claro, aumentando com isso o risco, tanto o dele como o dela. Sim, que também ela, naquele pequeno navio pesqueiro, em mar aberto, muito se arriscava.

Ela lhe apertou a mão e se foi. Levava uma roupa comum de colite, sobre as suas vestes. Aquela figura delicada, com aquela cabeça coroada por uma massa de cabelos de um louro cinza, afastava-se dele e dirigia-se para o barco que a esperava, ancorado junto aos rochedos da praia.

— Alguns de nós têm mesmo de sacrificar-se, e de morrer pela causa...

Aquelas palavras da linda russa ficaram a dansar em seus ouvidos, enquanto ela se sumia por detrás dos penhascos, onde se achava a lancha que devia conduzi-la. "Alguns de nós..."

\*\*\*

**AS** horas que se seguiram, na noite que avançava, com mosquitos e mariposas adejando em derredor da luz que tinha sobre a mesa, encontraram o piloto americano debruçado sobre o mapa que Vera lhe traçara e dera; estava decorando cada detalhe, para que lhe ficassem bem vivos na mente.

Então lhe vinham também à cabeça reflexões amargas... Pensava naqueles milhares, dezenas de milhares de mulheres e crianças, para o Norte e para o Sul daquelas costas chinesas, impiedosamente dizimadas, massacradas pelas asas japonesas, asas de ódio e de maldade, como outros deviam estar, naquele momento, também na Europa, sendo massacrados por outras asas... Assassinos... Assassinos por toda parte... Mas essa gente, em qualquer lugar do mundo em que se encontrasse, esses inimigos da civilização deveriam ser varridos da face da Terra...

Face... Sim, é a face de Bill Harden que ele vê levantar-se à sua frente, a face do seu mais querido amigo. Lembrava-se bem como aqueles aviões japoneses haviam crivado de balas o seu aparelho indefeso, um simples avião de transporte... Estava

vendo o sangue de Bill Harden correr, empapar-lhe os pés, onde caíra o rapaz, enquanto ele procurava manter o controle do aparelho.

Pensava nessas cousas, naquelas horas escuras que antecediam a ocasião em que devia largar com o seu bombardeiro. Até que, chegado certo momento, tendo mais uma vez olhado o mostrador de seu relógio, alteou a voz e chamou. Apareceram figuras, chineses que mais pareciam fantasmas surgindo do indissolúvel, deixando-se iluminar pela luz fraca que estava sobre a mesa, e saindo com ele para o campo, em demanda da garagem improvisada.

O avião foi dali retirado e convenientemente calçado, pronto para a largada. O grupo de chineses deixou-se ficar de lado, à espera. Carver retirou a roupa que vestia, e vestiu o macacão com suas bolsas de ar comprimido; armou as costas o seu paraquedas. Tudo isso fazia parte do seu treino, dos seus tempos de instrução. Experimentou a pistola Very, de lançamento de foguetes de luz. Estava carregada.

Acendeu um cigarro, os olhos fixos no relógio, e seu pensamento fervilhava, a cada detalhe do que tinha de fazer. Ele bem sabia o que tinha em sua frente e o que esperava.

Por fim, subiu à cabine, e fez rodar os motores, no pré-aquecimento. Os minutos passavam, à espera do tempo.

A um grito seu os chineses puzaram os calços. Os motores começaram a roncar, mais e mais, cada vez mais forte. Subitamente, largou-se dali, aos gritos dos nativos. Uma corrida rápida e subiu aos céus... E se foi, alteando e voando ligeiro, em direção ao mar. E já é sobre o mar que voa, a ave da morte.

\*\*\*

**A**LEA Jacta Est... O dardo estava mesmo lançado. Tudo o mais, dali para diante, seria obra do momento, vivendo dentro de segundos, pois que dentro de segundos estaria sobre o ponto, aquele ponto marcado por Vera, no mapa que ele já tinha de cor, dentro de seu cérebro e de seu coração.

Os "dials" estavam sem luz, sem luz os marcadores do painel de bordo. Carver subia, subia sempre, puxando pelo aparelho para que ele desse tudo quanto pudesse. Quinhentos metros... Mil... Mil e quinhentos! Inclinou-se e fez uma curva. Não se dirigia para o mar aberto, mas paralelo à costa. A noite estava clara, e bastava-lhe apenas o recorte da costa para guiá-lo. Tinha na

mente, decorara esses recortes todos...

Chegou aonde queria, porque subitamente cortou os motores e se precipitou, de focinho, em um longo mergulho. Havia uma chance, contra cinquenta, de encontrar a dormir a tripulação daquele porta-aviões. Não era questão de minutos, mas apenas de segundos... E, na violência da descida, ele sentia o zunir da arameação do aparelho.

Surgiram, lá em baixo, as luzes do navio. Agora, já o distinguia, inteirinho, da proa à popa. Ali estava a sua presa, mas já um traço de luz varria os céus. Um holofote o procurava. Dansa no espaço escuro, essa rêssea de luz; circula aqui e ali; corre mais para perto dele e, por fim, o encontra e se fixa nele, acompanhando-o naquela descida fantástica. Carver naquele momento de novo liga o motor... O bombardeiro continuava a descer, de cabeça, tremendo ao esforço pedido. Alguns segundos mais... Agora!... Agora! Tudo de uma vez!

Outro e outro jacto de luz caem sobre ele. Cegam-lhe o telescópio, mas o piloto não precisa dele. Sua mira é feita bem no ponto de onde vem a maior força de luz. Vê o clarão meio rubro que surge lá em baixo, e sua mão preme a alavanca... Apenas uma bomba!

O aparelho obedece ao comando e faz uma curva e levanta de novo a proa e se alça. Tal a rapidez da manobra, e tão baixo descera, que os holofotes o perderam.

Compreendeu que tinha agido cedo demais. Viu a explosão, lá em baixo... Errara o alvo. Muito cedo. Mas não erraria o outro! Subira, rodara em curva larga, e voltava. Mas os holofotes incidiam novamente sobre ele. De novo arma o mergulho e desce como uma flecha. Teria que soltar toda a carga de bombas, desta vez, todas as nove que restavam. De novo os arames, a asa, as hélices, tudo gemia à passagem do vento naquele descida fantástica. Mas Carver está atento. O piloto está completamente senhor de si, em um domínio perfeito de seus nervos, para que pudesse agir no momento preciso.

Mergulhava, como uma flecha, ao cantar do vento. Via que lá em baixo havia verdadeiros relâmpagos de luz rubra, ao mesmo tempo que todas as luzes, formando um só feixe, convergiam sobre ele: todo o bombardeiro como que se convertera em um bolido de prata. Ele tremia. O avião tremia. Não se apresse, desta vez, seu doido! Agora!

(Continua na pág. seguinte)

FON - FON

**CURSO DE CORTE  
E CONFEÇÕES  
POR  
Correspondencia**



Mande seu  
**NOME e ENDERECO**  
para que lhe seja  
enviado um  
**FOLHETO  
EXPLICATIVO**

**INSTITUTO DE CIENCIAS E LETRAS**  
AV. RIO BRANCO, 120 10º AND.  
CAIXA POSTAL 3364

**INSTITUTO  
ABDON LINS**  
**DR. ABDON LINS**

Titular da Academia Nacional de  
Medicina. Do Laboratorio Bacté-  
riologico da Saúde Publica. Cate-  
drático da Escola de Medicina e  
Cirurgia. Docente da Faculdade  
Nacional de Medicina.  
Seção de Análises Clinicas:  
Exames de sangue, pú, etc.  
Confeção de vacinas  
autogenas, etc.  
(1.º andar)

**RUA RODRIGO SILVA, 30**  
Telefone 22 - 1355

**CABELOS  
BRANCOS**

**CONTRA A  
QUEDA DOS CABELOS**

**CASPA PREPARATURA CALVICIE**

**JUVENTUDE**

**ALEXANDRE**



# LYTOPHAN

EM TUBOS DE 20 COMPRIMIDOS

DROGARIA ARAUJO FREITAS & CIA.  
Rua Miguel Couto n.º 33 — Rio de Janeiro

## NOSSA CAPA

Original modelo de "tailleur" é o que estamos hoje, em nossa capa, apresentado por Geraldine Fritzgerald, da Warner Bros. Executado em lã fina ou linho "granité", em duas côres do mesmo tom. Neste suplemento damos os moldes, em manequim 43, cm a miniatura sôbre as duas côres da fazenda, explicando, pelo método "Toutemo-de", a forma de cortar.

## NAS ASAS DO ÓDIO

(Continuação)

Sentiu que voavam cousas em derredor. Madeira e metal, arrancados do painel, do chão do teto, quando já, tomando a alavanca, obrigava o seu navio a voltar para o céu... Perfeito! Perfeito!

A terrível explosão, em baixo, e a repercussão levaram-no quasi de roldão. Chamas vermelhas, e novas explosões.

— Foi por ti, Bill Harden! — gritava êle, como um selvagem. — Apanhei-o! Apanhei-o! E tinha a inda as aves assassinas em seu ninho!

Não. Não as tinha apanhado tôdes. Algumas tinham tido tempo de alar-se, antes que o ninho voasse pelos ares.

Mas isso não era o pior, para Carver. Tinha ainda de avançar algumas milhas mar a fora, a uns duzentos metros de altura, mas os motores do aparelho começavam a negar-se a um esforço maior. Havia qualquer cousa... qualquer cousa... Os motores estavam falhando... Mas não eram apenas os motores, pois que então o piloto repara, e só então, que também os aparelhos de bordo, no painel, foram arrancados. Pedacos de metal de madeira estão em confusão em derredor; "dials", botes, pequenas alavancas, tudo se foi, como se fôra a vidraça-parabrisa. Pudera!..., O velho avião estava todo crivado! Mas aquele não aérea da China tinha dado tudo quanto podia pela própria China! Podia morrer agora por ela.

Calmo, Carver procurou ver pelo rombo deixado na vidraça, a-pesar-do vento que quasi o sufocava. Daí ao navio transporte havia apenas umas seis milhas, segundo o cálculo de Vera. Já se tinham passado alguns segundos, pois que isso tudo viveu segundos apenas. Poderia vencê-las em dois minutos, ou pouco mais, se o aparelho estivesse governando bem. Era preciso lembrar os aviões japoneses que tinham tido tempo de largar de bordo do porta-aviões... Os motores espirram, mas por alguns trabalham firmes e o avião prossegue, embora baixando, baixando sempre. Um minuto... Outro minuto... Agora já vê umas luzes muito fracas, lá em baixo. Baixou a proa do aparelho, para outro mergulho. Sim, com certeza eram as luzes do torpedeiro americano. Lá estão as outras luzes, muitas luzes, o navio todo iluminado... E' o transporte de tropas!

Foi nesse momento que pequena explosão se fez ouvir, e uma comprida língua de fogo escapou do motor da direita.

Com a pistola Very na mão, Clever abandona, o seu posto, na cabine. Deixa-se escorregar para sôbre a asa esquerda do aparelho, e por momentos se deixa ficar ali, acocorado, para resistir ao vento. Um jacto de luz o apanha. E' um holofote do torpedeiro que funciona. Estava quasi sôbre o pequeno navio.

Deixou-se cair, contando os segundos. Perdeuse do jacto de luz do holofote que continuava a seguir a trajetória do avião que, com sua cauda de fogo e fumo, se dirigira, a enorme velocidade, para as águas do oceano. Em sua queda, ou melhor, momentos antes de atirar-se, Carver teve ocasião de ver uma meia dúzia de pontos no céu, meia dúzia de aviões nopônicos, que vinham em furiosa perseguição.

O paraquedas abriu-se. Ao receber o choque, Carver riu, uma gargalhada nervosa. Esperou alguns instantes e disparou a sua pistola Very, para baixo. Aquilo fazia ainda parte do treinamento que tivera no Kelly Field: desligou o correame do paraquedas, e deixou-se ficar suspenso apenas pelo braço. A água esta muito mais perto, agora. O fogo de bengala da pistola Very alcançou as ondas e apagou-se. O piloto esperou ainda alguns momentos e então abandonou o paraquedas, precipitando-se nas águas do mar.

A queda, o mergulho, fê-lo descer fundo, mas já estava de novo á superfície e agora as luzes do bordo sôbre êle. A partida estava ganha.

\*\*\*

AGORA, no tombadilho do torpedeiro que todo tremia aos arrancos de seu motor, Carver ria-se para os oficiais que o cercavam, e o enchiam de perguntas. Êle sacudiu a cabeça, negativamente:

— Voando por conta da China?... Qual nada, pessoal! O avião tinha marca chinesa nas asas? Tinha mesmo? Com certeza estavam enganados... Americano?... Naturalmente que sou!

— Mas a ocasião não é própria para brincadeiras e brincadeira de mau gosto, rapaz! — disse um dos oficiais, já zangado.

— Também acho — disse Clever. — Eu estava apenas tomando um banho noturno, e vocês me pescaram. Se houver algum Oficial do Serviço Secreto a bordo do transporte, tenho algumas informações para ele. E creiam que são urgentes!

Trocaram-se olhares. Nesse momento, um radio-telegrafista aproximou-se, apressado:

— Uma mensagem, senhor. E há um pequeno barco pesqueiro, a bombordo, que está pegando fogo. Aqueles aviões parece que o atacam...

Navio pesqueiro... a bombordo... Clever fechou os olhos, por momentos. Veio-lhe à lembrança a sua figura, linda e frágil... O aperto de mão que tinham trocado à despedida, quando ia ela tomar aquele pequeno navio pesqueiro... E é a traição. Aqueles aviões de caça, perseguindo o seu bombardeiro, haviam dado com ela. Ela tinha feito o sinal, tinha atirado os foguetes... e fôra a morte, e não é, quem lhe respondera ao apelo. É a tráfala...

Abriu os olhos, e sua agonia dissipou-se vendo os uniformes que o cercavam. Ela se fôra, é verdade, mas aqueles homens estavam ali, vivos e vivos estavam centenas de outros, vestindo aqueles mesmos uniformes...

— Alguns de nós têm mesmo de sacrificar-se, e de morrer pela causa... — ficou a murmurar.

Dois dos oficiais apanharam-lhe o murmúrio. Um puxou o outro para o lado.

— Ouviste? O rapaz parece que ficou sofrendo da bola... Parece que o mergulho lhe tirou o juízo.

Mas Clever estava sorrindo, é esperando. Esperava ir ter com o Oficial do Serviço Secreto, no navio transporte... Tinha uma informação importante a dar-lhe.

## A PONTE DE IWAKUNI

JUNTO ao mar interior, no distrito de Suwo (Japão), existe uma pequena cidade comercial e fortificada, de nome Iwakuni, situada na desembocadura do rio Nisnikigawa. Foi nessa cidade que, há muito tempo, teve o seu quartel-general o famoso daimio Kikkawa, cujo castelo, construído em posição privilegiada, resistiu a todos os ataques, durante o mais turbulento período da história do Japão. No lugar desse castelo existe, hoje, um templo encantador, dedicado a Kato Kiyomasa. Em volta do templo ainda existe o notável parque, na construção do qual o famoso príncipe Kikkawa empregou tanta magnificência.

Mas, ainda que sejam grandes sua importância e interesse histórico, o que mais atrai a atenção naquele pequeno porto de mar, é a grande ponte estendida sobre o rio Nisnikigawa. "Kintalkyo" — a ponte do damasco de ouro — é famosa em todo o mundo. Tem cerca de quinhentos pés de comprimento, descansando seus cinco arcos curvados sobre maciços pilares de pedra. Para a conservação da ponte, existe o costume de reparar um arco de tantos em tantos anos, resultando, em consequência, que a ponte inteira é renovada quatro vezes em cada século.



**DARIA TUDO PARA TER**

*UM Busto perfeito*

**É possível possuir a plastica perfeita do busto, que significa elegância e juventude. Para reconquistar a perfeição do busto use a PASTA RUSSA, que ativa a circulação do sangue, age sobre os tecidos atrofiados e dá firmeza aos seios. Readquira a juventude do busto usando PASTA RUSSA, um produto científico de absoluta confiança.**

**PASTA RUSSA**

Em todas as boas farmacias e drogarias

Distribuidores  
**ARAUJO FREITAS & CIA.**  
Rua Miguel Couto, 88 - Rio



## ACADEMIAS "TOUTEMODE"

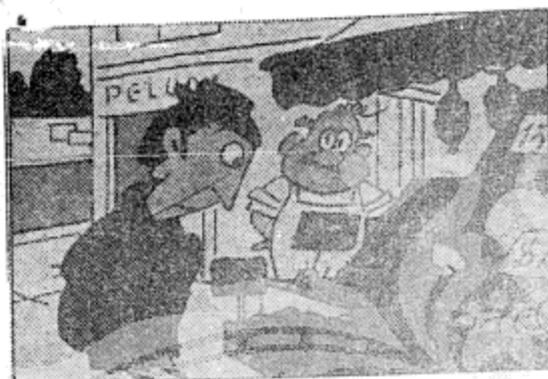
AS Academias "TOUTEMODE" lecionam corte e alta costura conferindo diplomas de professoras com registro no D. Educação. Matriculem-se: Sede: Rua Ramalho Ortigão, 6-1.º — Fone: 22-6835. P. Barão de Drummond, 18, ap. 4 — Rio. Em Niterói: R. José Clemente, 62, sob. Fone 66 76. Petrópolis: R. Floriano Peixoto, 19, sob. Ribelão Preto: R. Cel. Luiz da Cunha, 5. E em Recife: R. da Concórdia, 287. Executam-se moldes por qualquer figurino, a Cr\$ 6,00, e confecções sob medida.

Tomem também, o *Curso pela Rádio Fluminense, PRE-6*, às 3as. e 6as. feiras, das 9 às 9,30, adquirindo os fascículos "TOUTEMODE" ao preço de Cr\$ 15,00 cada um. Direção pelo autor, Prof. J. Dias Portugal.

## SENHORAS!

INUMEROS ATESTADOS MEDICOS COMPROVAM QUE "GYSA" É O PRODUTO QUE DEVE SER PREFERIDO PELAS SENHORAS SENSATAS.

# SEARA ALEGRE



O artista aposentado: — Como estão caros as frutas e os legumes! E pensar que, quando eu trabalhava, o público me atirava tudo isso grátis, no palco...

— Lembras-te, Anacleto? Foi debaixo daquela árvore, que tivemos nosso primeiro encontro!

— Veja só... lá está outro imbecil esperando!



— Contaram-me que o nosso amigo Anacleto foi atropelado por uma "limousine"?

— Exageros... foi um modesto caminhão de carga...

— Então, já puzeste na sala o retrato de teu noivo!...

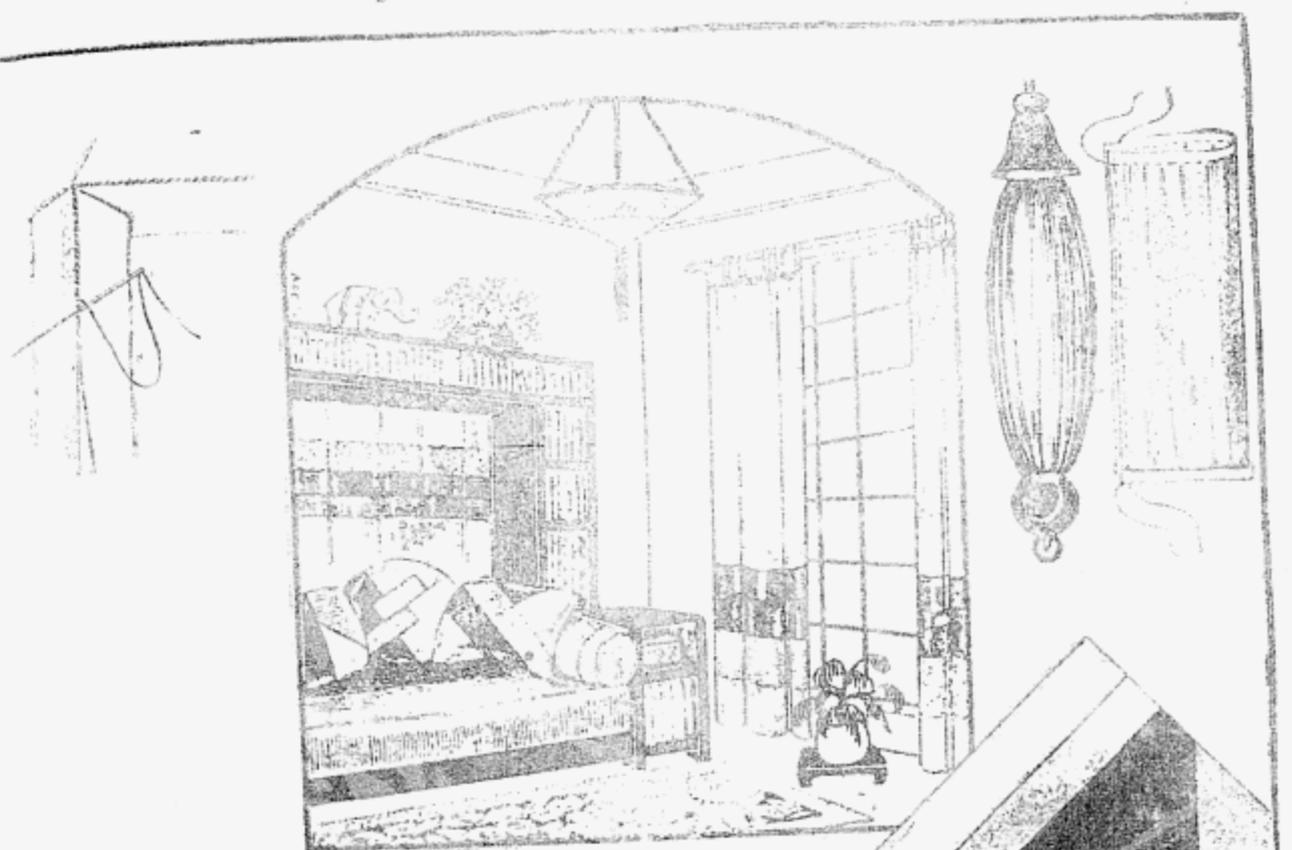
— E' para vêr se, aos poucos, acostumo-me com a cara dele...



— O menino não quer dormir, madame.  
— Então, eu vou cantar um pouquinho, para niná-lo.  
— Não adianta, madame: eu já o ameacel com isso...

— Então confessa ter agredido sua esposa?  
— Senhor comissário, eu sou um homem fino e incapaz de um gesto grosseiro para com uma senhora; o que eu atirei sôbre a cabeça de minha mulher foi um belíssimo exemplar de porcelana de Sévres...

# Algumas idéias

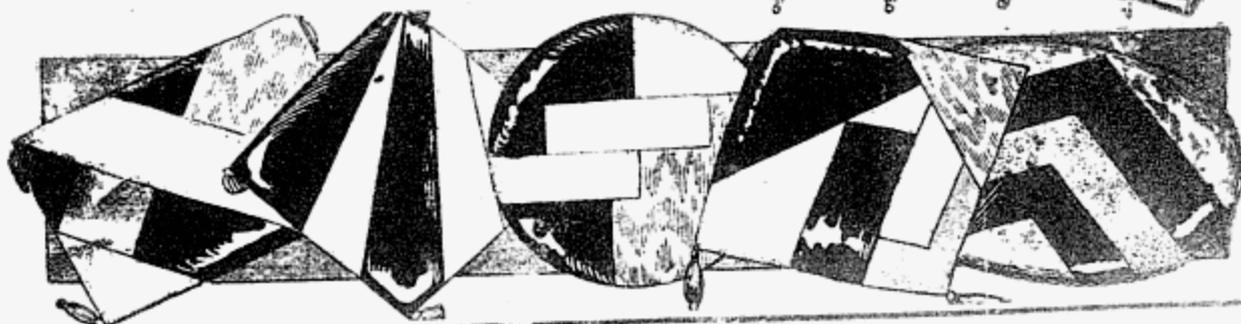
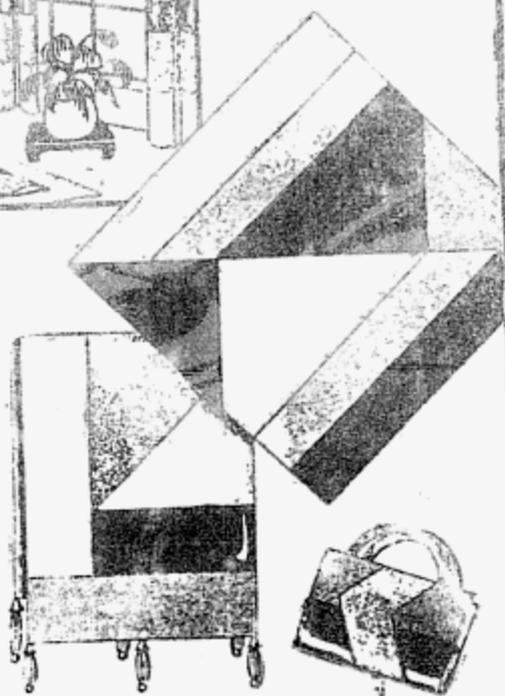


A decoração moderna, cheia de fantasias, nos oferece bonitas e originais idéias para interessantes trabalhos de fácil execução.

Com pedaços de fazenda, podem as nossas leitoras confeccionar diversos modelos de almofadas para guarnecer um divã ou uma varanda.

Seja com pedaços de seda, veludo, feltro, cetim, moires, suedines, lamé e etc.

Do mesmo modo pode ser feito um caminho de mesa, terminado nas extremidades por pingentes, bem como uma pequena pasta para jornais e revistas.





# Presentes úteis

- Louças e Cristais
- Utensílios domésticos
- Aparelhos elétricos
- Rádios, Vitrolas e Discos
- Canetas - Tinteiro
- Oculos de Fantasia
- Relógios - Pulseira
- Artigos para Viagem
- Refrigeradores
- Aparelhos fotográficos e cinematográficos
- Lustres fluorescentes
- Móveis para jardim
- Jogos para salão e jardim
- Brinquedos e Aeromodelos

Visitem nossas  
**EXPOSIÇÕES INTERNAS**

# Mesbla

SOCIEDADE ANÔNIMA  
RUA DO PASSEIO, 48/56 — RIO

Filiais: SÃO PAULO — B. HORIZONTE  
NITERÓI — PORTO ALEGRE — PELOTAS